

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO - MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Rappers do Senhor:

Hip Hop Gospel como ferramenta de visibilidade para jovens
negros pobres e evangélicos

Tâmara Lis Reis Umbelino

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Ayres Camurça

Juiz de Fora

2008

Tâmara Lis Reis Umbelino

Rappers do Senhor:

Hip Hop Gospel como ferramenta de visibilidade para jovens negros pobres e evangélicos

Dissertação apresentada ao Programa de Ciências Sociais do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: Representações Simbólicas.

Aprovada em/...../2008

Prof. Dr. Marcelo Ayres Camurça (Orientador - UFJF)

Dra. Jurema Gorski Brites (PPGSO-UFJF)

Dra. Márcia Leitão Pinheiro (Universidade do Norte Fluminense -UENF)

Este trabalho é dedicado aos milhares de “manos” que, seja com grafite, pick-ups ou microfones; cantam, dançam e rezam por uma vida melhor.

Agradecimento

Após a conclusão deste trabalho, agradecer é, sem dúvida, a chance de fazer justiça. Justiça a uma família formada por um pai que, embora não tenha freqüentado curso universitário, fez muito mais do que o possível para que as duas filhas estivessem sempre estudando e buscando melhores condições de vida. Um torneiro mecânico, o Marcão das Pontes, que, com as mãos sujas do óleo das usinas, preencheu as estantes da casa com livros, equipou os quartos com computadores e, sempre, colocou como primeiro item na lista de contas a pagar a “educação das meninas”.

Como não agradecer a este pai, marido da mãe mais provocadora que já conheci. Aquela que, ao contrário dos mais próximos, nem sempre achou que eu já tinha feito o melhor que podia e, por isto, sempre me fez sair em busca de mais alguma coisa para comprovar que poderia alçar vôo mais alto. Obrigada, Dona Inês, por ter me feito ler mais, ouvir mais, me calar mais e, por ter me dito, mesmo quando eu fracassava na empreitada, que a vida é assim mesmo. Obrigada por ter coado um café e feito um bolo irresistível... para pensarmos em novas possibilidades.

Mas o bolo não era só para mim, não! Ter uma irmã mais nova é sempre assim: ter com quem dividir! Dividir não só o bolo, mas também as dúvidas, as lamúrias, as confissões, o dinheiro para conseguir comprar os livros que o curso pede, dividir os sonhos... Ainda bem que tenho um cunhado bombeiro acostumado com imprevistos e, por isto mesmo, sempre pronto a ajudar. Obrigada, Talita. Valeu, Niltinho!

Quem foi que disse que a gente espera nove meses para ter um filho? Tive que esperar 11 anos. Mas quando ele chegou, originado de parceria com não sei quem, tive certeza de que as coisas iam mudar. E mudaram. Obrigada, Wellington, por sair lá do Vale do Jequitinhonha e vir dar sentido a todas as ânsias de “mainha”.

E como não agradecer a um rapaz que, ao ler meu projeto de qualificação, no horário do almoço, ainda era meu amigo; ao ajudar a tirar cópias e buscar livros nas casas de colegas e professores era meu namorado; na comemoração do resultado da qualificação já havia colocado a aliança de noivado no meu dedo; e assistiu à banca de Defesa como meu marido! Se ainda havia alguma dúvida do significado da palavra COMPANHEIRO, o Thiago me explicou sem precisar dizer uma palavra. E talvez por isto as palavras “te amo” não sejam suficientes para agradecer sua doce presença, sempre

colocando música em minha vida.

E trabalhar em paz não tem preço! Poder terminar este trabalho estafante sem ter um colapso nervoso, em condições de ler, pesquisar e escrever – e ao mesmo tempo casar, criar filho, conviver com amigos, chorar e sorrir –, só foi possível pela humanidade do Mestre que o programa de Ciências Sociais teve a generosidade de colocar ao meu alcance: Marcelo Camurça. Um professor brilhante, estudioso, dedicado e, acima de tudo, generoso! E que, por isto, entende como funciona a “vida real” e soube me fazer chegar até aqui sem perder mais noites de sono do que as necessárias ou negligenciar minha vida pessoal. Obrigada, Marcelo, por mostrar que é possível se tornar “mestre” sem considerar tarefa de segundo plano o ajudar o filho na experiência da escola.

Obrigada enfim a todos os meus professores que, com elogios ou provocações, me fizeram trabalhar mais e ter que dar conta do recado. Um agradecimento especial às professoras Jurema Brites e Fátima Tavares pelas importantes contribuições durante a qualificação. Aos professores Zwinglio Dias e Rogério Nascimento que, por gentileza, me atenderam, indicaram bibliografia e abriram meus horizontes de pesquisa no tocante à sociologia da religião. E ao professor José Dionísio, que tão gentilmente revisou este trabalho, minha eterna gratidão.

Obrigada aos meus amigos que entenderam o motivo de minhas ausências e souberam esperar para comemorar mais esta conquista comigo. Obrigada aos meus alunos do curso de Jornalismo que, com suas centenas de perguntas e solicitações, conseguiram me fazer esquecer que tinha uma dissertação por escrever e me “distraíram” com outras demandas.

Por fim agradeço aos jovens que conheci durante a produção deste trabalho e que, muito generosamente, dividiram suas vidas comigo, compartilharam experiências e me mostraram um mundo muito mais rico do que imaginava. Que este “trabalho final”, mais que uma conquista pessoal, se torne uma resposta aos anseios do grupo de “invisíveis” que conheci no início da pesquisa e que, passando pela opacidade, ao longo da pesquisa de campo – mais do que eu poderia imaginar –, foram se mostrando cada vez mais coloridos, mais multifacetados, mais brilhantes.

O nosso movimento cresce a cada dia das ruas do centro até a periferia.
O hip-hop gospel tá fazendo história, mas só se lembra quem tem boa memória.
Uma rapaziada começou a se juntar e umas idéias começaram a rolar.
Todo mundo que chegava tinha algo em comum.
O Hip Hop era o som nº 1.
Além do fato de todo mundo ser cristão, sejam desde que nasceu ou após a conversão,
mas isso não era suficiente: as letras tinham que ser inteligentes
para alcançar a rapaziada,
que só quer saber de uma vida errada, mas nem tudo era descontração:
faltava apoio da igreja e divulgação.
Seremos chamados de loucos com certeza além de o nosso rap ser uma autodefesa...

Apesar da falta de oportunidade, nossa galera vai cantando por toda a cidade.
Muita gente boa... Muita gente de talento, fazendo do Hip Hop um grande movimento.
Pra muitos somos fanáticos e loucos, mas vocês não viram nada, ainda é pouco.
Dignidade a gente tem de sobra,
pois o Senhor aperfeiçoa toda boa obra de salvação, de cura e libertação.
Usando e abusando da nossa liberdade de expressão,
seguimos fortes, cada vez mais nós temos a fórmula mágica da paz .
Vem! Vem sentir, vem provar, vem experimentar.
Tenho certeza que você vai se amarrar: mais que um barato, uma curtição.
Algo novo para abalar seu coração. E, como eu, você vai poder dizer: “Eu acredito no amor de
Jesus Cristo.”
De toda minha alma, eu acredito.
Louvado seja o nome do Senhor.

(Gospel Rap - Dj Alpiste)

RESUMO

O presente trabalho se propõe a compreender de que maneira grupos formados por jovens, negros, moradores das periferias das grandes cidades e, em nosso caso particular, Juiz de Fora, encontram no meio religioso condições que possibilitem a formação de sua identidade e a construção da auto-estima, ao contrário do que acontece nos veículos de comunicação de massa.

Pesquisar este fenômeno em nossa cidade e as conseqüências para grupos de jovens, negros, moradores da periferia mostra-se importante. Buscou-se aqui uma perspectiva comparada com um grande número de trabalhos que vem sendo feito neste tema, e similares, por pesquisadores de todo o país. Para tanto, baseamos nossa pesquisa em quatro eixos principais: a questão da negritude; do que é ser jovem pentecostal negro e morador da periferia.

Em busca de valores que possam reconstruir uma identidade fragmentada e/ou fragilizada, estes jovens se unem em um grupo denominado Ministério Galera de Cristo, no qual discutem política, direitos humanos e também religião. Na busca da compreensão deste fenômeno, procuramos descobrir que negociações são feitas entre estes jovens e as Igrejas das quais fazem parte, para garantir que eles possam participar dos cultos, levando, por exemplo, o Hip Hop para ser dançado e cantado no altar. Como acontecia a opção – se é que era opcional – pelas religiões evangélicas? E, principalmente, que resultados esta aproximação entre os Rappers, representantes do movimento Hip Hop, e as Igrejas Evangélicas estão produzindo.

PALAVRAS-CHAVES: Negritude, pentecostalismo, hip hop, juventude

LISTA DE ANEXOS

- ANEXO 01 - Cartaz de divulgação de evento gospel em Belo Horizonte
- ANEXO 02 - Folder distribuído pela Igreja de Deus no Brasil para orientar seus obreiros sobre fonovisitas.
- ANEXO 03 - Texto Publicado no site da Câmara Municipal de Juiz de Fora, falando sobre matéria que classifica bairros da periferia de Juiz de Fora como “Faixa de Gaza”.
- ANEXO 04 - Cartaz de divulgação da apresentação do Provérbio X em Juiz de Fora
- ANEXO 05 - Estatuto da Igreja de Deus no Brasil.
- ANEXO 06 - Cartaz de divulgação do Café com Hip Hop.
- ANEXO 07 - Cartaz de evento Terças Musicais, promovido pela Prefeitura de Juiz de Fora, divulgando eventos de Hip Hop. Dentre eles a apresentação do Ministério Galera de Cristo.
- ANEXO 08 - Cartaz feito pelos próprios Rappers para divulgação do Café com Hip Hop.
- ANEXO 09 - Foto da Jaqueta usada pelos membros do Ministério Galera de Cristo.
- ANEXO 10 - Lista dos Projetos aprovados na Lei Municipal “Murilo Mendes”.
- ANEXO 11 - Matéria *Tribuna de Minas*.
- ANEXO 12 - Fotos do Ministério Galera de Cristo em entrevista à TV.
- ANEXO 13 - Foto do Ministério Galera de Cristo em entrevista à Rádio Evangélica da cidade.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. O TRABALHO DE CAMPO	10
2.1 A importância da etnografia	10
2.2 Aldeia Global	17
3. CONHECENDO O HIP HOP	22
3.1 O Hip Hop no Brasil	25
3.2 Movimento Gospel	30
3.3 O Hip Hop Gospel	36
3.4 Provérbio X	43
4. O PENTECOSTALISMO NO BRASIL	53
4.1 A Igreja de Deus e o Pentecostalismo brasileiro	56
5. MINISTÉRIO GALERA DE CRISTO	65
5.1 Guetto no Ar	85
5.2 De Nêgo Véio à Negro Bússola	88
5.3 Mais negro que evangélico	92
6. CAFÉ COM HIP HOP	100
6.1 “Jovens” de todas as idades	105
7. CONCLUSÃO	125
8. BIBLIOGRAFIA	135

1. INTRODUÇÃO

Explicitar de onde parto e quais motivações me fizeram dedicar grande parte de meu tempo na confecção deste trabalho são, em minha avaliação, de grande importância para que se compreendam os caminhos percorridos ao longo do estudo, meus facilitadores e as dificuldades pelas quais passei para realizar esta pesquisa que pretende mostrar de que maneira os jovens negros pobres e evangélicos estão buscando visibilidade e construção de uma identidade positiva através da vivência religiosa em igrejas pentecostais através do Movimento Hip Hop Gospel.

Sou jornalista por formação e, ao longo de meu trabalho nas redações, sempre me incomodou o fato de que alguns grupos sociais, como as mulheres negras e pobres, os jovens moradores das periferias e as crianças moradoras de rua, serem sistematicamente invisibilizados pelos veículos de comunicação de massa. Esta é uma situação presente em meu campo de trabalho em Juiz de Fora, igualmente verificável em outras cidades e em veículos de comunicação de alcance estadual e nacional.

Em minhas incursões às periferias de Juiz de Fora, como os bairros Dom Bosco, Linhares, Alto dos Três Moinhos, Santa Efigênia, São Bernardo, Santa Cândida, Milho Branco, dentre tantos outros, para, por exemplo, apurar matérias para editoria de Polícia, ouvia freqüentemente dos jovens que eram entrevistados ou daqueles que se aproximavam para ver o trabalho da equipe de reportagem, que nós, os jornalistas, só “subíamos o morro (bairros populares e favelas) quando havia uma batida policial, mas que não íamos até lá para divulgar as boas ações realizadas pelos jovens da comunidade, impedindo assim que eles se tornassem visíveis também de maneira positiva”.

Enquanto apurava uma ou outra apreensão de drogas, por exemplo, conversava

com jovens moradores das vizinhanças que me pediam para “colocar uma nota no jornal” sobre a apresentação do grupo de dança do bairro, aulas gratuitas de capoeira na praça e outros eventos ligados à produção cultural própria daquela comunidade.

Através de suas solicitações e reclamações era claro o esforço e a vontade que estes jovens tinham de “existir” e se sentirem “percebidos” pela sociedade. Mas, chegando à redação do jornal, a prioridade, e conseqüente divulgação, era dada, invariavelmente, ao lado negativo da história. No lugar do nome dos entrevistados, apenas as iniciais, tarjas pretas nos rostos e manchetes que chamavam para o perigo que estes jovens representam para a sociedade. Atitudes que tornam cada vez mais difícil estabelecer fronteiras entre o retrato fiel destas culturas juvenis e a construção de sentidos para esta parcela de jovens que, muitas vezes, atraem a atenção da mídia “não em razão de seu cotidiano, mas, sim, por causa do quadro sinistro de vida, que supostamente levariam sob a forma de uma organização própria: às gangues” (ALVIM; PAIM, 2000, p. 15). Na grande maioria das vezes, a forma como é descrita a realidade dos jovens que vivem nas periferias tem como ponto de partida as percepções dos jornalistas, responsáveis por “produzir” a notícia, o que, já por isto, as torna questionáveis.

Em busca de uma alternativa para este constante processo de distorção da imagem de algumas comunidades e dos jovens que faziam parte delas e na tentativa de obter uma solução para o trabalho que me envergonhava – não permitindo a auto-realização como profissional da comunicação –, resolvi voltar às salas de aula, mais especificamente para o mestrado em Ciências Sociais, onde poderia, através de estudos da sociologia da religião, antropologia e cursos sobre juventude, buscar, fora das redações jornalísticas e do processo industrial de produção de notícias cada vez mais “vendáveis” (desastres, tragédias, violência e invasão de privacidade), capacitação para reflexão e possibilidades de respostas para questões que tanto me inquietavam.

Foi a partir das questões trabalhadas durante as cadeiras do Mestrado em Ciências

Sociais (Teoria Antropológica, Teoria Social, Cidades Políticas Urbanas e Participação, Antropologia da Religião, Metodologia em Pesquisa Social, dentre outras) que tive a possibilidade de vislumbrar de fato as nuances e os pilares que sustentavam o fenômeno que tanto me interessava. Com o amparo da sociologia da religião, pude aprender sobre o percurso do movimento pentecostal até os dias atuais e as transformações vivenciadas por ele ao longo da história. A disciplina *Antropologia da Religião*, ministrada pelo professor Francisco Luiz Pereira para o mestrado em Ciência da Religião, também foi de grande utilidade ao me “localizar” dentro de meu campo de estudo. Estar cursando o mestrado em Ciências Sociais e trabalhando em um projeto tão “afinado” com as Ciências da Religião, me permitiu transitar por estes cursos e, desta forma, melhor me qualificar para a pesquisa que se colocava à minha frente.

Foi também durante as aulas no mestrado que me familiarizei com a etnografia, tão importante para a execução deste trabalho. Foi através da leitura de uma dezena de etnografias e das experiências compartilhadas pelos professores Jurema Brites e Octavio Bonet, que pude compreender a importância da imersão no “mundo do outro”, para melhor compreensão da realidade, do papel do trabalho de campo na investigação de uma nova realidade e a aproximação com aqueles que se tornariam meus informantes.

Durante o curso *Juventude e Religião*, ministrado por meu orientador, professor Marcelo Camurça, pude conscientizar-me da importância de trabalhar com “juventudes” – assim mesmo no plural – para dar conta de todas as especificidades dos mais diversos grupos, incluindo aí o de jovens rappers, evangélicos e pobres, que me propunha a compreender.

O tempo de leitura, avaliação dos colegas de curso, com visões diferentes e contribuições bibliográficas distintas das que eu estava usando até o momento – além das orientações de outros professores durante a qualificação – foram fundamentais para que o objeto de estudo se definisse e mostrasse quais aspectos deveriam ser levados em

conta para que ele fosse compreendido em sua plenitude.

Isto sem falar da contribuição, ainda que não sistemática, e referências cruciais dos professores Leila Amaral e Gilberto Salgado e de autores como Regina Reyes Novaes, que, em seu trabalho “Ouvir para Crer: os Racionais e a fé na Palavra”, tratou da importância do grupo de Rap, Racionais MC’s e da linguagem religiosa impregnada em suas letras (NOVAES, 2003). Também muito contribuíram Márcia Leitão Pinheiro, responsável por me iniciar no universo da música negra religiosa, demonstrando a força que ela vem ganhando nos últimos anos (PINHEIRO, 2006) e Juarez Dayrell que, muito antes de mim, já havia se debruçado sobre a importância da música, em especial do Hip Hop e do Rap como ferramenta para a construção da cidadania e a socialização da juventude negra e pobre (DAYRELL, 2005).

Para melhor compreender o pentecostalismo, suas formas de celebração e seus valores, recorri aos trabalhos de Ricardo Mariano, que analisa as transformações comportamentais e éticas pelas quais vem passando o movimento pentecostal ao longo do tempo (MARIANO, 1999), além das ligações entre os evangélicos e a mídia no Brasil (FONSECA, 2003) e a gênese da matriz religiosa brasileira e o surgimento do protestantismo ecumênico (BITTENCOURT FILHO, 2003). Pude também, através da literatura, saber mais sobre a configuração evangélica contemporânea e sobre as principais vertentes de diferenciação (MAFRA, 2001).

Tendo a chance de contar com todo este aporte teórico e prático, pude domesticar teoricamente meu olhar, antes de sair a campo. E desta forma me sentir mais preparada para a investigação empírica sobre a qual dirigiria minha atenção, que já estava previamente instruída para reconhecer muitos dos fatores dos quais, anteriormente, eu sequer sabia da existência (OLIVEIRA, R., 1998). Ao longo da pesquisa muito do “estranhamento” inicial foi desaparecendo e permitindo que os fatos fossem compreendidos de maneira menos “espetacular”, mais próxima da realidade.

Após este primeiro momento era hora de sair em busca de respostas para perguntas como: “De que forma, e por quais motivos, este grupo de jovens, negros, evangélicos, moradores da periferia, constantemente invisibilizados pelos veículos de comunicação de massa, estavam tentando reconstruir sua identidade (NOVAES, 1998) (ALVIM; PAIM, 2000) e buscar reconhecimento social através da religião?” Vale neste ponto me deter para explicar que, ao falar de identidade, estou falando não só do olhar que o jovem, negro, pobre e evangélico tem de si mesmo, mas também do olhar com o qual ele é visto pela sociedade que o rodeia, e de que maneira estas relações o afetam.

Para encontrar possíveis respostas para esta questão, tornava-me necessário descobrir quais negociações são feitas entre os jovens e as Igrejas das quais fazem parte, de maneira a garantir que pudessem participar dos cultos levando, por exemplo, o Hip Hop para ser dançado e cantado no altar. Como acontecia a opção – se é que era opcional –, pelas igrejas pentecostais, tendo em vista a relação que grande parte delas costuma fazer ao considerar o “mundo” e a sociedade (secularizada) como o lugar do “pecado” e do “diabo”? Os garotos não se sentiam discriminados em sua negritude (SANSONE, 2002)? Esta aproximação entre os Rappers, representantes do movimento Hip Hop, e as Igrejas Evangélicas, que tipo de resultados vinham trazendo para ambos os lados?

O primeiro passo dado na tentativa de compreender este fenômeno foi voltar, agora como Mestranda em Ciências Sociais e orientada pelo olhar técnico formado durante os cursos, àqueles que eram meus entrevistados durante minha atuação como jornalista e que, a partir deste momento, passariam a ser meus informantes, e procurar ajuda para compreender o fenômeno do Hip Hop Gospel, que a cada dia ganha mais força e adeptos nesta faixa da população, em todo o país. O “deslocamento” dos rituais religiosos para os salões de baile, ruas e “guetos” – como os próprios rappers costumam dizer – é um processo cada vez mais forte e presente nas periferias das grandes e pequenas cidades

de todo o Brasil.

De maneira a facilitar a compreensão dos fatores envolvidos durante a produção desta dissertação, no capítulo **O TRABALHO DE CAMPO** mostro como se deu a aproximação e o relacionamento com os pesquisadores do assunto e os jovens envolvidos no movimento Hip Hop Gospel. Explicito as ferramentas utilizadas para a pesquisa, como as páginas de relacionamento na internet, nas quais mantive contato “permanente” com o grupo estudado além de estar sempre informada acerca da agenda cultural e religiosa e da opinião dos jovens sobre estes acontecimentos. Através da observação participante e da realização de entrevistas, a aproximação com o grupo e possibilidade de “enxergar” o fenômeno do Hip Hop religioso a partir do ponto de vista deles, se tornava mais plausível com o passar do tempo. É neste momento que demonstro, a partir do percurso, mediado pela bibliografia, aulas e trabalho de campo, o primeiro contato com o fenômeno religioso-musical em sua multiplicidade e complexidade.

No capítulo **CONHECENDO O HIP HOP**, apresento esse movimento, os elementos que o compõem (rap, grafite, MC, Djs e mais recentemente um quinto elemento: a informação), resgatando sua história, desde o surgimento nos Estados Unidos até a chegada ao Brasil e em seguida a Juiz de Fora. Apresento também o segmento Gospel deste movimento, os cantores e grupos que se apresentam pelo país e o público consumidor deste gênero musical. Abro espaço para o grupo brasileiro Provérbio X, um dos maiores expoentes do Rap Nacional Gospel que me permitiu, através de entrevista, conhecer como este fenômeno se apresenta não só em Juiz de Fora, mas também em outras partes do país.

A seguir, no capítulo **O PENTECOSTALISMO NO BRASIL**, apresento a Igreja de Deus no Brasil e as normas que a regem. Busco compreender a realidade vivenciada pela Igreja de Deus situada no bairro Ipiranga, periferia da Zona Sul de Juiz de Fora, para conhecer o pastor, os fiéis e a comunidade do bairro onde surgiu o primeiro grupo de Hip

Hop Gospel da cidade, um dos primeiros do país, e que já está incentivando o surgimento de outras manifestações culturais do gênero não só em Juiz de Fora, mas igualmente em toda a região. Em seguida, no capítulo **MINISTÉRIO GALERA DE CRISTO**, apresento o Ministério Galera de Cristo, suas propostas, ações e – claro – a figura de seu fundador: um jovem negro, pobre, com baixa instrução, que já esteve envolvido em assaltos e consumo de drogas, mas que, após a conversão religiosa, se tornou um líder carismático capaz de reunir dezenas de milhares de jovens em torno de uma mesma idéia e que atualmente vive em função, exclusivamente, de divulgar o evangelho e resgatar outros jovens da marginalidade, utilizando como ferramenta o Hip Hop Gospel.

Após conhecer os atores, passo, no capítulo **CAFÉ COM HIP HOP**, ao evento, em que os jovens se reúnem para discutir política, religião, preconceito racial, utilizando para isto os elementos da cultura Hip Hop. Busco compreender os valores norteadores desta cultura e quais motivações os movem. O nome do evento deixa claro o objetivo ao qual ele se propõe: ser, como acontece geralmente em um “café”, local para conversas, trocas de experiências e informações entre os participantes, muitos deles, moradores de cidades vizinhas que viajam exclusivamente para comparecer ao Café com Hip Hop. Além, claro, de oferecer oportunidades para apresentações de dança, canto e mostra de grafiteagem dos rappers presentes. Preocupei-me em compreender, de maneira minuciosa, quais são os elementos constituintes da juventude que estou estudando e de que forma eles se relacionam para os resultados que são trabalhados no último capítulo desta dissertação.

Finalmente, na **CONCLUSÃO**, apresento de que forma a vivência religiosa – sobretudo utilizando como expressão primordial o Hip Hop Gospel – vem servindo para que jovens, negros, evangélicos, com histórico de criminalidade e violência em suas famílias, possam de fato construir uma identidade positiva, ao contrário do que vivenciam diariamente quando vêem seus rostos expostos em veículos de comunicação de massa. Fazendo este caminho, analiso as negociações existentes entre eles e as igrejas

pentecostais, e as modificações vivenciadas no interior dos templos para que este novo grupo fosse aceito e tivesse condições de se expressar em seu próprio “dialeto”.

Aproveito este preâmbulo para evidenciar a incompletude deste trabalho, que se viu limitado pelo tempo e pela extensa bibliografia sobre pentecostalismo, negritude, juventude e lazer. Quisera ter tempo de ler e me aprofundar em toda a bibliografia existente sobre o tema e conversar com todos os interessantes personagens que cruzaram meu caminho. Que este trabalho não seja fim, mas sim um meio de pesquisar mais, conhecer mais, e desta forma contribuir de maneira significativa para a comunidade acadêmica e para aquela outra comunidade que ainda está mais próxima das latas de spray, pick-ups e bailes, do que das salas de aula. Comecei este trabalho como uma jornalista interessada em conhecer mais sobre a realidade que me cercava e o terminei como Cientista Social, que agora sabe que há um mundo ainda mais fascinante para ser descoberto.

2. O TRABALHO DE CAMPO

2.1 A importância da etnografia

Comprometi-me a fazer um trabalho etnográfico, ao longo de um ano (entre 2006 e 2007), que me permitisse acompanhar de perto, pessoal ou virtualmente, as ações desenvolvidas pelo grupo de rapazes participantes do movimento hip hop gospel. Esta aproximação só foi possível depois de um período exploratório e através da observação participante que exigiu, de ambos os lados, uma série de negociações que garantisse minha permanência no grupo.

Foi preciso tempo para me certificar de que um evento pontual não fosse tomado como regra de comportamento do grupo pesquisado. Além disto, só com o tempo foi possível compreender as relações de hierarquia existentes entre eles e como funciona a estrutura social na qual estão envolvidos. Desta forma foi possível recolher material para meus estudos, não só através de entrevistas e respostas que poderiam ser pré-fabricadas, mas também pela postura assumida pelos membros do grupo com relação a mim e entre eles mesmos. Capacitei-me para melhor ouvir, ver e fazer uso de todos os sentidos para saber, de fato, o que perguntar durante as entrevistas (VALLADARES, 2007). Estas foram todas gravadas e transcritas para facilitar o trabalho e garantir que não se perdesse, ao anotar, o que foi conversado e as expressões que, de tão características deste grupo, são chamadas por eles de *dialeto*.

Esta foi, inclusive, uma das maiores dificuldades que enfrentei ao longo da produção do trabalho. O vocabulário utilizado por eles era extremamente reduzido e expressões como “o que existe no Brasil é a linha do equador: dividindo pobres e ricos” ou “a periferia tem a metamorfose” eram repetidas inúmeras vezes e muitas delas com intenções diferentes, o que requisitava um esforço extra para compreensão sobre o que de fato eles queriam dizer. Foi preciso tempo para que expressões como “zé güela”

(delator), “quebradas” (locais de encontro) e “o bagulho é louco” (a sensação experimentada é muito forte) se tornassem mais familiares para mim. Compreender o que estava subentendido cada vez que um dos garotos proferia uma destas expressões e o motivo por que optaram por usá-la, foi para mim um exercício diário ao longo da produção deste trabalho. À medida que os conhecia, percebi que se tratava do estilo rapper de ser, que se manifesta, dentre outras coisas, em uma linguagem própria, gírias e elementos estéticos (DAYRELL, 2005), podendo, desta forma, resolver um problema de entendimento que era meu, e não de meus informantes.

Daí a importância do trabalho antropológico como forma de inserção no grupo pesquisado, freqüentando seus rituais e participando de seu cotidiano de forma intensiva, o que me levou a captar seu estilo de vida, o que não seria possível contando apenas com o recurso das entrevistas.

Para evitar que a todo momento fossem necessárias interrupções para explicações sobre este *dialeto* empregado por eles e, na tentativa de não intimidar os informantes, utilizei, em meu trabalho de campo, um pequeno gravador digital. Este recurso permitiu que muitas vezes as gravações, que sempre foram feitas com o consentimento dos entrevistados, fossem quase “esquecidas”, haja vista o tamanho reduzido do gravador que era colocado sobre a mesa junto a outros objetos como bolsas, cadernos e copos. Foi mais fácil “quebrar o gelo” e conseguir uma atmosfera intimista com um gravador que “desaparecia” aos olhos do entrevistado pouco tempo depois de ser ligado.

Diminuindo o tempo gasto com a transcrição de diálogos e declarações, a opção pela gravação digital também permitiu mais fácil acesso aos trechos que de fato interessavam, neste momento em especial, para a realização deste trabalho. Para aproveitar ao máximo o tempo e as informações obtidas durante as entrevistas, utilizamos a experiência como jornalista com a qual aprendemos que a maioria das pessoas, apesar de concordar em gravar a conversa, tende a não falar de forma tão natural quando sabe

que suas declarações estão sendo arquivadas. Este fato foi percebido claramente nas primeiras entrevistas realizadas com o líder do Ministério Galera de Cristo, grupo que serviu de “aldeia” para nossos estudos. A impressão que tive foi de se tratar de um discurso feito para ser “publicado”. Esta sensação foi causada pela postura, por vezes teatral, dos entrevistados e pelo uso exagerado de chavões e palavras de ordem, geralmente direcionadas para serem “manchetadas” por veículos de comunicação.

Nossa primeira conversa para a produção deste trabalho se pareceu muito mais com uma entrevista, feita para ser publicada por jornais, do que com uma conversa para uma estudante fazendo um “trabalho de faculdade” como havia explicado de que se tratava esta pesquisa. Desde o início, todos os entrevistados estiveram cientes de que estava sendo produzido um estudo sobre o movimento Hip Hop Gospel e as implicações para aqueles que faziam parte dele, com o objetivo de ser apresentado na faculdade.

Uma provável razão para que tivessem assumido esta postura de “entrevistado profissional” pode ter sido causada pelo fato de grande parte dos jovens com os quais conversei, haver me conhecido a trabalho, como jornalista, e por isto mesmo, já termos tido contatos anteriores para entrevistas em rádios e jornais. O que fez com que, mesmo explicando que desta vez meu esforço para a compreensão do fenômeno do Hip Hop Gospel tinha outra motivação, ainda houvesse muita confusão na forma como eles me viam e se dirigiam a mim. Sem dúvida, estávamos diante de uma negociação entre as questões que interessavam compreender e as informações que interessavam ao grupo divulgar. Eu, enquanto jornalista e pesquisadora, representava para o grupo a possibilidade de alcançar visibilidade.

Para garantir maior naturalidade às entrevistas, tentei, utilizando a experiência adquirida nas redações de rádio e jornal, iniciar a conversa, sempre que possível, com assuntos mais confortáveis para o entrevistado; nada que pudesse causar polêmica. Além disto, nem tudo que se diz pode ser gravado. É preciso garantir o momento da “conversa”

e do “bate-papo” que, diferente da entrevista, é informal, não tem hora para começar nem para terminar. Em momentos como este, pude, por exemplo, ouvir sobre futuras pretensões políticas de um entrevistado. Por isto mesmo, ao desligar o gravador, a atenção ao que estava sendo dito foi redobrada, garantindo que nem um detalhe fosse perdido e logo que as entrevistas terminaram me apressei em anotar os pontos mais importantes em meu diário de campo.

A observação participante foi fundamental para a realização deste trabalho. Muitas vezes percebi que o discurso já estava pronto e que, assim como é passível de acontecer com todos nós, nem sempre temos clareza para perceber quais interesses estão subentendidos em nossas ações e desejos. Foi um exercício constante me lembrar a todo instante que a bagagem cultural que adquiri ao longo do curso, aprendendo sobre as nuances do Hip Hop Gospel e as facetas nem sempre reveladas à primeira vista pelo movimento, não haviam estado à disposição de meus entrevistados. Além disto, eles também não haviam freqüentado uma faculdade de Jornalismo e, por isto, o discurso, a linguagem e, talvez, as intenções e interpretações dos fatos, não fossem as mesmas que eu percebia.

Procurar “enxergar” estes jovens com um olhar mais próximo do deles e menos parecido com o de uma jornalista, negra, de classe média, criada em uma família católica, com o “pré-conceito” de que os valores relativos à negritude estavam, necessariamente, ligados à origem histórico-cultural africana, não foi um processo fácil. Contribuíram significativamente para esta dificuldade o fato de que a maioria dos temas ligados às manifestações da cultura negra no Brasil nos remete, imediatamente, aos aspectos remanescentes da origem africana.

Sendo assim, faz-se importante esclarecer que trabalharei com o conceito de cultura negra defendido por Lívio Sansone (SANSONE, 2002), segundo o qual ela pode ser definida como uma “subcultura” de pessoas de origem africana que, dentro de um

sistema social (com ênfase no sistema de cor ou descendência) faz desta característica um importante critério de segregação. Desta forma, a cultura negra não pode ser entendida como algo fixo, pois é, claramente, fruto de relações sociais.

Assim, nem todos aqueles que, através de um sistema válido de classificação, pudessem vir a ser considerados negros, podem se reconhecer como tal, pelo menos o tempo inteiro. Para Sansone, “qualquer tentativa de definir de forma estreita o que é uma cultura negra, estabelecendo uma pretensa essência universal, funciona como um cobertor curto – deixa insatisfeitos uns e outros” (SANSONE, 2002, p. 65). Nesta linha de raciocínio, os termos “cultura negra” e “raça” seriam mais bem utilizados como uma categoria nativa e não exatamente como um instrumento analítico. Opinião compartilhada por Roberto Cardoso de Oliveira para quem fenômenos como as “flutuações” da identidade étnica e o constante exercício da identificação étnica “devem ser interpretados como o esforço muitas vezes dramático do indivíduo e do grupo para lograrem sua sobrevivência social” (OLIVEIRA, R., 1976, p. 25).

O senso comum, muitas vezes, privilegia a tendência em concentrar esses estudos a respeito dos movimentos ou manifestações culturais negras em interpretações e aproximações de um imaginário voltado para a África (SOUZA, J., 2004), porém estudos mais recentes mostram que esta relação não se dá, necessariamente, de maneira direta. Portanto, falando em etnicidade, é fundamental levar em consideração fatores históricos, lingüísticos e psicológicos. A construção da identidade é algo mais complexo do que pode parecer e se constrói diariamente no contexto das trocas sociais.

Na América Latina, na verdade, a África tem sido não só parte da construção da cultura negra, da cultura popular e de um novo sistema religioso sincrético, mas também do imaginário associado à nação moderna e, em geral, à modernidade e ao Modernismo. Imagens, evocações e (ab)usos da África têm sido, portanto, resultado de uma interação e de um conflito entre intelectuais brancos e lideranças negras, entre as culturas popular e de elite, e entre idéias políticas desenvolvidas na Europa Ocidental e nos Estados Unidos e suas

Tendo consciência destes estudos e de minhas limitações, foi mais fácil participar dos eventos, religiosos ou não, tirando proveito da observação participante. Resisti à tentação de me vestir como os rapazes e moças do movimento Hip Hop, apesar de me pegar muitas vezes pensando se deveria ou não colocar meu boné branco e tênis importado para ser mais bem aceita pelo grupo. Optei por deixar claro para todos que, apesar de meu real interesse pelas atividades desenvolvidas por eles, não fazia parte desse movimento.

Um fator que, tenho certeza, facilitou meu acesso aos entrevistados e aos locais onde aconteciam os eventos foi o fato de, assim como eles, ser negra. Apesar de estar ali como pesquisadora e de todos saberem que não moro, nem nunca morei, na periferia; que durante a realização do estudo trabalhava em uma emissora de rádio católica e que não fazia parte do movimento Hip Hop, acredito que uma ligação mais forte do que todas estas diferenças aconteceu pela questão racial. Nossa “semelhança” física fez com que eu passasse despercebida durante os eventos e que minha presença não se destacasse no meio desses garotos e garotas. Todos sabiam que eu não era uma das integrantes do movimento, mas nunca me senti vista como uma intrusa.

Outro fator que, acredito, facilitou minha aceitação pelo grupo foi o fato de participar dos cultos e eventos aos quais era convidada. Tive a chance de comparecer, com minha família, a celebrações e apenas participar da cerimônia, não gravando entrevistas ou fazendo perguntas; mostrando que meu interesse era de fato real e que os encontros poderiam se dar também a partir das demandas deles e não apenas das minhas. Isto fez com que os laços se estreitassem e que, ao longo da produção do trabalho, o líder do Ministério Galera de Cristo solicitasse a documentação (em vídeo) da história da Hip Hop em Juiz de Fora.

Muitos deles sabiam que eu lecionava em uma faculdade de Jornalismo da cidade

e questionaram sobre a possibilidade de formalizarmos uma parceria entre a Instituição de ensino e o grupo que representavam. A faculdade se disponibilizou a capacitar um grupo de estagiários para realizar as filmagens de depoimentos e imagens durante o Café com Hip Hop, do qual falarei mais adiante. Tal parceria fez com que, pelo menos uma vez por semana, durante duas horas, eu tivesse contato com o grupo e pudesse contar, para a produção deste trabalho, com o suporte de fotografias, que ilustram alguns capítulos, e material audiovisual que foi obtido para a produção do documentário.

O fato de poder ajudar, atendendo a uma solicitação deles e mostrar que realmente estava interessada e disposta a mobilizar esforços para conhecer melhor o movimento Hip Hop Gospel, certamente abriu muitas portas para as entrevistas e revelações e atenuou as distâncias que, por ventura, pudesse haver entre nós. Fato que, acredito, contribuiu de maneira significativa para a realização deste trabalho.

2.2 Aldeia Global

Assim como acontece no mundo artístico secular, há também um mercado promissor para os artistas evangélicos que gravam CDs, fazem shows em grandes palcos, além de terem eventos de sua vida particular freqüentemente divulgados pelos veículos de comunicação dirigidos ao público evangélico. Através das rádios, jornais, revistas, programas de TV e, cada vez mais, pela internet, a carreira profissional e vida pessoal desses artistas está disponível para os fiéis e o público secular, que pode vir, ou não, a se converter.

Por redes de relacionamentos da internet, em programas com o Orkut – vasculhando nas páginas de meus informantes e dos “amigos” de meus informantes – pude ter acesso “em tempo real” aos principais eventos que aconteciam na cidade e assuntos que estavam em pauta no cenário do Hip Hop Gospel. Foi fundamental a contribuição da internet e suas ferramentas de acesso livre, anônimo e a qualquer

momento, a informações sobre pessoas, grupos e eventos, para a produção deste trabalho. Afinal, ainda que o acesso sistemático à Internet não seja uma realidade para todos, pesquisas de 2005 mostram que o internauta brasileiro é o que mais tempo navega na rede: 20 horas e 39 minutos por mês (dados de junho de 2006). E entre a camada mais nova, o fenômeno da “grande aldeia global” dá mais mostras de sua força: entre os mais jovens (12 a 17 anos), esse tempo é ainda maior: 28 horas e 30 minutos no mesmo período (MONTARDO, 2006, p. 1).

Ao longo da pesquisa participei de comunidades como “Hip Hop de Crente” e “Hip Hop Gospel”, que contavam com diversos fóruns de discussão sobre os mais variados assuntos, desde a divulgação da agenda de show de grupos conhecidos nacionalmente até opiniões sobre a veracidade ou não do testemunho de conversão de algum artista famoso, divulgado pela mídia, fenômeno este cada vez mais freqüente. Não são raras as reportagens sobre cantores e cantoras seculares que se converteram e passaram a se apresentar com repertório exclusivamente religioso.

Como exemplo, cito o caso da ex-paquita Ana Paula Martins de Almeida, 30 anos, que esteve presente durante um culto realizado no dia 16 de setembro de 2007 na Igreja de Deus no Brasil, no bairro Ipiranga (Juiz de Fora), do qual também tive a chance de participar. Durante o culto, ela foi chamada ao palco para dar seu testemunho, mas, antes, cantou uma música do novo CD, mesmo sendo evangélica desde a infância, ao contrário da história de outros artistas que hoje ganham a vida no cenário gospel, como as baianas Mara Maravilha e Baby Consuelo, o romântico Nelson Ned e “cantores pop” como Rafael Ilha (grupo Polegar) e Nil (grupo Dominó); isto sem falar de roqueiros como Rodolfo (ex-Raimundos). Um dado em comum na história destes artistas é o fato de que a opção pelo trabalho exclusivamente com música religiosa coincide, na quase totalidade das vezes, com o declínio na carreira artística.

Na opinião de muitos fiéis, esta opção talvez não chegue a ser uma conversão

religiosa. Para eles trata-se de resgate na popularidade, vendagem de CDs e uma forma de, através da grande fatia do público consumidor de música formado pelos evangélicos, se manter na mídia. Esta desconfiança é causada pelas mudanças ocorridas principalmente a partir dos anos 1990. Até essa época a maioria dos cantores evangélicos contava apenas com uma pequena audiência formada pelos féis, mas, com a fundação das empresas fonográficas e a distribuição de CDs de maneira profissional, muitos destes artistas tornaram-se celebridades. Atualmente nota-se que há um processo de industrialização e massificação da música tocada e produzida pelos evangélicos no Brasil. Prova disto é a variedade de ritmos e o surgimento de inúmeros grupos, cantoras e cantores com repertório exclusivamente religioso (PAULA, 2007).

Para compreender melhor este “mercado evangélico”, que cresce a olhos vistos, além de fazer parte destas comunidades, incluí entre meus amigos muitos artistas religiosos (o que me permitia dentre outras coisas ter acesso ao álbum de fotos destas pessoas e também à sua listagem pessoal de recados informando, dentre outras coisas, sobre eventos do Hip Hop Gospel que aconteceriam na cidade e região e, mais do que isto, sobre as impressões que tiveram em relação a eles – afinal no dia seguinte ao evento havia ainda mais informações disponíveis do que nas semanas que os antecederiam –, além de me permitir contato diário com a linguagem destes “novos amigos” e “estreitar” os laços, facilitando o acesso em momentos de entrevistas).

Em minha avaliação, esta foi também, uma nova forma de observação participante a partir do momento em que pude observar (fotos, diálogos, a visão que tinham de si mesmos nas descrições de seus perfis, as relações de “amizades” feitas entre eles, tendo como base “quem” e “como” conversavam), utilizando, grande parte das vezes, o anonimato que apenas a internet nos permite e outras vezes me expondo para perguntar sobre eventos ou apenas trocando, de forma descompromissada, impressões sobre as celebrações das quais havia participado. Através da *netnografia* (MONTARDO, 2006)

pude ganhar tempo, pesquisando em sites de todo o país e conversando em tempo real com entrevistados que estavam a quilômetros de distância, sem que para isto precisasse registrar gastos mais altos do que uma pequena elevação na conta de energia para manter o computador ligado. Outro grande facilitador foi o fato de poder manter grande parte do material recolhido arquivado, fosse ele em texto, áudio ou vídeo (MONTARDO, 2006).

Tendo em vista todas estas facilidades pude assumir uma postura “participante” na observação. Além de visitar os sites e observar, fiz questão de participar das comunidades virtuais, ler sobre os assuntos propostos em fóruns, solicitar que alguns destes jovens, além de me adicionar como “amiga”, também me explicassem expressões do “dialeto rapper” que ainda não estavam suficientemente claras para mim ou a importância de eventos que eu ainda não conhecia bem. Enfim, tentei, da forma como foi possível, fazer parte do grupo. E, mais do que isto, fazer com que esta sensação de pertencimento fosse compartilhada com eles.

No entanto, para garantir eficácia na utilização da netnografia, foi preciso, antes de tudo, reconhecer as principais diferenças existentes entre ela e a etnografia “tradicional”. Conforme Montardo (2006), uma das principais diferenças está no tocante às formas de comunicação. Afinal, na netnografia, a conversa é mediada pelo computador, e não é leviano dizer que costumamos pensar mais para escrever do que para falar, e que a entonação e o gestual que acompanham uma conversa muitas vezes dizem muito a respeito do discurso. Além disto é preciso lembrar que, embora já existam programas de relacionamentos que permitam bloqueios a determinadas seções como: álbuns de fotos ou lista de recados, o ambiente virtual se caracteriza pela disponibilidade e publicização dos dados.

Outro ponto que merece destaque é o fato de que, se para o pesquisador o anonimato possibilitado pela Internet pode ser um aliado importante durante as pesquisas,

é fundamental lembrar que ela também atua a favor dos informantes que podem “mascarar” sua identidade, como lhes for mais conveniente. Por isto mesmo, a netnografia apesar de ser uma ferramenta extremamente útil no caso de algumas pesquisas, deve ser aliada a entrevistas, etnografia, leitura bibliográfica e tantos outros métodos que possam melhor construir a ponte entre o objeto e o pesquisador.

3. CONHECENDO O HIP HOP

Antes de tratarmos do Hip Hop Gospel vale a pena lembrar a história do Movimento Hip Hop no Brasil e no mundo. Na década de 60 as brigas de gangues eram freqüentes nas periferias de grandes cidades norte-americanas, em especial no bairro novaiorquino do Bronx, habitado, em sua quase totalidade, pela comunidade negra e pobre. Uma destas gangues era a *Black Spades (Espadas Negras)*, conhecida por cometer atos de vandalismo para demarcar seu território e garantir espaço no bairro. A *Black Spades* era comandada por Kevin Donovan, produtor de festas e colecionador de discos.

Após assistir ao filme “Zulu”¹, que tem como temática a guerra entre ingleses e negros por posses de terras, Kevin decide se tornar também um “guerreiro zulu” e mudar a realidade da comunidade na qual vivia. Pouco tempo depois passa a ser conhecido com *Afrika Bambaataa* (nome inspirado em um guerreiro zulu que enfrenta os ingleses para recuperar seu próprio território). No lugar das brigas de rua, começava a era da disputa através da música, dança e propagação do lema criado por *Afrika Bambaataa* após sua viagem à África: “*peace, unity, love and having fun*” (paz, união, amor e diversão). O movimento ganha força e, em 12 de novembro de 1973, é inaugurada a *Zulu Nation*, primeira e mais famosa “posse” (nome dado aos grupos formados por rappers que se dispõem a promover ações sociais para promoção da qualidade de vida na sociedade na qual estão inseridos) já conhecida (BALBINO; MOTTA, 2006).

Formada por Djs (disque-jóqueis), MC’s e b.boys (dançarinos), a “posse” ajudou a diminuir drasticamente o número de ocorrências de violência no Bronx. Com a chegada deste novo “movimento”, o desconforto e as agressões (não é possível negar que o clima de hostilidade e agressividade ainda persistisse) encontravam sua “válvula de escape” nas rimas e versos do Rap e nos concursos de dança de rua.

O Hip Hop – termo com origem na expressão norte-americana que quer dizer

¹ Zulu (Zulu, Inglaterra, 1964). Diretor: Cy Endfield. Sinopse: Em 1879, uma centena de soldados britânicos tenta defender uma missão de seu país na África contra o ataque de milhares de guerreiros Zulu, no episódio histórico que ficou conhecido como 'a defesa de Rorke's Drift'. Link: <http://epipoca.uol.com.br/filmes/detalhes.php?idf=17871>

movimentar os quadris (to hip, em inglês) e saltar (to hop) – era formado, em sua origem, por quatro elementos fundamentais Rap (rhythm and poetry, isto é, “ritmo e poesia”), MC (Mestre de Cerimônias – responsável por versar ao microfone e dar, literalmente, voz ao movimento), Graffiti (arte com sprays nos muros e telas) e o Break (dança de rua) utilizada, dentre outras coisas, para criticar a Guerra do Vietnã. Os movimentos realizados pelos dançarinos (como se estivessem com os braços quebrados) lembram soldados mutilados na guerra e o mais conhecido passo da dança, no qual o dançarino se apóia no chão, sobre a cabeça, e gira as pernas que estão estendidas para cima, faz referência às hélices de helicópteros usados durante o conflito (BALBINO; MOTTA, 2006, p. 66). O corpo e a dança davam vida ao ideal de paz proposto por *Africa Bambaataa*.

Com o passar do tempo, um quinto elemento foi adicionado às bases do movimento Hip Hop: a informação. Conhecer os motivos históricos que deram origem ao preconceito racial e/ou à desigual distribuição de renda nas sociedades e buscar, de maneira incansável, soluções para alterar o quadro de exclusão a que a grande maioria deles está submetida, é uma das molas mestras do movimento Hip Hop e que mais claramente os distancia dos funkeiros, por exemplo, que, apesar de terem uma estética parecida e “curtirem” o mesmo tipo de som, priorizam o ócio e a recreação em detrimento da conscientização de seu público ouvinte.

Um dos maiores trunfos do Rap é a sua capacidade de disseminação entre esta parcela de jovens, facilitada, provavelmente, pela possibilidade que ele oferece da construção de um discurso distinto daquele comumente usado quando se fala em discriminação e valorização da raça. No lugar de lamúrias, as letras das músicas não se dirigem ao “racista”, ao policial negligente ou ao “playboy” do asfalto. O discurso agora é dirigido para “o igual”. As letras de RAP são, em sua grande maioria, uma “chamada” para a tomada de consciência por parte dos “brothers” que são “convocados” a deixar de lado o papel de vítimas marginalizadas e assumir a postura de protagonistas no processo de

mudança. O resgate da auto-estima e trabalho de conscientização, principalmente da população jovem, negra e pobre é, segundo os porta-vozes do movimento, o motivo principal para o crescimento e fortalecimento da cultura Hip Hop em meio à população negra, jovem e marginalizada (DAYRELL, 2005).

Nos pés, tênis enormes e sempre parecendo estar sendo usados pela primeira vez; as calças são coloridas e largas, feitas de tecido macio e flexível para ajudar na hora da dança. As camisetas, na grande maioria das vezes, fazem referências a times de basquete norte-americanos ou são ilustradas com fotos de líderes dos movimentos negros dos Estados Unidos. Na cabeça penteados ao estilo “black power” para os rapazes; tranças e apliques para as moças. Em certos setores da sociedade já se percebe, uma nova negrofilia, que cria um novo espaço para certas formas de negritude estetizada (SANSONE, 2002). O espaço do movimento Hip Hop é, sem dúvida, um catalisador de ações e posturas que promovam a auto-estima de jovens negros e pobres.

3.1 O Hip Hop no Brasil

Na década de 80, o movimento Hip Hop toma conta das ruas de São Paulo, ocupando, principalmente, a região da Rua 24 de Maio onde, até hoje, se reúnem rappers de toda a cidade para comprar discos, cuidar do visual e, claro, dançar e cantar. Aqui no Brasil a relação entre o raiar do movimento e a redução no índice de criminalidade na periferia também se fez sentir.

Prova disto é que, no país, os grupos que ganharam notoriedade no cenário musical, em sua maioria, são conhecidos principalmente por sua postura de combate à criminalidade e ao tráfico de drogas. Um grande número deles também atua conjuntamente com instâncias governamentais na promoção da paz. (NOVAES, 2003)

Atualmente, além de São Paulo, referência para rappers de todo o país, a cidade do Rio de Janeiro é destaque no cenário nacional através do trabalho feito pela CUFA² (Central Única das Favelas) surgida em 1998 com o objetivo de capacitar jovens moradores das periferias a contar sua própria história através de aulas de cinema e áudio-visual, dança, Hip Hop e basquete de rua. Este último prova irrefutável da influência exercida pela cultura norte-americana, na qual o basquete ganha força como elemento cultural das comunidades negras e pobres. No Brasil, o trabalho da CUFA extrapolou as barreiras geográficas da Cidade de Deus, no Rio de Janeiro, e já fincou bases em vários estados como São Paulo, Bahia, Espírito Santo, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Ceará, Mato Grosso, inclusive no Distrito Federal.

Em todos estes cantos do Brasil, o Rap, expressão musical do Hip Hop, é marcado, sobretudo, pela denúncia social e a discriminação dos jovens negros (DAYRELL, 2005). A postura dos MC's no palco, não raras vezes raivosa, demonstra que ali estão jovens insatisfeitos com sua situação social e dispostos a reclamar e exigir melhores condições de vida. Um dos expoentes mais importantes deste movimento é o grupo Racionais MC's, cujos integrantes chegaram, inclusive, a ser presos durante um show em novembro de 1994 no Vale do Anhangabaú (SP) acusados, por policiais, de terem criado tumulto e incitado a violência e o desacato à autoridade.

A influência dos Racionais é facilmente verificável entre os participantes do movimento Hip Hop. Os jovens rappers, do movimento gospel ou secular, quando questionados sobre suas referências musicais e "ídolos", invariavelmente, citam os Racionais em primeiro lugar.

O grupo, formado por Mano Brown (que recebeu este nome em razão da admiração por James Brown), Ice Blue, DJ KL Jay e Edy Rock, começou sua história no final dos anos 80 com apresentações nas periferias de São Paulo. Em 1998, após a

² A CUFA funciona desde 1998 como pólo de produção cultural e através de parcerias ajuda jovens de comunidades carentes, oferecendo perspectivas de inclusão social. Promove atividades nas áreas da educação, lazer, esportes, cultura e cidadania. Página oficial da CUFA: www.cufa.org.br

peregrinação por diversas gravadoras, lançou seu primeiro disco “Rap Consciência Black”. O desconforto e mal-estar causado pela exposição da dura realidade vivida pelos jovens das periferias através das letras de músicas marcou, desde o início, o carreira dos Racionais.

Em 1990 o grupo lança o álbum “Holocausto Urbano”, impregnado de denúncias contra racistas e policiais. Aumentam a polêmica e os números que indicam vendagem de 50 mil cópias do CD. O reconhecimento não demorou a chegar. Em 1991 receberam o prêmio de Melhor Grupo de Rap do ano e em 1992 começaram uma série de visitas às unidades da FEBEM³ e escolas para falar sobre violência urbana.

Prova de que o discurso dos Racionais ganhava mais adeptos a cada dia foi a reunião de cerca de 10 mil pessoas no lançamento do CD “Raio X do Brasil” em 1993. E não foi só a periferia que se rendeu ao trabalho do grupo. Pela Música “Homem na Estrada”, Mano Brown recebe o prêmio Sharp (maior premiação da Música Popular Brasileira) como compositor-revelação do ano.

Um homem na estrada recomeça sua vida.
Sua finalidade: a sua liberdade.
Que foi perdida, subtraída;
e quer provar a si mesmo que realmente mudou, que se recuperou e quer viver em paz, não olhar para trás, dizer ao crime: nunca mais!
Pois sua infância não foi um mar de rosas, não.
Na Febem, lembranças dolorosas, então. Sim, ganhar dinheiro, ficar rico, enfim.
Muitos morreram sim, sonhando alto assim, me digam quem é feliz, quem não se desespera, vendo nascer seu filho no berço da miséria.
Um lugar onde só tinham como atração, o bar, e o candomblé pra se tomar a benção.
Esse é o palco da história que por mim será contada.
...um homem na estrada. (Homem na Estrada - Racionais)

Mas o CD pelo qual o grupo seria lembrado ainda estava por vir. Em 1998 os Racionais lançam “Sobrevivendo no Inferno”. Este disco vendeu mais de um milhão de

³ FEBEM- Fundação Estadual do Bem Estar do Menor, de São Paulo, fundada em 1976 e vinculada à Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social. Sua função era promover o confinamento de menores infratores, mas após uma série de denúncias de maus-tratos foi fechada em 1999 e transformada em Fundação CASA (Centro de Atendimento Sócio-educativo a Adolescentes).

cópias e tornou os “porta-vozes” da periferia conhecidos por um público formado por pessoas das mais diversas camadas sociais, além de mostrar para o segmento fonográfico, a força comercial do Hip Hop (NOVAES, 1999).



Ilustração 01: Negro Bussola (fundador do Ministério Galera de Cristo) acompanhado de Mano Brown, líder dos Racionais MC's e fonte de inspiração para rappers de todo o país.

Figura 01: Bussola e Mano Brown, arquivo pessoal, Juiz de Fora. Encontro durante Apresentação de Hin Hon.

Dessa época datam as histórias conhecidas por todos no movimento Hip Hop: as recusas de entrevistas por parte dos Racionais e a constante recusa à participação em programas de grande audiência nos veículos de comunicação de massa. A resistência em se “vender” ao sistema, neste caso representado pela indústria fonográfica tradicional e pelos programas de auditório com grande audiência na TV aberta, sintetizam uma tensão sempre presente no movimento Hip Hop. Mas, trata-se de uma tensão que, para manter sua marca identitária, deve ser mantida.

Por isto mesmo, os Racionais funcionam para outros rappers como um paradigma. Gravaram seus primeiros discos em produtoras independentes e mais tarde criaram seu próprio selo, “Cosa Nostra”. Recusaram contratos milionários com grandes gravadoras e conseguiram chegar ao grande mercado sem fazer concessões em sua mensagem

(NOVAES, 2003). Com esta postura, os Racionais conseguiram conquistar fãs não só entre os moradores da periferia, mas também junto aos que Mano Brown chama de “senhores de engenho”. Com a grande popularidade alcançada pelo grupo, não é mais possível limitar seu alcance por classes sociais. “Cada vez mais os adolescentes adotam as roupas, a gíria, a música, a estética da favela” (KEHL, 2004, p. 101). Alguns deles adotam este comportamento por medida de proteção, afinal não é fácil para um adolescente sair sozinho pelas ruas das grandes cidades sem ser abordado por bandidos ou policiais. Outros adotam esta estética para se identificar com os garotos e garotas marginalizados nas favelas, “em busca de autenticidade, de valores que façam mais sentido no mundo injusto em que vivem” (KHEL, 2004, p. 102).

Mas, se em São Paulo os Racionais reinam absolutos como principal referência para o movimento Hip Hop, no Rio de Janeiro outro “mensageiro” das verdades defendidas pelos rappers não demorou a surgir. Responsável por divulgar a cultura Hip Hop e fazer o som dos “manos” descer para o asfalto, o Rapper MV (*Mensageiro da Verdade*) Bill foi, inclusive, premiado pela Unicef em Miami (EUA), pelos serviços prestados à população e teve seu documentário (*Falcão - meninos do Tráfico*) e o livro (*Cabeça de Porco*) nas listas dos mais vistos e vendidos em todo o país.

Mesmo sendo morador da Cidade de Deus, Alex Pereira Barbosa, 35 anos, verdadeiro nome de MV Bill, circula com desenvoltura entre importantes nomes do cenário cultural como o cantor e compositor Caetano Veloso e a produtora Paula Lavigne. Isto sem falar da parceria com o cientista social e antropólogo Luiz Eduardo Soares e com o produtor musical Celso Athayde, que deu origem ao livro *Cabeça de Porco*. MV Bill, ao contrário da maioria dos rappers, se apresenta, ainda que com a já conhecida “cara amarrada” dos MC’s, em programas dominicais de grande audiência em todo o país.

3.2 O Movimento Gospel

Apesar de, originalmente, os ritmos utilizados para divulgar o evangelho terem sido o sertanejo, as baladas românticas, o rock e o pop (CUNHA, 1993), o mercado gospel não pára de crescer e vem se mostrando promissor, criando um verdadeiro circuito gospel, pelo qual é possível transitar através de revistas como *Palco Gospel*, *Fest Gospel* e *Momentos*, sites como *Gospel Livre* e *Céu Aberto* ou, ainda, programas de rádio e TV como *Pray Mix*, exibido no canal 14 UHF na RBI de sábado e domingo das 23h às 23h30.

Desde a década de 90, começou a acontecer, de maneira sistemática, a organização de novas empresas de produção e gravação mantidas por igrejas ou por fiéis. Data desta época a fundação da *Line Records* (LR), a *Gospel Records* (GR) e a *MK Publicité* (MkP), respectivamente (PINHEIRO, 2006). Logo em seguida surgiram programas televisivos como o *Conexão Gospel* e o *Clip Gospel*, com ligações com a *MK Publicité* e a produtora *Gospel Records*, integrante da Igreja *Renascer em Cristo*, fundada em 1986 pelo casal Estevan e Sônia Hernandez. Os programas contavam com apresentadores com vínculos oficiais; eram destinados exclusivamente à divulgação musical, com apresentação de cantores e exibição de filmes.

Isto sem falar nos inúmeros programas radiofônicos de música gospel que ocupam a grade de programação de emissoras comunitárias e piratas de todo o país, prova de que o gospel não se restringe à música e que acabou, com forte ajuda do *marketing*, se tornando uma nova forma de vivenciar a experiência evangélica.

Além dos grupos que se autodenominam como religiosos, há ainda o caso de grupos como os *Racionais MC's* que, apesar de não se assumirem como religiosos e fazerem constantes referências a elementos do candomblé em suas letras, apresentam na iconografia dos CDs e na mensagem das letras, a realidade da periferia onde o sentido da vida se dá na co-presença entre a violência da guerra e a religião da “palavra” bíblica. Para o Pastor Marco Davi⁴ (OLIVEIRA, M., 2004), iniciativas muito ricas têm ocorrido a

2. ⁴ Marco David de Oliveira é bacharel em teologia pelo Seminário Teológico Batista do

partir da periferia dos centros urbanos, “experiências como a que se expressa no Rap dos Racionais MC’s, oriundos de um contexto de pobreza, violência e predominância pentecostal” (OLIVEIRA, M., 2004, p. 17). Para ele, é exatamente nestas “músicas profanas” que a figura do “evangélico” surge como uma opção concreta para que se enfrente a pobreza, a desigualdade e a violência urbana a partir de significativas letras de protesto e resistência.

Suas músicas, cantadas numa mistura de irreverência e moralismo, como é bem típico do Hip Hop, combinam sagrado e profano, o que acaba produzindo uma identificação para o jovem consumidor, seja ele das favelas ou do asfalto. O que os Racionais oferecem torna-se, portanto, um “produto cultural” à base desta nova “expressão sincrética”, que se utiliza de imagens religiosas, mas dispensa a medição das igrejas e agentes religiosos formais, e usam do discurso da “subjetividade” para dar realce a uma mensagem social. (CAMURÇA; TAVARES, 2004).

Apesar da forte presença musical durante os cultos evangélicos já ser bastante conhecida, no Brasil o fortalecimento do segmento gospel se deu entre as décadas de 1970 e 1980, com shows e apresentações musicais realizados fora dos templos e em emissoras de TV. Dados da Associação Brasileira de Produtores de Discos (ABPD), de 2003, mostram que, em vendas por repertório, o religioso alcançou 14% de vendas; 2% a mais em relação ao ano anterior, ficando acima das cifras dos repertórios de samba e pagode (12%) e sertanejo, com 11%. (PINHEIRO, 2006, p. 21).

O termo Gospel (“Evangelho em inglês”) é utilizado desde o final do século XIX, servindo para distinguir os hinos, cantados durante os serviços religiosos dominicais, dos gêneros populares de canções com os quais a comunidade negra evangélica norte-americana buscava elevação espiritual e demarcar certa relação comunitária, além de

Sul do Brasil e é ministro de missões urbanas na Igreja Batista de Vila Mariana (SP). Milita no Movimento Negro Evangélico como presidente fundador da organização não-governamental *Simeão, o Níger*, e tem participado como um dos coordenadores do Fórum de Lideranças Negras Evangélicas.

possuir também função de entretenimento (PINHEIRO, 2006). No início, as lideranças religiosas tradicionalistas não reagiram muito bem à mistura entre sagrado (*spirituals* e hinos) com o secular (jazz e blues) e passaram a chamá-la de “música do demônio”.

No entanto, o movimento foi defendido de maneira contundente por seu idealizador Thomas Dorsey (1899-1993), músico e filho de pastor que acompanhou alguns dos mais famosos cantores de blues, além de também ser compositor e arranjador de dezenas de canções. Mas, mesmo envolvido com o meio secular, ele não abandonou a vivência religiosa e, ao participar de uma convenção Batista na Filadélfia, conheceu Charles Tindley que já produzia canções religiosas desde as primeiras décadas do século XX. Depois deste encontro, Dorsey resolveu compor músicas apenas com temática religiosa, mas sem abrir mão do blues e do jazz para ritmar as canções. No entanto, sustentar esta novidade não seria nada fácil e por isto criou a Convenção Nacional de Corais e Coro Gospel que existe até hoje (PINHEIRO, 2006, p. 56).

A partir dos anos 50 os cantores de música gospel começaram a se apresentar de forma mais profissional e sofisticada. Esta mudança causou reações contrárias por parte das lideranças religiosas que passaram, inclusive, a criticar a vida de ostentação dos cantores de música gospel. A crítica principal era de que a religiosidade estava ficando cada vez mais em segundo plano, em detrimento da promoção pessoal dos artistas. Crítica, inclusive, que se mantém até hoje, por alguns segmentos mais conservadores das igrejas evangélicas.

Prova desta mudança é o fato de que a Recording Academy (Academia de Gravadoras) dos Estados Unidos, responsável pelo Grammy, maior prêmio de música do país, incluiu o Gospel como uma das categorias a ser premiada (são seis divisões: gospel rock; gospel pop/contemporâneo; gospel country; gospel soul tradicional; gospel soul contemporâneo e coral gospel).

No Brasil, a chegada do Gospel acompanhou o crescimento pentecostal nas

décadas de 50 e 60, com o êxodo rural. Além da terra natal, ficavam para trás também os antigos hinos entoados nos templos. As músicas ganharam novas roupagens como forma de atrair os jovens para a vivência religiosa e passaram a ocupar lugar de destaque durante a cerimônia.

Neste momento, foi vital a influência do músico evangélico Luiz de Carvalho, que inovou ao “incrementar” hinos litúrgicos com os acordes do violão. Carvalho chegou a gravar 70 discos e se apresentar em 22 países; além da produção de versões nacionais para as músicas norte-americanas e criação de canções populares com ritmos ligados às raízes nacionais, com destaque especial para a música sertaneja.

Aos poucos, instrumentos como violão e teclado, antes proibidos durante as celebrações, foram introduzidos pelos grupos de jovens que atuavam nas igrejas e tinham como referência o “Movimento de Jesus”, ocorrido nos Estados Unidos no final dos anos 60, que guardava, entre seus principais trunfos, a conversão de muitos jovens hippies para os quadros da igreja. E então, como acontece agora com os rappers, as igrejas foram se adaptando para receber este novo contingente de fiéis que chegavam trazendo novas demandas, novos valores e nova estética. Um marco deste movimento é, sem dúvida, os festivais de “Jesus Rock” que, com o apoio das gravadoras, se utilizavam do ritmo – antes considerado “coisa do diabo” – para evangelizar e converter novos seguidores.

Com a chegada de muitos destes jovens ao Brasil trazendo a novidade, começam a surgir os Ministérios direcionados, especificamente, para o trabalho com música, que contavam com coreografias e figurino próprio durante as celebrações. E foi, sobretudo na década de 90, que este movimento ganhou mais força através, principalmente, da realização de eventos no qual a música tem papel principal como as festas (PINHEIRO, 2006) e os encontros que reúnem, em apresentações alternadas, grupos religiosos e seculares, como o Café com Hip Hop ou ainda no encontro de grupos de “metaleiros” e

“punks” evangélicos que, através das batidas pesadas de guitarras e baterias, convidam outros jovens, como eles, a participar das celebrações. A mudança de ritmo, que começou com o rock, aos poucos foi ganhando outras melodias e, em pouco tempo, grupos de pagode, samba, funk e rap já estavam usando seus talentos musicais para divulgar o evangelho. Atualmente existem no Brasil algumas centenas de empresas, nos mais diferentes setores, voltadas exclusivamente à produção de livros, revistas, roupas, CDs, DVDs, cosméticos e produtos com temática gospel. Como ilustração, o mercado editorial evangélico já conta com mais de 60 editoras e mais de três mil pontos de vendas (incluindo as Lojas Americanas, Wal Mart, Carrefour e sites de compras, como Submarino), que, mesmo não sendo do segmento, comercializam este tipo de produto. (PAULA, 2007).

Outro elemento fundamental para a divulgação da música *gospel* e de seus interpretes é, sem dúvida, a proliferação das rádios dirigidas por pastores evangélicos que tocam, exclusivamente, este tipo de música. Em Juiz de Fora, a rádio Celestial FM, emissora que atua sem autorização do Ministério das Comunicações, mas conta com divulgação através de páginas na internet⁵, participação dos locutores e funcionários em eventos ligados à comunicação realizados na cidade, além da já consagrada propaganda “boca-a-boca”, veicula, diariamente, músicas de grupos do segmento gospel da cidade e região. A emissora, situada na região Sul da cidade, atinge com seu sinal o mesmo “raio de alcance” da Rádio Guetto FM, coordenada pelo Ministério Galera de Cristo que também se apresenta como emissora com caráter evangelizador e funciona sem autorização do Ministério das Comunicações.

Ao contrário do que acontece com grande parte das rádios comerciais, nas quais a música religiosa não tem lugar para divulgação, nas emissoras dirigidas por religiosos há espaços dedicados ao samba, rock, hip hop, música sertaneja e vários outros ritmos,

⁵ <http://celestialfm.spaces.live.com/>

desde que versem sobre temas religiosos. Não raras vezes um “samba gospel” acaba “passando despercebido” entre dois outros seculares, claro, previamente selecionados para não irem de encontro à mensagem religiosa divulgada pela emissora. O mundo pentecostal admite a circulação de novas canções e novos ritmos musicais porque a impresivibilidade do Espírito o permite. Os responsáveis por estas novidades são os próprios crentes que circulam entre diversas igrejas e também a produção musical colocada no mercado em fitas e discos, que hoje constituem um “mercado gospel” muito bem sucedido (RIVERA, 2005, p. 33).

O ritmo da locução, o formato das propagandas e os nomes dados aos programas também tendem a se assemelhar aos veiculados por outras emissoras comerciais e legalizadas ou não. A ausência da música gospel em outras rádios faz com que os ouvintes das emissoras chefiadas por evangélicos se tornem fiéis a este segmento. Prova disto é o fato de que, quando a Rádio Guetto FM foi fechada por atuar sem autorização do Ministério das Comunicações, os ouvintes do bairro passaram a acompanhar a rádio concorrente, Celestial FM, sobre a qual recaem inclusive, segundo moradores das imediações, suspeitas com relação às denúncias anônimas feitas sobre o funcionamento ilegal da Guetto FM.

3.3 O Hip Hop Gospel

São, pelo menos três, as maneiras por meio das quais a religiosidade se faz presente nas letras de Rap. Em um extremo, temos o Rap Gospel, com claro pertencimento confessional evangélico. É o caso, por exemplo, do juizforano Ministério Galera de Cristo, DJ Apiste (SP) e grupos como Provérbio X (DF), que contam em seu repertório apenas com canções religiosas. Situado em uma zona intermediária, estão aqueles que misturam em suas letras elementos do catolicismo e expressões das religiões brasileiras de origem africana. Há ainda os Raps “religiosos sem religião” nos

quais não se fazem presentes religiosos e nem se explicam pertencimentos institucionais: os rappers falam diretamente com Deus e interpretam livremente a Bíblia (NOVAES, 2003).

Diante deste cenário não demorou muito para que o MC (Mestre de Cerimônias) tomasse seu lugar nos bailes, festas e, agora, cultos e eventos evangélicos. O fenômeno que estudamos em Juiz de Fora não é um caso isolado. Ele teve início com os grupos Rara e Kadoshi (SP) e os funkeiros do Yehoshua (RJ). Em todo o Brasil, grupos como Templo Soul (São Paulo), Face a Face (Ceilândia-DF) e Firme Parceria (Sobradinho-DF) são exemplos do fenômeno que toma conta das periferias e templos evangélicos de todo o país. Apesar de ser ainda muito questionado, o funk gospel com batidas fortes e letras cristãs, vem conquistando dezenas de milhares de jovens em todo o país. Como exemplos, podemos citar a cantora de funk, Perlla, ligada à Assembléia de Deus da Penha, no Rio, e o artista Adriano Gospel Funk. Seu CD "Chuta que é laço", que já vendeu mais de 30 mil cópias⁶.

Conte de um até três
Antes de partir pro abraço
Se não for bênção de Deus
Sai correndo que é laço
A embalagem é bonita, mas tenho que analisar
Se for de Deus, eu abraço
Se não for, chuta, que é laço
Chuta, chuta, chuta, que é laço
Chuta, chuta, chuta, que é laço
Então chuta, chuta, chuta, que é laço
Então chuta, chuta, chuta, que é laço....
...Ela passou do meu lado
Feito uma bala perdida
Com aquela mini-saia e de piercing na barriga
Eu olhei e gritei "nossa essa eu vou evangelizar vou
levar pra minha igreja pro meu pastor doutrinar"
Mas quando estava tudo armado pra poder partir pro
abraço
Meu amigo deu um berro "dá um bico, que é laço"
Mas quando estava tudo armado pra poder partir pro
abraço
Meu amigo deu um berro "dá um bico, que é laço"...

⁶ Revista Eclésia, edição 118. Canaã Livraria. Funk gospel desperta polêmica; artistas afirmam que gênero pode ser santo (05/11/2007).

...Pára, pára, pára tudo
Atenção, concentração,
Pra titio não vou ficar
Atenção, concentração
Salmo 40 vou esperar
(*Chuta, que é laço* - Adriano Gospel Funk)

Em letras como esta podemos ver a liguagem das ruas lado a lado com a linguagem religiosa, aproximando sagrado e profano. “A interpretação livre da “Palavra” e o uso de simbolos religiosos indicam a ausencia de uma instituição religiosa” (NOVAES, 2003, pág 32). A vivência religiosa passa a fazer parte do cotidiano destes jovens, sem que eles precisem fazer parte de instituições religiosas ou estar participando de cultos.

Embora, à primeira vista pareçam forças contrárias ou dissociadas, o que se percebe é o fato de que uma reunião de forças sociais fez com que as similitudes entre Rap e religião os aproximassem, dando início a um movimento que vem modificando a vida de muitos jovens em todo o país.

As semelhanças na postura de combate às drogas e ao álcool e a orientação para uma vida regrada e baseada em princípios éticos são alguns dos fatores responsáveis pela aproximação entre evangélicos e rappers. A existência destes pontos de convergência faz com que grupos seculares de Rap tratem, na grade maioria das veze os evangélicos do hip hop como “manos”. Prova disto é o fato de que, no ano de 2001, pela primeira vez, o prêmio Hutuz, considerado o maior prêmio de Hip Hop do Brasil, passou a premiar a categoria Gospel. (NOVAES, 2003, p. 28). O Hutuz é, inclusive, referência para os grupos que entrevistamos ao longo deste trabalho. Ou eles já haviam se apresentado no festival ou estavam se preparando para, um dia, poder mostrar seu trabalho para rappers e o público de todo o país. Os membros do Ministério Galera de Cristo, durante as entrevistas para este trabalho, estavam realizando ensaios semanais para a gravação do primeiro CD que, acreditavam, poderia ser apresentado durante o Hutuz 2008.

Já o grupo Provérbio X (DF) com o qual tivemos a chance de conversar durante um

culto realizado em Juiz de Fora, na Catedral da Bênção (Zona Leste da cidade), já gozam de prestígio e reconhecimento por parte dos organizadores do Hutuz. No texto de divulgação do evento, o grupo foi apresentado como tendo por objetivo e motivação maior o lema “Ide e pregai o Evangelho”⁷.

Além da mudança de pensamento, o movimento vem também modificando a vida de muitos de seus adeptos. Um deles é DJ Alpiste, um dos pioneiros do Hip Hop Gospel no Brasil que passou por diversos grupos seculares até se converter ao Evangelho em 1993. Seu disco “O melhor do Black Gospel”, de 2005, contou com a participação de diversos artistas do segmento, chegando a vender mais de 100 mil cópias o que, na nada humilde opinião do próprio rapper, o fez conhecido e reconhecido por igrejas e fiéis de todo o país:

Hoje todas as igrejas me conhecem; todos os pastores; não tem um lugar do Brasil que você vá no meio evangélico que não digam que não conhecem o DJ Alpiste. E só me tornei popular porque meu trabalho foi bem aceito. No gospel, ninguém fica popular por não ser bem aceito. Então, hoje, se existe algum tipo de resistência ao meu trabalho, não chega até mim e eu não fico sabendo⁸ (DJ Alpiste)

E a força do gênero é tamanha que já há, inclusive, programas de Hip Hop Gospel disponibilizados pela internet. Todas as segundas, quartas e sextas-feiras, por exemplo, vai ao ar das 13h às 15h na Rádio Nova Canção 107,9 FM, de Belo Horizonte, o Programa Conexão Hip Hop Gospel. Na capital mineira, um dos terrenos que tem se mostrado mais fértil para este movimento, foi inaugurado, inclusive, no dia 02 de agosto de 2007, o *Projeto Cidadania Gueto Gospel*, que acontece na Avenida do Contorno (bairro de Lourdes) e reúne expoentes do cenário de Rap religioso da cidade⁹. Na inauguração estiveram presentes: Os Federais de Cristo, Missionários do Rap, Aliados do Senhor e Raciocínio Suplico. Os nomes dados a estes grupos e também aos rappers que

⁷ Site do Hutuz www.hutuz.com.br

⁸ Declaração dada em entrevista ao site @Black-Cultura Black Music em 12 out. 2007.

⁹ Ver publicidade no ANEXO 01

atuam em carreira solo tendem agora, não só a ressaltar a questão da negritude, como já destacado por Dayrell (2005, p. 116)¹⁰, mas também o compromisso religioso que estes assumiram com os pares e com a sociedade. O evento, que teve início às 19h30min, tinha entrada franca e o propósito de, através da festa e da música, evangelizar.

Um grupo de Belo Horizonte que vem se destacando pelo trabalho realizado é o Ministério de Evangelização Sétimo Selo. Este ministério surgiu em 2006, a partir da reunião de jovens evangélicos, com o propósito de evangelizar através do Hip Hop. Na página do grupo na Internet (www.setimoselo.com.br), o Ministério destaca que, através das letras de suas músicas, quer atuar e fazer refletir sobre temas ligados a problemas sociais, injustiça, envolvimento com o tráfico de drogas e álcool e os traumas causados pela violência.

À frente do Ministério está o Pastor do Rap, alcunha pela qual se apresenta Renato Willian, 35 anos. Em sua página oficial¹¹, ele explica que, apesar de ter nascido em uma família de classe social mais privilegiada, vivenciou experiências trágicas por causa do alcoolismo do pai que obrigou a família a depender da ajuda de parentes para conseguir se manter. A “saída” encontrada para sobreviver a esta situação de provações foi se converter ao cristianismo e professar o evangelho. Renato se tornou pastor e cantor de Hip Hop Gospel, vindo a ser um dos nomes mais importantes do cenário em Minas Gerais ao lado do DJ Adelson que se apresenta em igrejas, boates, ruas, casas de detenção, campeonatos de skate e também em eventos voltados para moradores de rua. Daí para o surgimento do Ministério Gueto Gospel Projeto Cidadania foi um passo.

Este Ministério atua em várias frentes de resgate de jovens envolvidos com a criminalidade. Uma delas é o Culto na Rima, criado em 1999, realizando celebrações no

¹⁰ Além do visual, é possível perceber alguns mecanismos simbólicos por meio dos quais se distinguem. Um deles é a renomeação. Quase todos possuem um apelido de um cantor de rap famoso ou de algum aspecto relacionado à negritude. Esta prática é comum aos rappers, um traço da cultura africana e da diáspora africana, a prolífica autonomação do hip hop é uma forma de reinvenção e autodefinição (DAYRELL, 2005, p. 116).

¹¹ www.setimoselo.com.br

estilo Hip Hop, com o objetivo de atrair jovens rappers e também oferecer a eles, tão carentes de espaço na mídia, divulgação de seu trabalho, ainda que dentro da própria comunidade. Durante o culto, há espaço para que os presentes possam dar testemunhos de sua conversão e também, claro, para apresentações musicais.

Mais do que expressão artística, o Hip Hop é, para estes jovens negros de periferia, uma demonstração de resistência e resgate da própria imagem. Eles explicam que a escolha pelo Rap não foi feita aleatoriamente, pois o ritmo já tem histórico de retratar o cotidiano de violência e discriminação das periferias das grandes cidades. Ao narrar, em suas letras, o cotidiano da periferia e seus problemas, os jovens passam a se identificar, vendo nestas músicas uma forma de elaborar as próprias experiências vividas. Por isto mesmo, a escolha pelo Rap significa mais do que aderir ao estilo. Implica em um *ethos* e um modo de vida determinado. É uma escolha que passa a interferir no conjunto das práticas e relações sociais, assim como na elaboração simbólica que fazem delas. (DAYRELL, 2005). A denúncia da existência de preconceito racial é tema recorrente, assim como a presença da religiosidade, que apresenta a palavra como porta de acesso para uma vida nova e libertação de situações de opressão, isto porque, de certa forma, ser jovem é ser suspeito. No senso comum e nos meios de comunicação de massa, o tema da violência está fortemente associado aos jovens, de maneira mais recorrente aos mais pobres, do sexo masculino e negros (NOVAES, 1998). Não é de se estranhar, portanto, que as letras falem da história da escravidão e da luta pela igualdade de direitos entre negros e brancos.

Há, nas periferias, efervescência cultural protagonizada por parcela dos setores juvenis. Ao contrário da imagem socialmente criada a respeito dos jovens pobres – que os coloca quase sempre associados à violência e à marginalidade –, eles também se apresentam como produtores culturais: a música é seu produto mais consumido, em torno da qual criam seus grupos de estilos diversos, dentre eles o rap e o funk (DAYRELL,

2005). À semelhança do que acontece com a história dos jovens moradores da periferia, esta representação cultural, formada pela música, grafite, poesia e dança, apesar de conseguir grande mobilização popular (principalmente nas periferias), ainda não foi reconhecida como movimento cultural e político capaz de promover mobilização social. O estudo deste fenômeno por disciplinas como a antropologia e a sociologia ainda é recente, apesar de grupos importantes como o NAU, Núcleo de Antropologia Urbana, formado em 1988 no Departamento de Antropologia da USP, voltado para pesquisa e discussões teórico-metodológicas sobre questões relativas às sociedades urbano-industriais contemporâneas¹², já haver publicado importantes estudos sobre o tema.

A informação, quinto elemento da cultura Hip Hop, confere destaque para o conhecimento e valorização da cultura e história negra e combate ao preconceito contra mulheres, homossexuais e negros. Os grupos, denominados “Posses”, são associações responsáveis por organizar o movimento e falar em nome dele. Geralmente constituídos com o objetivo de atuar em favelas e áreas periféricas em defesa da paz e contra as drogas, estes grupos têm grande aproximação com ONG’s, igrejas e instâncias governamentais, sem perder, no entanto, sua autonomia que se materializa em conexões de “redes” internacionais, como também em ligação com o mercado (que se dá em parcelas destes grupos).

Para este grupo de jovens, a possibilidade de viver sua cultura dentro da religião era, até pouco tempo, algo impensável. Acostumados com cultos para os quais precisavam se “travestir” com roupas, cabelos e postura muito diferentes das suas e entoar cânticos que em nada lembram o Rap, esta nova possibilidade de vivência religiosa faz com que grande parte deles se sintam atraída para a religião. No entanto, esta ligação não acontece sem que haja uma “negociação” entre as duas partes. Uma das questões que buscamos compreender é de que forma as igrejas estão se “flexibilizando” –

¹² Endereço eletrônico do grupo <http://www.n-a-u.org/>

se é que estão – para incorporar a linguagem destes jovens.

3.4 Provérbio X

Conforme explicado no capítulo sobre a metodologia de pesquisa, utilizada para desenvolver este trabalho, foi vasculhando nas páginas de recado do Orkut que tomamos conhecimento da apresentação do grupo Provérbio X em Juiz de Fora. O grupo teve início em 1998, na cidade de Ceilândia (DF) e tem como principal objetivo, segundo os fundadores, evangelizar através do Rap Gospel¹³. Desde sua formação, os rappers já contabilizam milhares de discos vendidos e uma centena de shows em diversas cidades do país.

Ao chegar ao culto no qual o grupo iria se apresentar, na Catedral da Bênção, Zona Leste de Juiz de Fora, percebo que algo diferente do que já havia visto estava prestes a acontecer. Em busca de pilhas para a câmera fotográfica vou até a padaria da esquina. Antes, passo por outra igreja evangélica mais “tradicional” (há menos de cinco homens vestidos com terno e gravatas e uma meia dúzia de mulheres com saias de pano até os joelhos e suas longas tranças). Uma música toca em ritmo bem lento e as pessoas movimentam as mãos e falam ao mesmo tempo. Fico ali algum tempo antes de voltar para a Catedral da Bênção, que fica exatamente ao lado, e aonde chegam, a todo momento, jovens com calças largas, bermudas, os já conhecidos tênis de marcas, super-coloridos e impecavelmente limpos, e seus cordões e anéis.

A esmagadora maioria é negra e chegam a pé ou de ônibus, quase não há carros na rua. As meninas estão em número muito menor e vestidas com calças jeans justas e blusas simples, mas com fendas e decotes. A impressão é de que não houve preocupação em vestir a tão falada “roupa de ver Deus” para ir ao culto. Não há recato ou discrição nas vestimentas. As cores berrantes e cabelos com penteados exóticos nos

¹³ Conforme ANEXO 04.

remetem a um cenário que mais se parece com o ambiente de um baile funk.

Antes do início do culto, consigo uma entrevista exclusiva com os integrantes da Banda Provérbio X. O primeiro a falar comigo é o vocalista do grupo, e pastor, Isaías Júnior. Ele tem vinte e poucos anos, é negro, veste calça de tadelã prateada brilhante, blusa de capuz, tem a cabeça raspada e, certamente, passaria despercebido entre os jovens presentes. Com voz mansa e ritmo pausado, fala sobre o chamado de Jesus para que se tornasse um chamariz para outros jovens, negros, pobres e “marginais” trocarem de vida. Uma das frases ditas por ele me marca o suficiente para conseguir ouvi-la com nitidez meses após termos feito a entrevista. “Eu não estou vestido assim à toa; me visto e falo como estes jovens porque só existe amor entre os iguais. Você não consegue amar quem é muito diferente de você” explica. Nesta aproximação entre pastores e fiéis, conforme estudado por MARIZ (1996), pode, de fato, residir um dos motivos do sucesso pentecostal.

Os pastores, por serem menos instruídos na cultura erudita, são culturalmente menos distantes dos membros de suas igrejas. Embora possam adotar comportamentos autoritários com seus fiéis, a relação, em termos cognitivos, entre o fiel da camada popular e seu pastor pentecostal pouco culto é mais próxima e menos assimétrica do que seria na Igreja Católica ou em igrejas protestantes históricas, cujos pastores possuem educação universitária e até pós-graduação. A distância entre os produtores do sagrado e dos consumidores é assim menor... Os fiéis, através dessas experiências de participação e da vivência de uma relação igualitária, sentem seus sentimentos de dignidade e de poder reforçados ainda mais (MARIZ, 1996, p.180).

Após alguns minutos, tem início a passagem de som, no último volume, enquanto um DJ em sua picape grafitada ensaia as primeiras mixagens. Os jovens começam a encher a Igreja e a se movimentar ao som da música que sai das caixas. O som se torna tão alto e a batida é tão forte, que é preciso procurar uma sala isolada para conseguir conversar com Samuel, outro integrante do Provérbio X.

Durante a entrevista ele relata a vida de sofrimento na qual viveu e a rotina de aflições a que foi submetida sua família (incluindo esposa e filha). Diz que, ao contrário do que pensou que aconteceria, sua conversão não o afastou dos antigos amigos. Estes continuavam vendo nele um igual. Alguém que sabia aproveitar a vida.

Após meia hora de entrevista descemos novamente para o Salão da Igreja. Apesar de já estar bem mais cheio, ainda há metade dos lugares desocupados. Os presentes têm idades que parecem variar entre 12 e 34 anos e estão em grupos. Sou convidada por meu informante, o responsável pelo Ministério de Juventude da Igreja, a ocupar a primeira fileira de cadeiras ao lado de sua esposa. Tento me desvencilhar do convite, mas ele não aceita a recusa e acabo cedendo. No entanto, me sinto incomodada com a situação e acredito estar perdendo a movimentação que acontece na Igreja e a reação dos jovens às palavras ditas pelo Pastor.



Figura 02: Pastor Isaías Jr. pregando durante apresentação na Catedral da Bênção em JF.

Figura 02: Show na Catedral da Bênção; arquivo pessoal, Juiz de Fora, 2007. Apresentação do grupo Provérbio X na Catedral da

Não demora muito e, com o pretexto de procurar meu filho que está sentado em um banco localizado no meio da igreja, consigo me levantar e sentar na penúltima fileira

de cadeiras. Atrás de mim, apenas os integrantes do Provérbio X que aguardam ser chamados ao palco para sua apresentação. Deste novo lugar posso ter uma visão geral do que acontece, da forma como os jovens dançam ao ritmo do Hip Hop e também das relações que se estabelecem entre eles.



Ilustração 04: O grafite, outro elemento da cultura Hip Hop também se faz presente durante o culto, ornamentando a mesa do DJ.

Figura 04: Mesa do DJ , arquivo pessoal, 2007, Juiz de Fora. Apresentação de Hip Hop.

A movimentação dos corpos, o balanço das mãos e os gritos vigorosos que incentivam o “irmão” ao lado a cantar ou concordar com a pregação do pastor são provas de que a imagem do “crente de antigamente”, “corpo retesado, preso, tolhido e domesticado, trajando vestimentas que separam claramente os gêneros e espartanamente sentados em desconfortáveis bancos de madeira” (SOUZA, 2004, p. 204); já não mais costuma se adequar à realidade, pelo menos não de maneira uniforme e regular.

Noto as camisetas coloridas e a falta de inibição destes adolescentes para dançar e se movimentar ao som contagiante da batida Hip Hop. À minha frente é impossível não notar um rapaz negro, alto, cerca de 17 anos, vestido com uma camisa onde está escrito

“Jesus Cristo” com letras que imitam o formato da publicidade de um refrigerante famoso. Ele parece mais animado do que os demais e faz gestos largos e fortes acompanhando a batida da música. Em um determinado momento, o organizador do evento assume o comando dos microfones e avisa que as apresentações da noite vão começar.

Ele avisa que o primeiro a ser chamado para cantar é um rapaz com forte depoimento a dar aos presentes. Não me surpreendo quando o adolescente que estava à minha frente se desloca de seu lugar e vai até o palco. Antes de começar a entoar os versos fortes das rimas do Rap, avisa, usando as gírias que são muito comuns entre eles, que existe muita gente esperando que ele caia novamente em tentações, na esperança de o levar, novamente, para o “caminho errado” e fazer com que desista de seguir Jesus, mas garante que não vai “cair”. Usa palavras de ordem para dizer que “o Senhor Jesus” tomou as rédeas da sua vida e que não vai “vacilar”. Sob aplausos e gritos de empolgação, começa a cantar e os jovens seguem na batida.

Cerca de meia hora depois, o promotor do evento toma conta dos microfones e anuncia a próxima atração que é ovacionada pelo público: é a vez do Ministério Galera de Cristo, grupo que despertou meu interesse por pesquisar o Hip Hop Gospel e que, percebo claramente pelas manifestações entusiásticas, é conhecido e admirado pela grande maioria dos presentes.

O líder do grupo, Negro Bússola, assume os microfones e conclama os presentes a participar da festa, não ter vergonha de manifestar sua alegria e ter orgulho da condição de negro e morador da periferia. Logo no início da apresentação, convida uma dezena de crianças e adolescentes, participantes das aulas de dança promovidas pelo grupo, para se apresentar. Eles dançam e rolam no chão ao som ritmado das palmas dos presentes. O som, no último volume, dita o ritmo das evoluções enquanto Negro Bússola chama um a um pelo nome, para se apresentar individualmente com piruetas e danças próprias dos guetos norte-americanos. Uma verdadeira festa acontece no altar da Igreja demonstrando

que, assim como explicitado por Ronaldo Almeida (ALMEIDA; RUMSTAIN, 2003), para os evangélicos, a diversão e o lazer, não estão dissociados de suas atividades da igreja.

... para os evangélicos lazer se mistura com religião; o fiel, mesmo que mantenha certas práticas e hábitos de lazer anteriores à conversão, passa agora suas horas de lazer ou tempo livre, em grande parte, na igreja, convivendo como outros fiéis. (ALMEIDA; RUMSTAIN, 2003, p. 1)



Ilustração 05: Jovens BBoys se apresentam no altar da igreja sob olhar atento dos fiéis.

Figura 05: BBoy, arquivo pessoal, 2007; Juiz de Fora. Apresentação durante Show do Provérbio X na Catedral da Benção.

O número musical dura cerca de 40 minutos com cada um dos presentes se apresentando, pelo menos, três vezes. Negro Bússola não dança. Utiliza o microfone para ditar palavras de ordem e chamar os participantes a fazer parte do espetáculo. Acreditamos que resida aí o fascínio que promove a aproximação destes jovens com tal proposta religiosa: a postura do “novo crente” não se difere tanto da assumida pelos jovens antes da conversão. Não ser preciso se transformar em quem não se é, o deixa mais à vontade para assumir suas crenças religiosas e se posicionar perante amigos e

comunidade.

Comportamento semelhante ao observado no texto de Olívia Gomes Cunha (CUNHA, 1993), no qual ela estuda a conversão de jovens rastafáris a religiões evangélicas sem, contudo, abandonar seu visual marcado pelas longas tranças e o ritmo musical com o qual se identificam: o reggae.

... passa pela compreensão desses jovens de que existem determinados limites. Estes estão nitidamente expressos no desejo de assumir uma “identidade religiosa” que não represente submissão – “ser crente” – por exemplo, não deixando de usar o penteado e a vestimenta que mais lhe agrada. O que se postula é uma vida “santa” na fé e nas práticas, e menos nas aparências e nos costumes. (CUNHA, 1993)

Terminada a apresentação do Ministério Galera de Cristo, é a vez da principal atração da noite se apresentar: a Banda Provérbio X. Lentamente, sem sinal de estrelismo, os rapazes se levantam e se dirigem ao palco. No caminho recebem manifestações de carinho e respeito extremamente joviais como tapas nas costas, mãos batendo espalmadas e palavras de ordem como “é nós” ou “tamo junto”.

Assim que chegam ao altar, o pastor Isaías Jr. pega o microfone e surpreende com a postura assumida perante os outros jovens, pois o rapaz que havia conversado comigo fazia poucos minutos se mostrando politizado e com rico vocabulário, começa a pregar usando apenas gírias e com um linguajar que mais se aproxima do simplório que do simples. A pregação começa com Isaías dizendo saber que existem muitos “zé güelas” (indivíduo que só ameaça) e que ficam esperando o “vacilo” de um “mano” para comemorar, mas que isto não vai acontecer, pois os irmãos estão de olho um no outro, se cuidando para “não cair”. Após alguns minutos, termina a pregação e o DJ solta o som.

Assisto a um verdadeiro show de Hip Hop que não deixa nada a desejar, por

exemplo, a uma apresentação dos Racionais MC's. A diferença para um show secular está basicamente nas letras entoadas pelos MC's (Mestres de Cerimônias). Um exemplo claro da forma como a evangelização é feita é a música "Não perdi minha fé". Apesar de extensa, acredito ser importante a reprodução de um trecho da canção em questão para demonstrar a linguagem na qual opera esta evangelização e como estes jovens conseguem atingir de forma tão direta os novos convertidos.

... por mim podem dizer o que quiser só sei que eu não perdi a minha fé... Sabedoria é bíblica; do céu vem a coragem. Estamos com JESUS e aqui ninguém abre, não viemos aqui pra te passar um sermão, só dizer que está errado e que estamos com a razão, nem achamos aqui que alguém é melhor que ninguém, mas o que é bom pra mim quero pra você também... a transformação real começa em você, é muito além deste mundo e sua força moral dos seus valores imundos, sua mentira mortal é muito mais, é muito mais véi. JESUS é paz é muito mais... Podem olhar para nós, pois não usamos disfarce. Não nos justificamos, nem lutamos contra nossa própria vontade. Colocar a culpa em Deus por tudo que acontece é desculpa de quem não quer mudar, pretexto de quem não se mexe. São ingênuos demais, por isso são enganados Não passam de pobres coitados, usados pelo diabo. Mas eu não dou estia, fico aí pra ver. O nego aqui, véi, é osso duro de roer. E pra quem duvida, pensa que é só história. Muito bem, muito bem, façam suas apostas... Renunciei muitas coisas, não sinto o menor remorso. Podem até falar de mim, dizer o que quiser. Mas, Deus, eu não perdi a minha fé. (Não perdi minha fé – Provérbio X)

A apresentação do grupo não demora para terminar e percebo que o que foi visto e dito durante aquela noite será tema de conversa entre grande parte destes jovens por ainda muito tempo. Outras oportunidades para que possam demonstrar seus talentos e se encontrar para discutir as dificuldades enfrentadas no dia-a-dia de trabalho e/ou no convívio familiar, acontece com certa frequência durante o Café com Hip Hop. O evento é realizado para promover encontros de Rappers das mais diversas gerações e propiciar a troca de experiências entre eles.

4. O PENTECOSTALISMO NO BRASIL

O termo “pentecostal” tem origem em *Pentecostes*, nome dado a uma festa anual do povo judeu, celebrada cinquenta dias após a Páscoa, aproveitada pelos cristãos para se comemorar a descida, pela primeira vez, do Espírito Santo sobre os apóstolos reunidos em oração. Neste momento manifestam-se os dons do Espírito Santo e eles saem pelas ruas pregando em línguas, “glossolalia”, e profetizando com sinais. Por isto mesmo, desde o princípio, o pentecostalismo se desenvolveu em busca dos carismas do Espírito Santo como recurso indispensável para o fortalecimento da espiritualidade da igreja e para a tarefa de evangelização. Depois a ênfase foi dada para a cura e para a “libertação” (da influência demoníaca). Este período foi marcado pelas grandes concentrações públicas de cura e exorcismo. Na década de 80 mais mudanças com o fortalecimento da crença de que o Espírito Santo liberta da pobreza, miséria e das opressões demoníacas (SOUZA, A. 2004).

No Brasil, a história do Pentecostalimento tem início no começo do século XX, com a chegada de um grupo de missionários europeus, com passagem pela América do Norte e outro grupo vindo diretamente dos Estados Unidos. Basicamente foram três as igrejas matrizes para as igrejas pentecostais que vieram a surgir no país: Assembléia de Deus, Congregação Cristã do Brasil e Igreja do Evangelho Quadrangular (MARIZ, 1996). Suas origens estão no metodismo Wesleyano e no movimento holiness. A principal diferenciação entre o protestantismo e o pentecostalimento é que este último se baseia principalmente nos dons de línguas, cura e discernimento do espírito (MARIANO, 1999, p. 10).

Paul Freston, (FREESTON, 1994), ao lado de outros estudiosos da religião, dividiu a história do pentecostalimento brasileiro em três grandes ondas: a primeira delas ocorreu em

1911 quando da fundação, por missionários suecos, da Igreja Evangélica Assembléia de Deus, no Norte do país. Ao mesmo tempo em São Paulo e no Paraná missionários ítalo-americanos fundavam a Congregação Cristã no Brasil. A segunda onda tem início nos anos 50, quando ganham destaque a cura divina, milagres e o falar em línguas. Dessa época datam o surgimento da Igreja do Evangelho Quadrangular – Cruzada Nacional de Evangelização (1953), Igreja Pentecostal “O Brasil para Cristo” (1956), Igreja de Nova Vida (1960), Igreja Pentecostal “Deus é Amor” (1961), Casa da Bênção (1964), Metodista Wesleyana (1967) e uma enormidade de outras pequenas denominações espalhadas por todo o país. A terceira onda pentecostal tem início nos anos setenta, no período áureo da ditadura militar. Neste cenário surgem o Salão da Fé (1975), a Igreja Universal do Reino de Deus (1977), a Igreja Internacional da Graça (1980) e uma centena de outras pequenas comunidades. Nesta onda, a ênfase é dada no uso hábil dos veículos de comunicação de massa para angariar novos féis, dando origem às chamadas “Igrejas Eletrônicas” (CAMPOS, 1996, p. 84).

O crescimento do pentecostalismo ocorreu de maneira diferenciada, levando em consideração as classes sociais. Ele se mostrou, desde o início, mais forte entre as classes mais pobres. Uma doutrina que defendia a existência de uma vida melhor, aqui e agora, encontrou campo fértil para se desenvolver, principalmente entre os estratos da população mais pobres, sofridos, escuros e menos escolarizados (MARIANO, 1999).

O que não significa, entretanto, que a pobreza seja motivo suficiente para explicar o auto grau de adesão ao pentecostalismo por esta parcela da população. Esta crença, inclusive, de que a pobreza e a ignorância são os fatores responsáveis pelo crescimento pentecostal entre a camada mais pobre da sociedade foi, de certa maneira, fortalecida pela mídia, e sua cobertura muitas vezes tendenciosa das notícias envolvendo fiéis e pastores; e por membros das camadas mais intelectualizadas da sociedade para quem estas igrejas não passam de exploradoras da boa vontade de um povo ignorante, que não

teria condições e informações suficientes para fazer uma escolha religiosa acertada. As principais críticas direcionadas às igrejas pentecostais se baseiam, fundamentalmente, no pedido de donativos, feitos de maneira incisiva pelos pastores, e nas promessas de curas e milagres de todo tipo, esquecendo-se, no entanto, que se um sujeito faz uma escolha, deve ser porque esta é melhor para ele. (MARIZ, 1996, p. 169).

O que muitos críticos esquecem é que, para muitos destes fiéis, o fato de, ao contrário do que acontece em diversos outros setores de sua vida, nos quais são geralmente o “lado mais fraco”, nas igrejas são colocados na posição de alguém que pode ajudar, a quem é solicitado algo. Em seu cotidiano, estas pessoas precisam recorrer às mais diversas instâncias de poder para conseguir saneamento básico, melhores condições de moradia, maior escolaridade, respeito e dignidade, fato que, inevitavelmente, acaba gerando sentimento de baixa-estima, exclusão e medo. Sensação diferente é a experienciada nos cultos religiosos. “Essa mensagem do pentecostalismo sobre a contemporaneidade dos dons devolve aos pobres um sentimento de posse exclusiva do próprio Deus.” (OLIVEIRA, M., 2004, p. 49).

Neste ambiente, além de serem recebidos como alguém “importante”, o que ajuda a restabelecer sua dignidade e auto-estima, pois é justamente no ato de pagar os dízimos e ajudar com ofertas, que estes pobres, excluídos, se percebem capazes de ajudar o que configura uma relação de poder. Afinal, dá quem pode. “Como o pentecostalismo, em geral, não dá aos pobres, mas pede deles, faz com que estes pobres deixem de ser subjetivamente pobres” (MARIZ, 1996, p. 183). Apesar de terminarem o culto com menos dinheiro no bolso, eles voltam para casa também menos miseráveis.

Desta forma, a preocupação com o destino que tomam as doações feitas por eles é mais importante entre os não-fiéis. Para os pentecostais é o ato da doação que deve merecer maior atenção onde, de fato, reside sua fortaleza. E mais do que resultados psicológicos, o ato de dar traz ainda benefícios práticos, pois em seus testemunhos é

freqüente a declaração de que houve progresso em sua vida financeira e social após a doação. Além disto, “o pentecostalismo não nasceu para conquistar legitimidade entre os pobres; pelo contrário, já nasceu legítimo porque nasceu pobre” (SOUZA, A. 2004, p. 24). Até mesmo os missionários estrangeiros que chegavam ao país para disseminar a doutrina eram pobres. Desta forma a alma do pobre estava refletida no rito, na linguagem, na teologia, na concepção de Deus e na formação das Igrejas Pentecostais.

4.1 A Igreja de Deus e o Pentecostalismo brasileiro

A Igreja de Deus foi fundada nos Estados Unidos em 12 de maio de 1955 a partir da reunião de cerca de 700 membros da Igreja do Calvário Pentecostal com fiéis da Igreja da Santidade em Camp Creek. Por ser uma igreja situada no que se convencionou chamar de “segunda onda” na história do pentecostalismo brasileiro, a Igreja de Deus tem como característica marcante a “ênfase teológica no dom de cura divina” (MARIANO, 1999, p. 31), fundamental para agilizar o crescimento e fortalecimento do pentecostalismo brasileiro.

De acordo com o site oficial da igreja de Deus¹⁴ seu surgimento se deu, a partir da necessidade de Richard Spurling e seu filho, R. G. Spurling, em conseguir água que garantisse o funcionamento de seu moinho. Eles resolveram fixar residência às margens do Riacho Barney, no Tennessee. Situação diferente da Carolina do Norte onde havia água abundante para a comunidade que vivia em Camp Creek. Tão abundante que a comunidade cresceu até que, em 15 de maio de 1902, os dois grupos se encontraram e fundaram a Igreja da Santidade.

Entre seus fundadores estavam ex-membros das igrejas Metodista e Batista interessados em criar uma nova igreja. Cinco anos depois, em 1907, a denominação

¹⁴ <http://www.igrejadedeus.org.br/>

religiosa passa a se chamar Igreja de Deus e começa a desenvolver, ao redor do mundo, uma série de trabalhos assistenciais, mantendo cheques, orfanatos, asilos e hospitais. Segundo o Pastor José Berto, responsável pela igreja localizada no bairro Ipiranga, em Juiz de Fora, uma das maiores demonstrações de força da Igreja de Deus está no Haiti, país com cerca de 60 mil fiéis e que oferece todo tipo de atendimento gratuito à população. Além disto, destaca o trabalho feito na cidade argentina de Resistência como referência da importância da Igreja de Deus para a população menos favorecida.

Uma pessoa que chegar em Resistência (Argentina), não precisa se preocupar: vai achar um lugar para dormir, pois temos um abrigo com 300 camas. As pessoas podem ficar lá por três dias até ver o que podem fazer. Lá pode se abrigar, tomar o café da manhã e almoçar. É uma norma que achei maravilhosa. O Pastor tem certo domínio sobre a cidade. Ele não precisa, por exemplo, marcar audiência para ser atendido pelo prefeito. (Entrevista Pastor José Berto)

Durante entrevista com o Pastor José Berto, expressei as dificuldades que estava encontrando ao pesquisar sobre a história da Igreja e o trabalho que ela vem desempenhando no Brasil. Ele me confidenciou que esta não era uma situação isolada, mas sim enfrentada por toda igreja que ainda se esforça para se tornar visível no país. Segundo o Pastor, apesar de a Igreja de Deus no Brasil ser uma das maiores denominações do mundo “aqui no país quase ninguém a conhece, com raras exceções de Brasília e Goiás”¹⁵ Ele conta que, atualmente, há apenas cerca de 50 mil fiéis da Igreja de Deus espalhados por todo o país¹⁵; o equivalente, por exemplo, ao número de fiéis que a igreja tem no Equador, país de proporções infinitamente menores; metade do número de fiéis residentes na Argentina e ainda, três vezes menos fiéis do que na

¹⁵ Número bem superior ao divulgado no site oficial da Igreja, segundo o qual a Igreja de Deus no Brasil conta com “28.109 membros; 332 igrejas organizadas; 246 congregações não-autônomas; 523 pastores. Os dados foram extraídos do site <http://www.igrejadedeus.org.br> no dia 18 de setembro de 2007; um dia após a entrevista com o Pastor José Berto.

Indonésia. Para reverter este quadro, fiéis de todo o país trabalham fazendo fonovisitas, como forma de apresentar a igreja e angariar mais membros.¹⁶

Na opinião do Pastor, a falta de conhecimento das pessoas com relação à igreja é causada, principalmente, porque a denominação religiosa não possui grandes templos na maioria das cidades nas quais está instalada; e por seus líderes religiosos não estarem à frente de veículos de comunicação de massa como TV's e emissoras de Rádio. Para o Pastor a falta de prestígio que a Igreja vivencia no país se relaciona com a forma como a Igreja de Deus se instalou no Brasil.

A história da Igreja no país começou em Morretes, no Paraná em 7 de setembro de 1952, mas teve suas atividades interrompidas em 1954 quando o missionário suíço responsável pela igreja no Brasil teve que voltar ao exterior. Restaram apenas as instalações que, um ano mais tarde (1955), foram ocupadas pelos novos fiéis, oriundos da antiga igreja de Deus e da Igreja Evangélica do Calvário Pentecostal (da qual já há registro de funcionamento em Goiás, desde 1935).

Nascia a Igreja de Deus no Brasil que, atualmente, conta com sedes regionais em Brasília (onde está situado o escritório central), Uberlândia, São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Araguaína e Goiânia, local de instalação da Faculdade de Teologia Evangélica da Igreja de Deus (FATEID). De acordo com o site da instituição, a Igreja de Deus conta hoje com mais de 23 mil estudantes espalhados pelo mundo, atendidos por cerca de 95 instituições, incluindo faculdades, seminários e Institutos Bíblicos.

A igreja de Deus no Brasil orienta seus fiéis segundo um conjunto de preceitos chamados de "Declaração de Fé"¹⁷ (em vigor desde 1º de janeiro de 2004), que determina aos fiéis, dentre outras regras, crer na inspiração verbal da Bíblia, na existência do Pai, Filho e Espírito Santo, na santidade como modelo de vida; no batismo no Espírito Santo e

¹⁶ Conforme Anexo 02.

¹⁷ Veja Anexo 05.

na glossolalia¹⁸. O falar em línguas estranhas, como evidência do batismo no Espírito Santo, desde o início constitui o elemento distintivo da doutrina pentecostal em relação ao movimento *Holiness* do final do século XIX. Alguns sociólogos classificam tal experiência como transe de inspiração (MARIANO, 1999). Para os pentecostais há dois tipos de batismo: o batismo das águas feito por imersão, pelos homens, e o outro feito por Jesus Cristo, o batismo de fogo ou batismo no Espírito Santo. Quando acontece este batismo, os fiéis além de “falar em línguas”, podem cair no chão, se deitar, chorar, rir e tantos sintomas que fazem deste um fenômeno com características bastante singulares (RICCI, 2006). E a vivência deste fenômeno não é exclusividade dos pentecostais. Há também entre os católicos manifestações de glossolalia. Suas manifestações mais freqüentes acontecem entre membros da Renovação Carismática, marcada por elementos que, ritualmente, a aproximam dos cultos pentecostais.

De acordo com o site oficial da Igreja de Deus no Brasil¹⁹, a região Sudeste vem se tornando referência em números para o resto do país. São mais de 3.600 membros e 52 igrejas organizadas. Em Juiz de Fora, o primeiro templo da Igreja de Deus foi fundado em 1984, período considerado como de consolidação do Pentecostalismo em Juiz de Fora (NASCIMENTO, 2003). Este segundo período é marcado pela chegada, em primeiro lugar, da Igreja Universal do Reino de Deus (1979); da Deus é Amor (1983), da Igreja Internacional da Graça (na década de 1990), da Igreja Sara Nossa Terra (década de 90) e de tantas outras que vieram a seguir.

Em Juiz de Fora há cinco templos organizados da Igreja de Deus e mais seis congregações, que são extensões da igreja. Além da Igreja de Deus com sede no bairro Ipiranga (Zona Sul de Juiz de Fora) há ainda outra situada no bairro Sagrado Coração de

¹⁸ Este inclusive foi um dos pontos destacados durante o culto na Igreja de Deus no Brasil do bairro Ipiranga, ocorrido no dia 16 de setembro de 2007. Antes de iniciar a cerimônia uma irmã da Igreja se posicionou no palco para falar sobre o Encontro Estadual da igreja realizado em Capim Santo no Rio de Janeiro, no qual foi destacada a necessidade dos fiéis valorizarem a glossa (língua) + lalein (falar) = falar em línguas, como forma de confundir o diabo.

¹⁹ www.igrejadedeus.org.br

Jesus, mesma região, e que, segundo o Pastor José Berto, é forte financeiramente, apesar de estar situada em umas das regiões mais carentes da cidade. Há templos ainda nos bairros Parque Independência, Nova Era, Santa Luzia e extensões no Bairro Industrial, Barreira, Milho Branco e Benfica; todos na periferia da cidade, localidades constantemente atingidas por ondas de criminalidade, miséria e desemprego.

Situação semelhante à vivenciada pela grande maioria das igrejas pentecostais que se concentram, na maior parte das vezes, entre os estratos mais pobres da sociedade. A pesquisa Novo Nascimento, realizada pelo ISER (Instituto de Estudos da Religião), em meados dos anos 90, mostram que 61% dos pentecostais recebiam até dois salários mínimos, 29% entre dois e cinco e apenas 10% mais do que cinco salários. A pesquisa mostrou ainda que 42% deles tinham menos de quatro anos de escolaridade, 35% entre cinco e oito anos e 23% nove anos ou mais de formação escolar (MARIANO, 1999).

A Igreja de Deus no Brasil, localizada no bairro Ipiranga, é berço do Ministério Galera de Cristo e, segundo os jovens que fazem parte do movimento, a criação deste Ministério só foi possível pela aceitação dos “funkeiros convertidos” pelo pastor José Berto da Silva, 58 anos. Ordenado há mais de 24 anos, o pastor veio de Belo Horizonte para Juiz de Fora em 1991, ajudar, como mestre de obras, na construção de uma igreja no bairro Nova Era, zona Norte da cidade, onde sua irmã era pastora. Durante a construção ele, que já era evangélico e pastor em Belo Horizonte, conquistou o respeito da comunidade que o convidou a assumir a igreja local. Esta é, inclusive, uma das características do pentecostalismo que “escolhe” líderes carismáticos para se tornarem o centro referencial de novas mediações entre o sagrado e o profano (CAMPOS, 1996).

Embora lisonjeado com o convite, o pastor estabeleceu como condição que se filiassem à Igreja de Deus. Logo em seguida assumia o pastorado local. Após o nascimento da filha mais nova, José Berto se transferiu com a família para o bairro

Ipiranga onde encontrou, segundo ele, uma igreja extremamente conservadora e tradicional que o fez, inclusive, tomar atitudes com relação à sua aparência para aumentar o grau de aceitabilidade junto à comunidade. “Quando vim pra cá a primeira coisa que fiz foi raspar a barba.” O Pastor explica que, além de diminuir comentários, a medida evitaria que os irmãos mais rigorosos pecassem em pensamentos ou sentimentos por estarem contrariados,

Todas as coisas na verdade são limpas: mas é mau para o homem, que come com escândalo. Bom é não comer carne, nem beber vinho, nem coisa em que teu irmão acha tropeço, ou se escandaliza, ou se enfraquece. (São Paulo aos Romanos, 14:20,21)

Além da nobre intenção de evitar o pecado dos irmãos, havia também, como ainda há, grande preocupação com a rígida moral da Igreja já que, para ele, conforme confidenciou, alguns aspectos mundiais da liturgia da Igreja de Deus, não são adaptáveis ao Brasil, pois as normas de conduta propostas precisam ser submetidas ao crivo internacional, em especial ao dos Estados Unidos. Isto porque é lá onde estão cerca de 4 milhões de membros da Igreja de Deus e local que serve de sede para a maioria dos encontros internacionais.

Em grande parte destes encontros o Brasil, que possui cerca de seiscentos pastores, consegue enviar, eventualmente, pouco mais de 30 deles para participar das convenções. Muitos não comparecem por falta de recurso, outros como José Berto, por terem os vistos recusados. Ainda assim, todos têm direito a voto. Uma lista é enviada para cada país com as opções elegíveis e depois os votos são reenviados para os Estados Unidos, onde são computados. Mas, mesmo assim, fica difícil fazer frente aos milhões de fiéis norte-americanos.

Para José Berto deveria haver maior autonomia da Igreja dentro de cada país,

permitindo assim a alteração de normas que podem estar distanciando “pessoas de bem” da igreja. Em sua avaliação, muitos dos preceitos que se adaptam à rotina americana ficam “deslocados” no Brasil, e cita, como exemplo, o fato de que um pastor que for “pego enfiando a cara com uma mulher”, mesmo sem que o ato da traição seja concretizado, pode perder o ministério e ser afastado da igreja após avaliação feita por um conselho escolhido a cada dois anos, através de indicação dos fiéis da igreja. A flexibilização defendida por José Berto é uma tendência experimentada pelas igrejas pentecostais. Elas, não só aboliram certas marcas distintivas e tradicionais de sua religião, como também propuseram novos ritos, crenças e práticas, além de relaxar comportamentos e estabelecer inusitadas formas de se relacionar com a comunidade (MARIANO, 1999).

Algumas das restrições de que fala o Pastor José Berto estão detalhadas no artigo 13 do estatuto da igreja, que determina o desligamento de membros que forem descobertos em: prática de roubo ou furto, praticando bigamia, homossexualismo e pedofilia, forem culpados de estupro, incesto ou homicídio; flagrados em prática de alcoolismo e tabagismo e uso/cultivo/tráfico de qualquer outro tipo de entorpecente.



Ilustração 06: Pastor José Berto chama ao altar membros do Ministério Galera de Cristo durante culto na Igreja de Deus.

Figura 06: MGC e Pastor José Berto, arquivo pessoal, Juiz de Fora. Apresentação do grupo durante culto na Igreja de Deus no Brasil.

5. MINISTÉRIO GALERA DE CRISTO

Após os primeiros contatos nas portas dos bailes, os jovens passaram também a freqüentar os cultos da Igreja de Deus no bairro Ipiranga. Surgiu aí o estranhamento. Na igreja, frente a frente, de um lado os funkeiros recém-convertidos, com seu visual exuberante e gingado no andar e, de outro, os crentes “tradicionais”, com seus ternos escuros e postura rígida, por dentro e por fora. O resultado: envio de reclamações para a direção da igreja por parte dos fiéis tradicionais e incômodo de ambas as partes.

Foi preciso tempo para que, como acontece hoje, os jovens pudessem se apresentar durante o culto lotado e contar com a participação da grande maioria dos presentes, cantando e dançando. Para garantir que os antigos fiéis não se sentissem desmerecidos e os novos convertidos discriminados, o Pastor precisou tomar medidas estratégicas. Uma delas está relacionada às obras da igreja que estão sendo finalizadas e irão garantir espaço para todas as formas de expressão cultural. No corredor lateral os grafiteiros poderão expor seus trabalhos, utilizando latas de spray e muita imaginação. Ao lado, um espaço para um quadro de avisos “convencional”, com cartazes de papel. Tudo para que todos se sintam “em casa”.

Na avaliação de José Berto, a fase mais complicada já passou, e agora os fiéis que chegam à igreja encontram o cenário pronto, “desta forma fica mais fácil se acostumar”. Nem todos precisam aprovar as “‘novidades’ mas àqueles que são contrários ao Hip Hop Gospel durante os cultos não é dado espaço para se manifestarem”.

Manifestar insatisfação é, inclusive, uma das principais metas dos rappers ao comporem suas letras. E, justamente aí, pode residir um problema mais difícil de ser solucionado do que fazer com que o ritmo seja aceito nos templos, afinal, falar de preconceito racial em um ambiente no qual se parte do pressuposto de que “somos todos iguais”, soa, no mínimo, fora de propósito.

Nas denominações pentecostais, bem como em toda a Igreja brasileira, é difundida a idéia de “democracia racial” entre os membros. Os evangélicos, em geral, alimentam a idéia de que existe igualdade entre os fiéis, e por isto tem sido motivo de orgulho para muitas denominações, sejam elas históricas ou pentecostais. Porém, esse mito, tem sido usado para esconder o problema real do racismo da Igreja Evangélica brasileira (OLIVEIRA, M. 2004, p. 91).

Como prova deste racismo o pastor Marcos David (OLIVEIRA, M., 2004) cita o fato de serem as denominações pentecostais as igrejas que mais demonizam os cultos de origem africana; além de ainda se “assustarem” com reflexões sobre o racismo nas igrejas e também pelo fato de terem, entre suas lideranças, um número muito pequeno de negros. Para ele, a Igreja Pentecostal foge da discussão ao idealizar a existência de um



Ilustração 07: Negro Bussola e Neill Dimas se apresentando durante um dos cultos "abertos" à toda a comunidade da Igreja de Deus

Figura 07: Bussola e Dimas, arquivo pessoal, Juiz de Fora.
paraíso racial.



Ilustração 08 Show Gospel no Exposhop (zona Norte de Juiz de Fora), durante apresentação do Ministério Galera de Cristo.

Figura 08: Público, arquivo pessoal, Juiz de Fora. Apresentação do MGC durante Show Evangélico no Exposhon.

O pastor admite que, muitas vezes, precisa administrar conflitos e preconceitos arraigados nas atitudes e comportamentos dos fiéis. No entanto, destaca que, na sua opinião, o preconceito racial “é quase zero” dentro das igrejas. E como comprovação lembra a existência de lideranças negras evangélicas em diversas partes do país e o fato de haver pastores negros no conselho executivo da Igreja de Deus. Opinião corroborada por números que mostram a grande presença dos negros entre as fileiras evangélicas. Um fenômeno cada vez mais presente, haja vista o fato de haver muito mais negros evangélicos do que negros espíritas, do que negros umbandistas, do que negros no candomblé, do que negros em outras religiões e negros que se declaram sem religião, dados indicam que a taxa de negros pentecostais (14,2%) é mais alta que a de pardos pentecostais (10,8%) e brancos pentecostais (9,1%) e amarelos pentecostais (6,3%) (PIERUCCI, 2006).

Na avaliação do Pastor José Berto, a presença marcante do negro nas igrejas evangélicas pode ser responsável, inclusive, por aumentar a tolerância com relação a outras religiões como o candomblé. Diante de meu espanto ao ouvir esta referência

“simpática” dirigida às religiões afro-brasileiras, vinda de um pastor evangélico, José Berto conta que fitas mostrando os cultos da Igreja de Deus nos países africanos demonstram grande semelhança entre a cerimônia realizada nos terreiros de candomblé do Brasil e aquelas que ocorrem nos templos das Igrejas de Deus na África.

Você olha o jeito que eles tem de dançar... Na África é a mesma coisa. O jeito de fazer o louvor, a dança, o gingado é a mesma coisa. Então a gente pára e fala assim: Como é que eu vou criticar o modo deles dançarem se a minha igreja na África faz a mesma coisa? Nós usamos um método aqui, mas você vai olhar os nigerianos que são da mesma igreja, mesma doutrina, mesmas normas, mas você chega lá e eles têm um estilo completamente diferente (Pastor José Berto).

Na opinião do pastor, o que falta para aumentar o grau de respeito entre as mais diversas denominações religiosas é informação. “Quanto mais se conhece sobre rituais e comportamentos das igrejas ao redor do mundo, mais semelhanças entre elas podem ser encontradas”, acredita. Esta “aproximação” entre as religiões foi tratada por Bittencourt Filho, que, ao estudar o que chamou de “substrato religioso cultural”, buscou “traduzir uma complexa interação de idéias e símbolos religiosos que se amalgamaram num decurso multissecular” (BITTENCOURT FILHO, 2003, p. 40) da formação da Matriz Religiosa Brasileira. É importante lembrar que as relações entre as mais diversas formas de religiosidade estão presentes ao longo da história e são promovidas pelos indivíduos que, por estarem em movimento, constantemente fazem “adaptações” de acordo com as situações cotidianas.

Apesar de haver, na opinião de alguns fiéis, rigidez dos costumes, não há nos estatutos da Igreja de Deus restrições sobre a liturgia dos cultos. Foi nesta brecha que o Ministério Galera de Cristo encontrou espaço para se expressar. Espaço, inclusive, que já foi ocupado por manifestações semelhantes nas origens do pentecostalismo que estava

intimamente ligado ao movimento negro de libertação, como o Black Power. “Os cânticos conhecidos como *negro spirituals* traduziram protestos contra a injustiça social, o racismo e outras formas de marginalização” (CAMPOS, 1996, p. 58). Na avaliação do articulador da Teologia Negra da Libertação nos Estados Unidos, James H. Corne, os *spirituals* podem ser definidos como a forma encontrada pelos negros para expressar a não-conformidade com o racismo e a escravidão.

No entanto, este passado marcado pelas manifestações da “cultura negra”, não evitou, naturalmente, críticas e reprovações às presenças dos rappers do Senhor, com seu visual agressivo e letras questionadoras. As críticas, no entanto, vieram dos membros mais antigos da igreja, para os quais o espaço sagrado do templo estava sendo profanado. Reclamações foram enviadas às instâncias superiores da instituição, mas não surtiram o efeito desejado e o trabalho junto ao ministério dos rappers continuou, dando mostras de que todo movimento religioso é um processo social dinâmico e, uma vez instaurado, não pára mais de se transformar, abandonando em sua trajetória as antigas características e assimilando outras novas que possam facilitar a sua expansão e sobrevivência (CAMPOS, 1996).

Mesmo declarando que, na primeira vez que teve contato com o Funk e o Hip Hop, não gostou, nem um pouco, do que viu e ouviu, o pastor José Berto, após assistir, pela janela do quarto do filho, adolescentes cheirando cocaína em um banco de praça, em plena luz do dia, percebeu que era fundamental aprender a falar a língua deles para resgatá-los e fazê-los “mudar de vida”.

As dificuldades de aproximação aconteceram, dentre outros motivos, pela imagem estereotipada que se tem dos evangélicos, o que fez com que os adolescentes os repelissem de antemão. Foi só contando com a constituição do Ministério Galera de Cristo, que se assemelhava, no modo de vestir, tipo de música ouvida e “dialeto” falado;

com os rapazes que se drogavam na praça, ou cometiam pequenos delitos na vizinhança, que a igreja conseguiu converter muitos destes jovens.

O Pastor José Berto procurou saber mais sobre o Hip Hop e, ao descobrir que após terem trocado as brigas de gangue por disputas de dança de rua, a vida de muitos jovens norte-americanos havia mudado e a auto-estima sido resgatada, resolveu abrir as portas da igreja para que, uma vez por semana, aos sábados, fosse realizado um culto apenas para os funkeiros. A grande maioria ainda era formada por não convertidos que se aproximavam, primeiro, por curiosidade e pouco tempo depois acabavam sendo convertidos.

Com o som no último volume, danças ritmadas e letras que exaltavam o Senhor, dezenas de jovens negros, pobres e marginalizados chegavam pontualmente, vindos de diversas periferias da cidade, para participar do culto. No entanto, alguns meses depois, obras na igreja acabaram extinguindo o culto só para funkeiros e as apresentações dos rappers passaram a acontecer durante os cultos “normais”. O que, obviamente, despertou desconfiança e desconforto em grande parte dos fiéis.



Ilustração 09: Longe da presença dos outros fiéis os jovens se sentiam à vontade para cantar e dançar como faziam nos bailes e festas. A presença é quase exclusivamente masculina.

Figura 09: Culto dos Funkeiros, arquivo pessoal, Juiz de Fora. Jovens cantam e dançam durante culto dos funkeiros na Igreja de Deus no



Ilustração 10: Culto dos Funkeiros: um verdadeiro baile no interior do templo.

Figura 10: Trenzinho no culto, arquivo pessoal, Juiz de Fora. Danças que lembram uma festa durante culto na Catedral da Bênção no Ipiranga.

Além da vontade de modernizar os cultos e chegar até uma parcela da juventude ainda afastada da igreja, um fator pessoal também aproximou o pastor José Berto do líder e fundador da Galera de Cristo. Negro Bússola e a filha do pastor se conheceram quando ele ainda estava envolvido com atividades criminosas e não havia se convertido. Para se

aproximar da moça, começou a freqüentar os cultos “normais” e, em pouco tempo, se converteu e casou com filha de José Berto. O Pastor conta que, apesar de ser um fiel exemplar, notava que Bússola sentia falta da música (Hip Hop) e tinha grande vontade de trabalhar, resgatando outros jovens que, como ele, estavam vivendo no “desvio”. Não demorou muito e o Ministério Galera de Cristo, voltado para a conversão de jovens funkeiros, foi fundado.

No início, Negro Bússola ia sozinho às portas de bailes funks de Juiz de Fora para tentar, através da conversa informal, evangelizar outros funkeiros. Para facilitar a aproximação, ia vestido como eles, o que não era nenhum sacrifício, pois era como ele próprio gostava de se vestir e, mais do que isto, como todos o conheciam. Desta forma, não causava à primeira vista estranhamento ou aversão entre os freqüentadores dos bailes funks que viam nele um igual. Logo, o filho do pastor, e cunhado de Bússola, começou a acompanhá-lo e, mais tarde, outros convertidos se juntaram a eles.

Foi em uma destas incursões às portas de bailes e festas que conheceram o carioca Flávio Santiago, nascido em novembro de 1978, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, jovem de origem humilde que cresceu em uma família freqüentadora dos terreiros de umbanda. Aos dezessete anos viu surgir seu amor pela música e pela composição. Juntou-se a um amigo e passaram a se apresentar com sucesso, ainda que não profissionalmente, nas cidades da região cantando Funk Melody²⁰. Mas, se por um lado havia reconhecimento de seu talento, o desemprego ainda era real e os conflitos familiares se tornavam cada vez mais freqüentes, o que o mantinha em estado de “fraqueza espiritual e mental” segundo sua própria avaliação.

²⁰ Uma das vertentes mais românticas do Funk.



Ilustração 11: Neill Dimas e Negro Bussola em ensaio para gravação do 1 Cd.

Figura 11: Dimas e Bussola; arquivo pessoal, Juiz de Fora. Pausa

A falta de preparo para o “sucesso” e o dinheiro “fácil” abriram as portas para o mundo das drogas, bebidas e prostituição. O distanciamento dos amigos e a falta de ânimo para investimentos no ramo profissional o tornaram, em sua auto-avaliação, um rapaz atormentado. Mas, o nascimento da filha o “chamou à realidade” mais ou menos no mesmo período em que conheceu outros dois cantores Eddy Alves e Arthur Marques.

Com os dois formou o trio “\$ de Ghetto”, mas a mudança interior ainda não havia acontecido. O momento do “resgate” se deu em uma noite comum, quando, ao procurar no *dial* do rádio uma estação para ouvir música funk, encontrou a Rede Melodia, emissora evangélica. A rádio tocava um hino de louvor que chamou sua atenção, não só pela letra, mas também pela interpretação do cantor.

Ele se lembra que o louvor falava de “um homem que há 38 anos sofria de um mal que o impossibilitava de caminhar. Então o “Senhor Jesus” veio, ordenou que aquele homem se levantasse e andasse e o homem ficou curado”. A música se chama “Levanta-

te” e era interpretada por Álvaro Tito²¹. Para Flávio este foi um chamado para a vida cristã. Deste dia em diante, abandonou artisticamente o nome de batismo e passou a se chamar Neill Dimas e cantar apenas louvores. A mudança fez dele um dos mais conhecidos membros do Ministério Galera de Cristo.

Neste cenário surgem as “festas”²² (PINHEIRO, 2003) e não há mais dia ou hora marcados para ir à igreja ou rezar, pois a religiosidade está agora impregnada nos encontros de jovens, bailes de Hip Hop, forrós, cinemas, rádios, TV’s, jornais e/ou, cada vez mais constantemente, nas salas de aula. A religião está presente no dia-a-dia das pessoas que se sentem cada vez mais “confortáveis” para experimentar sua nova condição de fiéis. Não é mais preciso trocar de roupa, cortar o cabelo, mudar as “companhias” ou locais que freqüentam para ser aceito como “religioso”. E, mais do que isto: é possível assumir, sem medo de censura, a busca por ascensão social e os benefícios trazidos por atividades como as desenvolvidas pelo MGC, que chamam os fiéis pentecostais para participar de cultos onde dançam e cantam hip hop, enquanto imitam coreografias similares às que faziam nos bailes funks, antes da conversão, ou nas festas de Rap que freqüentam atualmente, coisas que seriam certamente impensáveis até duas décadas atrás (MARIANO, 1999). Para tentar compreender o que é o Ministério Galera de Cristo, podemos nos utilizar do conceito de “comunidade imaginada”²³. De acordo com esta definição, a idéia de uma comunidade assim é formada à medida que alguns sujeitos imaginam compartilhar os mesmos símbolos e mitos de origem que fundamentam, assim, as representações das fronteiras do que é o “nós” e o “outro” da comunidade. (LOPES, 2007).

Atualmente, esta definição é utilizada por muitos autores para pensar outros grupos sociais como as comunidades étnicas e/ou religiosas. Neste ponto se situam valores e posturas ligadas à questão da negritude e da etnicidade, o que não significa que estes

²¹ Cantor Gospel nacionalmente reconhecido.

²² PINHEIRO, 2003.

²³ Conceito inicialmente elaborado por Benedict Anderson (ANDERSON, 1989).

valores sejam comuns a todos. Há cada vez maior possibilidade de “novas” interpretações sobre, por exemplo, como deve ser vivida e exaltada em seus valores a negritude. Cada vez mais, a visão que ligava de maneira inexorável os valores relativos à negritude à vertente africana está dando lugar a outras interpretações do que significa ter auto-estima, reconhecer suas raízes e valorizar sua cultura. Uma destas vertentes é, sem dúvida, a manifestação da cultura Hip Hop e seus elementos nitidamente ligados ao movimento negro norte-americano, sem relações direitas e aparentes com a ascendência africana.

O Ministério Galera de Cristo é formado por jovens, evangélicos, negros, em sua grande maioria, e moradores da periferia da zona Sul de Juiz de Fora. Aqui, acredito ser válido nos determos para compreender melhor o sentido do que é ser jovem para este grupo em questão e destacar que, do ponto de vista antropológico, é o contexto sócio-cultural o responsável pela construção das representações de juventude, definida, muitas vezes, pela posição social do jovem e pelo tratamento decorrente desta posição. Importante fase da vida, na sociedade moderna, embora haja variação dos limites de idade, a juventude é compreendida como um tempo de construção de identidades e de definição de projetos de futuro (NOVAES, 1998).

Os participantes deste ministério são, em sua maioria, moradores do bairro Santa Efigênia, que faz divisa com os bairros Ipiranga e Santa Luzia. A área é considerada de baixo poder aquisitivo pela Secretária de Planejamento e Gestão Estratégica (SPGE) da prefeitura de Juiz de Fora e, segundo dados do ano 2000, o bairro Santa Efigênia e adjacências possuem cerca de 6.200 moradores. A região é servida por duas escolas municipais e um posto de saúde. Ainda de acordo com dados da SPGE²⁴, cerca de 78,74% das famílias que residem no local recebem até dois salários mínimos.

²⁴ As informações podem ser obtidas no site da prefeitura www.pjf.mg.gov.br



Ilustração 12: Emoção durante reunião do Ministério Galera de Cristo na casa de Negro Bussola.

Figura 12: Emoção durante louvor; arquivo pessoal, Juiz de Fora. Jovens se abraçam durante reunião do MGC.



Ilustração 13: Música e dança dividem espaço com as orações

Figura 13: Rappes em Oração, arquivo pessoal, Juiz de Fora. Pausa



Ilustração 14: Apesar do caráter religioso, a descontração também se faz presente durante os encontros.

Figura 14: Rapazes em foco; arquivo pessoal, Juiz de Fora. As mulheres não se fazem presentes durante culto na casa de Negro Russola



Ilustração 15: Jovens, homens, negros e pobres: maioria entre os Membros do Ministério Galera de Cristo.

Figura 15: Clima de descontração, arquivo pessoal, Juiz de Fora. Momento de descontração durante reunião do MCG na casa de Negro

A maior parte dos integrantes do Ministério Galera de Cristo convive, diariamente, com a violência presente na periferia, baixa escolaridade e necessidade de trabalhar cada vez mais cedo para ajudar no sustento da família. Para estes jovens as experiências nos grupos de Rap evidenciam um dos poucos espaços no qual podem vivenciar sua

condição de jovens, proporcionando circunstâncias centrais na construção de uma identidade juvenil. São condições que possibilitam a construção de uma determinada identidade coletiva como jovens, uma expressão particular da própria condição juvenil das camadas populares (DAYRELL, 2005). Para quem teve que “crescer” rápido demais, a possibilidade de participação em uma posse de Hip Hop pode significar a chance de desenvolver atividades não obrigatórias, se vestir com outras roupas que não os uniformes de office-boys, com os quais passam os dias, e dançar, cantar e usufruir da falta de rigidez que caracterizam o estilo de vida jovem.

O Ministério Galera de Cristo teve início há sete anos quando Jefferson, que ainda não era conhecido por Negro Bússola, tomou a decisão de resgatar outros jovens que, como ele, haviam “optado” pelo caminho das drogas e criminalidade. Mesmo sendo filho de uma família em que a mãe trabalhava duro e os irmãos estudavam e trabalhavam, ele, aos dez anos, acabou se envolvendo com drogas o que, não demorou muito, o levou a cometer pequenos delitos.

Jefferson. lembra que não foram raras as vezes em que, sentindo vontade de estar na moda, “desceu” para a parte nobre da Zona Sul para “tirar o tênis de um playboy”. Nesta época, o evangelho foi apresentado a ele pela primeira vez, por um freqüentador da igreja evangélica do bairro, ao encontrá-lo fumando maconha.

Ele disse pra mim: “Chegue no espelho e veja quem é você!” Mas não tive como falar quem sou eu porque eu não tinha nada construído. Então foi preciso ver que eu era nada para poder construir alguma coisa, minha verdadeira identidade no convívio social. Aí comecei a pensar: “o eu é quem arruma um dinheiro em coisa errada e gasta em coisa errada, arruma dinheiro em assalto e roubo e gasta em droga, bebida e mulher. Será que eu estou certo?” E vi que eu tinha que dar uma virada. (Negro Bússola)

Mas, a “virada” demorou seis anos para acontecer. Aos dezesseis, a maconha não o satisfazia mais e nem os tênis eram os alvos preferenciais de furto. Em seus piores

dias, chegava a passar a maior parte do tempo fumando crack. E foi justamente em uma destas “viagens” em um campo de futebol abandonado, no centro do bairro, após ter participado de um assalto, que dois policiais militares o encontraram. Um deles queria executá-lo ali mesmo e que, ainda hoje, pode ouvir as palavras ditas pelo outro: “É apenas mais um preto, pobre da periferia. Mata ele!” O pavor tomou conta de Jefferson, que acredita ter sido salvo por um milagre, e o fez prometer que, caso sobrevivesse àquela situação, abandonaria a vida do crime. Os policiais mudaram de idéia e Jefferson de vida. Nascia naquele momento o sonho de criar o Ministério Galera de Cristo.



Ilustração 16: Jovens do Ministério Galera de Cristo posam para fotografia de divulgação do grupo.

Figura 16: Sem Bussola, arquivo pessoal, Juiz de Fora. Uma das raras fotos do MGC em que Negro Bussola não aparece.



Ilustração 17: MGC em estúdio para gravação de suas primeiras músicas

Figura 17: Em estúdio, arquivo pessoal, Juiz de Fora. Membros do MGC posa para foto enquanto grava seu 1CD.

A situação vivenciada por Jefferson não é um caso isolado. Em entrevistas posteriores com outros jovens, vi que, grande parte das vezes, a conversão é vista como um momento mágico, cercado de significados e sentidos. No livro “As cores de Acari: um retrato carioca” de Marcos Alvito Souza, o autor apresenta relações sociais e religiosas em uma das maiores favelas do país e mostra a importância do momento da “conversão” dos novos evangélicos (SOUZA, M., 2001):

Nas conversas e entrevistas ou nos testemunhos presenciados durante os cultos evangélicos, a conversão, o momento em que se “aceitou Jesus”, é um dos núcleos dramáticos da narrativa dos “crentes”. Principalmente no caso dos novos convertidos,

tal processo jamais é visto como ato totalmente racional, embora seja encarado como uma “escolha pessoal”. Mas é uma escolha motivada por acontecimentos e carregada de simbolismos. Por mais que os próprios convertidos aleguem também razões utilitárias para abraçar a religião evangélica, a conversão é vista como algo que surge repentinamente, a despeito de ser parte de “um plano divino” anteriormente traçado para aquele indivíduo que se revela como um raio num céu azul, de forma ao mesmo tempo inesperada, marcante, inelutável e poderosa. (SOUZA, M., 2001. p. 166)

Com Jefferson não foi diferente. Ele acredita que foi salvo pela intercessão de Deus, que tem um claro propósito para sua vida. Desde seu surgimento até os dias de hoje, a Galera de Cristo continua tendo em Jefferson, que passou a ser conhecido por Negro Bússola, seu “norte”. É ele o único a dar entrevistas e representar o Ministério, embora algumas vezes outros jovens o estejam acompanhando.

Questionado sobre a dificuldade de trabalhar em um único grupo com jovens vindos de diversas denominações evangélicas e que, portanto, receberiam orientações diferentes de acordo com sua igreja, ele diz que não é tão complicado e que só é necessário perceber quais serviços e habilidades a pessoa tem para oferecer à comunidade e começar o trabalho no Ministério:

A Galera de Cristo surgiu com a finalidade de pregar o evangelho para todos aqueles que a sociedade descarta: jovem de baile funk, homossexual... Então a gente fala que existe um Deus e que ele não veio neste mundo à toa. Ele veio com o propósito genuíno de transformação (Negro Bússola).

A facilidade de adesão e falta de critérios rígidos para fazer parte da Galera de Cristo faz com que o número de participantes seja imensurável e, por isto mesmo, haja grande dificuldade em se classificar, numericamente, em termos etários, de sexo e cor, os integrantes do Ministério.

Para Bússola, se alguém faz uma sopa para ser entregue aos menos favorecidos, atendendo a uma solicitação da Galera de Cristo, passa a integrar o Ministério. No entanto, quando há reunião dos membros da Galera para orar ou dançar Hip Hop Gospel

fica mais fácil traçar um perfil dos integrantes do grupo: eles são negros, pobres, em sua grande maioria homens e com idades variando dos doze aos trinta e poucos anos. No entanto, todos se referem aos outros, e a si próprios, como jovens e esta atitude não é muito difícil de ser compreendida: “Em um contexto social que os reduz a `jovens proibidos de ser’, o estilo de vida Rap é uma denúncia e uma reivindicação do direito à juventude” (DAYRELL, 2005).

Embora estejam compreendidos em uma faixa etária bastante estendida, esteticamente são muito parecidos: usam calças ou bermudas largas para facilitar a dança e camisas grandes e coloridas, fazem, em sua grande maioria, referências a times de basquete norte-americanos. O tratamento dispensado aos cabelos é um aspecto que merece especial atenção, pois fazem do penteado uma forma de expressar seu orgulho de “ser negro”. Estão, invariavelmente, com penteado afro ou com a cabeça raspada, coberta por boinas ou bonés multicoloridos.

O cabelo crespo e o corpo negro mais que meras características morfológicas, podem ser considerados expressões e suportes simbólicos da identidade negra no Brasil. Juntos, eles possibilitam a construção social, cultural, política e ideológica de uma expressão criada no seio da comunidade negra: a beleza negra. (GOMES, 2002). Quando falamos da realidade brasileira, é importante lembrar que o cabelo sempre foi uma das formas mais “fáceis” de se classificar alguém como “negro” ou “não-negro” e de “desqualificar ou agredir” aqueles que, segundo o senso comum, não possuem o que se convencionou chamar de “cabelo bom”.

A forma como o par - cor da pele e cabelo - é visto no imaginário social brasileiro pode ser tomada como expressão do tipo de relações raciais aqui desenvolvido. Nesse processo, o entendimento do significado e dos sentidos do cabelo crespo pode nos ajudar a compreender e desvelar as nuances do nosso sistema de classificação racial o qual, além de cromático, é estético e corpóreo. (GOMES, 2002, p. 8).

A sensação que temos é de que estes rapazes, obrigados a crescer rapidamente para ajudar a família e criar a sua própria que começam cada vez mais cedo, aproveitam a estética da cultura Hip Hop para viverem mais intensamente sua “juventude”, dançando, cantando e vestindo suas bermudas e roupas coloridas. A estes jovens, que vivem em situação de extrema pobreza - muitas vezes os vi comentando que não puderam ir a determinado evento que era importante por não ter um vale-transporte para pegar o ônibus -, convivendo dentro de casa, além da penúria econômica, com situações de alcoolismo e tráfico de drogas, a igreja surge como possibilidade de dar novo significado a esta existência:

A religião, enquanto sistema de símbolos, pode dar à existência um sentido que permita suportá-la a despeito das perplexidades, do sofrimento e da injustiça. O renascimento proporcionado pela conversão é o início de uma contínua reconstrução do passado: onde antes só havia caos e confusão, agora passa a haver – a despeito das provações e mesmo através delas - o cumprimento de um plano de Deus, cujo significado imediato... pode nos escapar, mas logo irá revelar-se. (SOUZA, 2001, M., p. 179).

5. 1 Guetto no ar

Na tentativa de denunciar a situação de miséria e exclusão a que são submetidos e promover a conscientização e evangelização da comunidade na qual estão inseridos, os membros do Ministério Galera de Cristo resolveram fundar, ainda que clandestinamente, contrariando as rígidas normas de comportamento pregadas pelas igrejas evangélicas e se aproximando mais da cultura underground vivenciada pelos rappers, uma emissora de rádio batizada como Guetto FM, que tem como slogan “a comunidade agora tem voz ativa”.

Nos microfones atuam locutores que, apesar de não terem passado por cursos de capacitação, são da própria comunidade e procuraram a emissora em busca de

oportunidade. A rádio entrou no ar pela primeira vez no dia 26 de agosto de 2006, utilizando-se, sem autorização legal, da sintonia 106,5 FM. Tem o estúdio situado no bairro Santa Efigênia, em local revelado para poucos, e potência de 100 watts, quatro vezes superior à autorizada para as rádios comunitárias, alcança pela qual ela se apresenta perante a comunidade. Por contar com esta potência, alcançava diversos bairros da região como Santa Luzia, Ipiranga, Vale Verde, Sagrado Coração de Jesus e Jardim Gaúcho, por exemplo.



Ilustração 18: Jovens do Ministério Galera de Cristo com o Ministro Patrus Ananias

Figura 18: Aliados de Peso; arquivo pessoal, Juiz de Fora. Fotos com personalidades importantes no cenário nacional são expostas nas

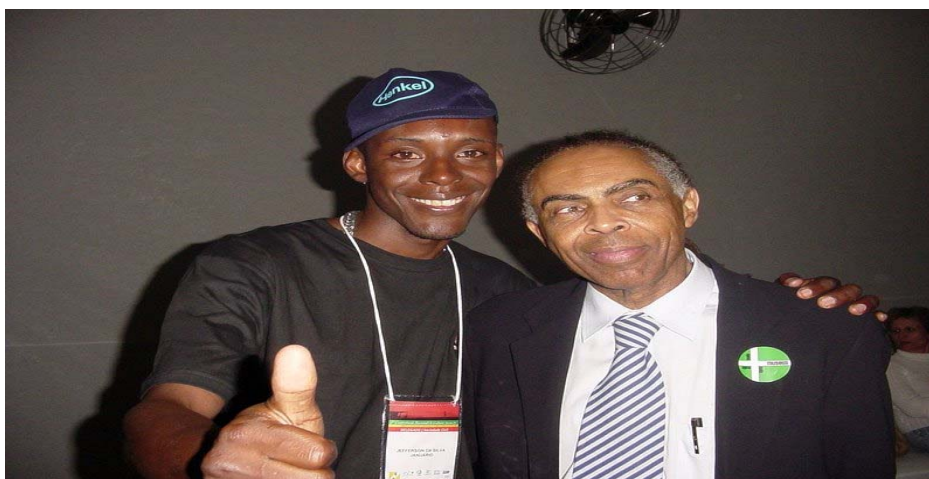


Ilustração 19: Negro Bússola ao lado do Ministro da Cultura Gilberto Gil que se reuniu com representantes do Movimento Hip Hop de todo o país, em Brasília, em dezembro de 2006.

Figura 19: Encontro com o ministro; arquivo pessoal, Juiz de Fora. Apoio das autoridades é um dos trunfos do MGC.

A emissora funcionava numa pequena casa de três cômodos, alugada e “preparada” para funcionar como emissora. Logo na entrada, uma parede inteira coberta com fotos de membros do Ministério com importantes figuras da comunicação, das artes e do cenário político local e nacional. Ao lado das fotos, diplomas e certificados de

participação aos membros do Ministério Galera de Cristo em seminários, cursos e eventos ligados à cultura na cidade.

Tecnologicamente a emissora contava com uma pequena mesa de som, dois ou três microfones e um computador em que grande parte das músicas ficava arquivada, além dos anúncios feitos por encomenda para os comerciantes (donos de padaria, açougues e pequenos empreendimentos) do bairro e programetes “baixados” gratuitamente dos sites do Governo Federal com temáticas relativas à saúde, educação e segurança.

Apesar de não contar em seu quadro de funcionários, com profissionais da comunicação regularmente capacitados, a rádio se manteve funcionando até maio de 2007 quando, após ter sido denunciada como “rádio pirata”²⁵, temendo sanções legais, foi tirada do ar temporariamente pela própria equipe da emissora.

Na rádio, coordenada por um evangélico há espaço, ao lado dos pastores e membros da Galera de Cristo, para um locutor assumidamente homossexual apresentar programas de fofocas da televisão; para uma estudante de jornalismo de uma faculdade particular estagiar e para tantos outros homens e mulheres que, à primeira vista, não se “encaixariam” no perfil de comunicador tenham espaço para se comunicar.

Após quase oito meses fora do ar, no início de 2008, ainda sem autorização, a Rádio Guetto voltou a funcionar em novas instalações de maneira clandestina por não ter obtido a legalização. Este é, inclusive, um processo que envolve altos gastos e muita burocracia. Para obtenção de um canal para funcionamento de uma emissora de rádio educativa é preciso que o interessado verifique, no Plano Básico de Distribuição de Freqüências, se há um canal educativo disponível para a localidade onde se quer instalar a emissora. Caso não haja, é preciso encaminhar um pedido para que o Ministério das

²⁵ Emissoras de rádio não-autorizadas recebem o nome de pirata, por associação com um fenômeno inglês que tem a ver com o monopólio de um país (Grã-Bretanha) no período no qual eram proibidas veiculações de propagandas em rádio. Os navios, com bandeiras negras, que lembravam os piratas, transmitiam de maneira irregular, na costa da Europa, fora do território de controle do Estado, que controlava a radiodifusão, daí a expressão “rádios piratas”, usada até hoje.

Comunicações faça uma análise, junto a uma proposta de viabilidade técnica que deve ser elaborada por um engenheiro habilitado, demonstrando que é possível a inclusão do novo canal de transmissão (FERRARETTO, 2001). Em Juiz de Fora várias emissoras esperam pela concessão do governo para funcionar legalmente.

5.2 De Nêgo Véio à Negro Bússola

É impensável tentar compreender o Ministério Galera de Cristo sem conhecer a história de seu fundador. Em qualquer roda de conversa, seja na igreja ou nos bailes de Hip-Hop, quando se fala sobre o movimento gospel em Juiz de Fora, não demora muito para que o nome de Negro Bússola seja pronunciado com respeito.

Ao ser questionado sobre o motivo da alcunha, ele explica que o objetivo é avisar “logo de cara” que se trata de um “negão”, evitando possíveis atitudes preconceituosas,²⁶ e para deixar claro que seu objetivo é servir de norte para outros jovens da comunidade, mostrando o caminho certo a seguir, longe das drogas e da criminalidade. Auto-confiante, garante que não se espelhou em ninguém para realizar os projetos que desenvolve e quando é lembrado da semelhança entre seus projetos e os do cantor MV Bill, valoriza o trabalho feito pelo rapper carioca, mas lembra que as ações de Bill aconteciam concomitantemente ao projeto desenvolvido aqui em Juiz de Fora.

Nascido há 32 anos, filho de pais pobres e terceiro filho de uma família de quatro irmãos (dois homens e duas mulheres); ele nem sempre foi motivo de orgulho para a família. Apesar do exemplo da mãe trabalhadora, dentro e fora de casa, do pai que honrou seus compromissos sustentando a família e dos irmãos que seguiram desde cedo

²⁶ Neste momento ele faz um parêntese e se lembra da primeira vez que saiu para procurar emprego. Conta que havia se cadastrado como guarda-mirim e, quando recebeu o chamado, colocou o melhor calçado, uniforme limpo e passado e saiu de casa com as bênçãos da mãe para que tudo desse certo. Chegou cedo à agência responsável pelo recrutamento, onde foi minuciosamente analisado pela atendente. A moça não se deu ao trabalho de fechar a porta da sala antes de fazer uma ligação telefônica para fazer uma reclamação: “Eu peço alguém com boa aparência e vocês me mandam este moleque?” Pela porta entreaberta foi preciso apenas ouvir o início da conversa para que Bússola saísse da sala sem se despedir. Daí em diante resolveu que ninguém mais ia ter “qualquer surpresa” ao encontrá-lo.

o caminho dos estudos, Jefferson resolveu seguir o caminho contrário.

Até os 11 anos o adolescente levava uma vida “normal”, mas, nesta época, começou a freqüentar bailes funks e participar ativamente de uma equipe de dança da cidade. Como membro da “Equipe Tufão”, precisava se adaptar para fazer parte da turma. A equipe era formada por dois grupos bens distintos: um formado pelos adolescentes vindos de famílias carentes e o outro por aqueles oriundos de famílias mais abastadas que, portanto, vestiam melhores roupas e calçavam tênis de marca. Motivados pelo incômodo causado pela diferença social, não demorou muito para que a parte mais pobre da equipe, da qual ele fazia parte, “desse um jeito” entre um delito e outro, de obter os mesmos bens materiais dos colegas. “Os bailes com concurso passaram a estimular o envolvimento dos jovens nas galeras, que vislumbravam a oportunidade de obter êxito e fama individual ou a fama e vitória para suas comunidades” (CECCHETTO, 2003, p.101)

A convivência entre eles era intensa. Aos sábados se reuniam na casa de Bússola, no bairro Ipiranga, vindos de diversas periferias da cidade, para trançar os cabelos ou fazer as famosas “molinhas” (uma forma de obter efeito cacheado usando cremes especiais). Neste processo davam nova significação ao “corpo”, tão desvalorizado socialmente, moldando o que era possível moldar: os cabelos.

Da casa de Jefferson já saíam prontos para curtir o baile no dia seguinte. Mas, nem sempre as saídas se resumiam às idas aos bailes. Algumas vezes, na falta de roupa ou tênis que combinasse com novo penteado, se juntavam para roubar os “playboys” na Zona Sul. Logo as roupas não bastavam mais e começaram a roubar para comprar drogas.

Graças a Deus a tentativa de homicídio da qual participei deu errado. Mas, uma semana depois, o cara que a gente tentou matar acabou sendo morto pela polícia. Ele estava ligado com o tráfico de drogas. (Negro Bússola)

Mas não foram só os rivais que a vida do crime acabou levando. Muitos amigos também foram mortos cedo demais. “Em três anos foram mais de sete amigos enterrados

e muitos outros presos”, lembra. Para Bússola, muito da postura criminosa e violenta adotada por grande parte dos jovens moradores da periferia, principalmente na década de 80, está relacionada, embora este não seja o único nem o mais importante fator, ao ritmo e as letras que lhes foram apresentados e por eles consumidos de maneira voraz: o funk. “Sempre me interessei pelo balanço da música negra norte-americana. Mas, quando começaram a fazer as primeiras traduções para o português e surgiu o funk `proibidão´. Percebi que aquela não era mais minha praia”, lembra Jefferson.

Vale, contudo, lembrar Michael Pollak (POLLAK, 1992), que destaca o fato de a memória não se restringir à vida física da pessoa: “A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória” (POLLAK, 1992, p. 4). O que nos faz pensar na possibilidade de que essas “lembranças” estejam agora sendo “enxergadas” por um outro Jefferson, capaz de interpretá-las de maneira diferente da maneira como foram vivenciadas pela primeira vez.

Assim como acontece com a maioria dos estilos musicais, há diversas vertentes do Funk, com características específicas do ritmo. No caso do “proibidão” as letras fazem referências à vida marginal, “endeusando” chefes do tráfico e bandidos procurados pela polícia. Por esta razão, muitos funks conhecidos como “proibidões” raramente são assinados. Esta modalidade do funk estava entre as que mais faziam sucesso, juntamente com outras de letras com forte conotação sexual, nos bailes da década de 80. Bússola, ao perceber o poder de penetração que o estilo musical tinha junto aos jovens, imaginou que, com outras letras, a música poderia ser usada em benefício da comunidade. Mas, só depois da conversão religiosa começou a compor e divulgar seu trabalho.

A religião ainda era uma questão indefinida em sua vida. A mãe ia às missas na Igreja Católica e também freqüentava Centros de Umbanda. Já o pai não era religioso,

assim como os irmãos e irmãs. A reverência e o respeito à figura materna são recorrentes em sua fala. Ele lembra que, como prova de amor, sua mãe foi buscar, nas mais diversas denominações religiosas, ajuda para salvar a vida do “filho desajustado”. Do centro de “macumba”, onde Jefferson foi apelidado quando mais jovem de “Nêgo Véio” (por causa das danças animadas em volta dos orixás, esperando a hora da distribuição das balas e doces), até as igrejas evangélicas, onde o visual “exótico” do adolescente, com seu cabelo black power e roupas coloridas, tudo acabava fazendo com que ele fosse recebido com desconfiança pelos fiéis.



Ilustração 20: Negro Bússola faz do microfone sua principal ferramenta de evangelização.

No início, precisou lidar com a falta de credibilidade por parte da maioria dos fiéis que, por serem seus vizinhos, conheciam seu histórico, não acreditavam que ele havia realmente mudado. Ter continuado se vestindo da mesma maneira e “curtindo” o mesmo som, o Hip Hop, contribuía para a desconfiança. Mas, ele estava disposto a provar que se convertera de fato e, das conversas com o pai da moça, o pastor do bairro, surgiu a idéia de fundar o Ministério Galera de Cristo para resgatar outros jovens como ele e trazê-los

para a Igreja, através da música, mais especificamente do Hip Hop Gospel.

5.3 Mais negro que evangélico

Embora faça questão de valorizar em seu discurso a importância de mostrar a todos quem é de fato, Bússola defende que algumas questões devem gozar de privacidade e não tem dúvidas ao elencar as características pessoais pelas quais pretende ser lembrado: pobre, revolucionário, “um anjo-negro da periferia”. Quando questiono, o motivo pelo qual a palavra “evangélico” não figura dentre as quais pretende ser lembrado explica, enfaticamente, que o fato de ser evangélico, não é algo que deve ser dito, mas sim demonstrado pelo comportamento que assume. “A idéia é que as pessoas percebam quem sou vendo que estou me divertindo sem precisar beber ou mexer com coisas erradas”, explica.

Em sua opinião, muitos têm o discurso “na ponta da língua”, mas não vivem na prática o que é essencial para a vida do crente e cita como exemplo políticos que atuam nas bancadas evangélicas. “Por isto não mudo meu penteado ou a forma de me vestir. Sou como sou”, destaca. “A referência moral se manifesta nas exigências de coerência entre o discurso realizado no palco e os comportamentos assumidos no cotidiano” (DAYRELL, 2005, p. 122).

Mas, a “desilusão” com a classe política não significa que não tenha grandes ambições na vida pública. Não esconde seu desejo de assumir um cargo político e assume que pretende entrar para a história como o primeiro prefeito negro de Juiz de Fora. Contudo, garante que não fará da religião uma bandeira para ajudar na eleição, pois não “gosta” de misturar vida religiosa com vida pública.

Ressalta que o fato de um negro ocupar o mais alto cargo político da cidade é importante e servirá de modelo para que outros jovens como ele vejam que é possível ser “alguém na vida”, além de mostrar à sociedade que os negros também são capazes de

assumir postos de poder. Para Bússola, a mudança social deve, necessariamente, passar pela via política. O primeiro passo neste caminho já foi dado ao assumir, no início de 2008, a presidência do PTB Jovem, partido do atual prefeito da cidade.

A estreita ligação entre a política e os pentecostais é histórica na cidade. O primeiro pastor evangélico foi justamente um pastor pentecostal: Pastor Reis (1988). Mesmo não conseguindo a reeleição, a cadeira dos pentecostais não ficou vaga nas eleições seguintes. Vieram o Pastor Barbosa Júnior, da Igreja Universal do Reino de Deus, em 1992; Carlos Henrique, também da Universal, em 1996. Em 2003 os pentecostais contavam com dois representantes na Câmara Municipal Marco Antônio, pastor da Igreja Univida e Mariano Júnior, da Igreja do Evangelho Quadrangular (NASCIMENTO, 2003).

Se, por um lado, determinação e vontade de mudar são características marcantes na personalidade de Negro Bússola, por outro, a incapacidade de reunir outros jovens, assumindo de fato responsabilidades em torno de um propósito, também é notada. A todo momento destaca que seu trabalho é solitário e que apenas poucas pessoas são capazes de “alcançar” seus reais objetivos. Para ele, os outros jovens se limitam a segui-lo e cumprir suas ordens sem entender a importância destas mudanças para o projeto final que pretende implementar na sociedade.

Em sua avaliação, a baixa escolaridade, desestrutura familiar e ausência de perspectivas de melhoria de vida não estão entre os fatores responsáveis pelo desinteresse de outros jovens. Ela seria causada por falta de vontade ou, como ele prefere: “predestinação”. Bússola define a si mesmo como um “Anjo Negro”, homem de muita sorte e que, por isto mesmo, tem um poder de compreensão mais aguçado do que o dos demais. “A experiência direta com o sagrado, a crença num contato direto com Deus, também rompe o sentimento de impotência e alimenta a auto-estima dos que se sentiam fracassados” (MARIZ, 1996, p. 175). A força para a mudança não é mérito seu,

pois ele já nasceu para cumprir este “plano divino”.

Para não deixar o cargo desocupado, caso ele venha a faltar, confia que está “treinando” um substituto, Rafael, para ser o vice-presidente da Rádio Guetto e assumir o Ministério Galera de Cristo. Enquanto este tempo não chega, tenta manter os sonhos e a família, o que não é tarefa fácil.

Bússola enumera, a todo momento, sua lista de obrigações: é responsável pelo Ministério Galera de Cristo, Fundador da Rádio Guetto FM, responsável pela Casa de Cultura Evaílton Villela, está gravando um disco e precisa prover a casa, uma vez que a esposa está desempregada. Para conciliar os sonhos com as atividades econômicas, Bússola lava carros nas ruas (antes trabalhava em um lava-jato) e faz representações comerciais para uma loja de calçados da cidade. Sua rede de contato é, certamente, seu grande trunfo. Seja pelo poder do argumento, ou pela capacidade de “falar com as pessoas certas”, Bússola consegue, embora viva em um bairro da periferia da cidade, estar sempre de carro (emprestado de algum “chefe”); morar em uma casa visivelmente confortável e bem equipada, embora em um bairro carente, e estar sempre cercado de pessoas influentes e que podem, de alguma forma, tornar seus projetos mais fáceis de se realizarem.

No lar, estão evidentes as influências que direcionam o trabalho de Bússola. Logo na entrada fez de um pequeno quarto um estúdio de som improvisado onde passa a maior parte do tempo. As paredes são cobertas com pôsteres de jogadores famosos de basquete norte-americano e de astros da música negra como Michel Jackson. Em pastas de plásticos estão arquivadas centenas de cds’s, a grande maioria deles de música gospel, mas também há espaço para o pagode, samba (gosto herdado do pai) e para o Hip Hop secular de grupos como os Racionais MC’s.

Surpreendo-me ao vê-lo abrir um móvel grande que fica no centro do quarto. Há, pelo menos, cinco dezenas de tênis coloridos e bem diferentes dos vistos na maioria das

vitruines da cidade. Os modelos são de marcas importadas e se parecem muito com aqueles com os quais desfilam grandes astros do basquete norte-americano. Enormes, coloridos e caros, quando oficiais. No estúdio improvisado há espaço ainda para uma mesa de som e para uma dezena de vinis clássicos.

Conversamos sobre religião e ele diz acreditar que as manifestações divinas acontecem como resposta a algum sacrifício ou negociação estabelecida com Deus. Para exemplificar cita o dia em que se comprometeu a “massar” sozinho as paredes da nova Igreja “em troca de uma bênção”. Durante todo o trabalho “conversava” com Deus e avisava que, assim que terminasse o serviço, gostaria de receber uma graça importante. “A uma e meia da manhã, quando terminei o serviço, disse a Deus que gostaria de montar uma rádio para falar com os jovens da comunidade”, lembra.

Na semana seguinte o dono de uma rede de calçados da cidade o procurou para oferecer ajuda e doou R\$ 10 mil em equipamentos. Outros empresários doaram tintas para pintar o local e “assim a ajuda foi aparecendo pela graça de Deus”, explica. A fé na providência divina e num plano de Deus é, segundo MARIZ (1996), uma das principais características dos pentecostais, a qual desenvolve nos seus fiéis o sentimento de que os “sofrimentos da vida têm um sentido e obedecem a uma lógica maior, em que o bem sempre vencerá. Essa crença ajuda também a superar o medo e a insegurança, sentimentos inevitáveis para aqueles que se sabem sem poder” (MARIZ, 1996, p. 177).



Ilustração 21: Com seu penteado Black Power, caricatura feita por amigo ao fundo e poster de ídolo da música negra Norte-americana ao lado da pick-up de Dj, Negro Bussola faz questão de valorizar sua negritude

Figura 21: Auto-estima, arquivo pessoal, Juiz de Fora. Em sua casa Negro Bussola, com seu cabelo black power e carticatura pessoal ao fundo, demonstra a importância da sua negritude.

Durante as conversas cita com frequência Martin Luther King²⁷ e Nelson Mandela. Pergunto como tomou conhecimento destas personalidades e ele explica que conheceu Luther King e outros pensadores negros através das letras do Rap. “Eu ouvia o cara dizer um nome destes no meio da letra da música e ia procurar saber quem eram estes caras e o que mais eles tinham dito”. Apesar de ter concluído o segundo grau, faz questão de dizer que muito do que aprendeu se deve ao Rap. Mas, ainda assim, pretende usar outros artifícios para conseguir “chegar ao poder” e concretizar seus ideais. Um de seus sonhos é cursar faculdade de Jornalismo e, desta forma, “ser mais respeitado pelas pessoas”.

Outro sonho é inaugurar uma Casa de Cultura, centro de referência das mais diversas manifestações artísticas de sua comunidade. A instituição está sendo montada em uma casa que estava abandonada e foi alugada de um morador do bairro. Lá estão

²⁷ Martin Luter King, pastor e ativista político norte-americano.

programadas para acontecer aulas de informática gratuitas, cursos pré-vestibulares, também de graça, e reuniões de Alcoólicos Anônimos, além de aulas de dança e música.

Apesar de não ser um espaço estritamente religioso, há a proposta de oferecer aos atendidos a oportunidade de mudar de vida. Entra aí a Igreja de Deus no Brasil como instrumento de evangelização para uma população que, além de conviver com a pobreza, falta de estudo e violência, precisa ainda lidar com a desestrutura familiar. “É filha que chega grávida de pai, pais que estupraram filhas, irmão que sodomizou o próprio irmão”, explicita o pastor José Berto.

Ir à igreja significa, sobretudo, freqüentar os cultos, e neles é que se reconstrói o significado de tantas vidas ameaçadas pelo caos, paralisadas pela perplexidade, mergulhadas na dor e acossadas pela iniquidade, pelo mal (SOUZA, M., 2001). Para tornar seu sonho realidade, Bússola passa grande parte dos seus dias fazendo os serviços de pedreiro, bombeiro, eletricista e o que mais for preciso.



Ilustração 22: Fachado do imóvel onde vai funcionar a Casa de Cultura Evaílton Vilela.

Figura 22: Casa de Cultura, arquivo pessoal, 2007; Juiz de Fora. Fachada da Casa de Cultura Evaílton Villela ainda em reforma. A casa foi inaugurada

6. CAFÉ COM HIP HOP

Uma das principais atividades desenvolvidas pelo Ministério Galera de Cristo é a promoção de encontros onde haja discussão sobre a questão do jovem negro na sociedade, os principais problemas enfrentados e possíveis alternativas para reverter este quadro. O mais conhecido evento é o Projeto Café com Hip-Hop promovido com regularidade pelo Ministério Galera de Cristo no Centro Cultural Bernardo Mascarenhas, em Juiz de Fora. Tivemos a oportunidade de estar na edição promovida em 11 de janeiro de 2007, ocasião em que, segundo os organizadores do evento, foram reunidos mais de 350 jovens. No Café com Hip Hop há espaço para apresentações de dança, grafite e DJs.

É um espaço para, dentre outras questões, manter e fortalecer o Hip Hop nestas comunidades. Durante o Café com Hip Hop, jovens de diversas partes da cidade se reúnem para apresentar os trabalhos que vêm sendo feitos junto à comunidade, mas, apesar da divulgação prévia feita por alguns veículos de comunicação da cidade, sempre no Caderno de Cultura, e nunca tratado como um movimento político desenvolvido por estes jovens, durante o evento não é realizada qualquer cobertura jornalística por emissoras de rádio, TV ou jornais impressos e sites. Durante a realização do Café com Hip Hop é pouco notada a presença de outras pessoas que não aquelas que façam, de fato, parte do movimento.

Nota-se durante o evento a grande presença de jovens DJs dispostos a apresentar seu trabalho em busca de novas oportunidades de emprego. Como mostrou Jane Souto em “Os outros lados do Funk Carioca” (SOUTO, 2003), assim como acontece com o funk, o Hip Hop ampliou o mercado de trabalho para os jovens oferecendo a eles perspectivas de empregos de mais prestígio que as funções comumente desempenhadas por jovens de periferia.

No início de julho de 2007, Negro Bússola entrou em contato pelo Orkut – preciso

novamente lembrar a importância da internet como ferramenta de comunicação com os jovens rappers evangélicos –, pedindo para que me comunicasse com ele. Como normalmente não nos encontraríamos por acaso (moramos em bairros distantes e não freqüentamos os mesmos ambientes), a internet se tornou uma possibilidade de manter contato quase diário e assim me manter informada sobre o andamento dos eventos do calendário de Hip Hop Gospel da cidade e região²⁸.

Entrei em contato e, do outro lado do telefone, uma surpresa: dentro de dois dias aconteceria mais uma edição do Café com Hip Hop e ele gostaria de realizar um documentário durante o evento para mostrar a evolução e os personagens da cena funk e Hip Hop em Juiz de Fora. Pediu-me se, como professora do curso de Jornalismo de uma faculdade particular da cidade, poderia verificar a possibilidade de comparecermos ao evento com câmeras de vídeo para registrar as apresentações, além de fazer entrevistas com os freqüentadores e artistas que iriam se apresentar.

Vendo neste evento a possibilidade de conhecer outras realidades que poderiam ser fundamentais para a melhoria de meu estudo e nas relações estabelecidas entre meus informantes e eu (vale a pena destacar que foram raríssimas as vezes em que entravam em contato comigo para solicitar algum favor), imediatamente entrei em contato com o professor responsável pelo Núcleo de documentários da faculdade, que aceitou participar da gravação do documentário e disponibilizou uma equipe de seis alunos para registrar tudo em áudio, vídeo e fotografia. Fiquei responsável pelo contato com os organizadores do evento e por participar de uma reunião que haveria no dia seguinte para definir os detalhes do evento.

Por conta de outros compromissos profissionais cheguei atrasada à reunião, esperando encontrar um auditório lotado, mas, no lugar disto, além de Negro Bússola, apenas meia dúzia de jovens conversavam em uma sala pequena. Um dos mais falantes

²⁸ ANEXOS 06, 07 E 08.

era Miranda, negro, aparentando ter vinte e poucos anos, mostrava seu estilo com uma das pernas da calça levantada (como costumam fazer os bboys); Rafael, branco e franzino aparentando ser o mais novo da turma e era o responsável pela participação dos Djs no evento. Ao contrário de Miranda, o jovem Rafael faz parte do Ministério Galera de Cristo e é atuante na Igreja de Deus no Brasil. Ao meu lado, outro rapaz responsável pelas atividades relacionadas ao grafite, dois jovens brancos aparentando ser de classe média que estavam lá para pedir espaço, no próximo evento, para apresentação do grupo do qual fazem parte, uma estudante de psicologia, negra, que também é evangélica faz parte do movimento Hip Hop e se apresentou como Dandara²⁹ (após a reunião, em um bate-papo informal, descobri que não se tratava de seu nome real, mas da forma como gosta de ser vista e tratada pela família e amigos) e uma estudante do curso de Comunicação da faculdade na qual leciono, enviada pelo professor responsável pelo Núcleo de Documentários para acompanhar a reunião.

Durante a conversa, cada um apresentou uma série de sugestões para tornar o evento mais atrativo e garantir que todos os artistas presentes tivessem condições de demonstrar seu trabalho. Em situações como esta vemos que, apesar da falta de recursos, existe uma vitalidade cultural entre os jovens que se faz notar na promoção de bailes e eventos, nas rádios comunitárias, nos grupos de break ou na arte dos grafiteiros. Fica claro o impulso desses jovens de se envolver numa atividade criativa. Eles assumem o papel ativo de criadores, e não mais de consumidores passivos de produtos culturais (DAYRELL, 2005).

Negro Bússola explicou que participar do documentário produzido pela faculdade de comunicação serviria para que os jovens presentes se sentissem comprometidos com a sociedade e seus amigos; pois, em seus depoimentos, assumiriam a obrigação de levar uma vida diferente daquela experienciada pela maioria dos jovens negros e pobres

²⁹ Dandara é o nome da esposa de Zumbi dos Palmares, escolhido com frequência por membros do movimento Negro para batizar suas filhas pelo que representa para a comunidade negra.

moradores das periferias das grandes e pequenas cidades. Para ele, a presença das câmeras de TV e máquinas fotográficas serviria para elevar a auto-estima destes jovens há muito fragilizada pela constante “invizibilização” a que são submetidos diariamente.

Equipes de sete cidades participariam do evento em Juiz de Fora e a idéia era produzir um documentário para enviar à TV Senado e com isto conseguir “ajuda” do governo para projetos promovidos pelo Ministério Galera de Cristo em Juiz de Fora, incluindo aí a liberação de um canal para que a Rádio Comunitária administrada por Bússola, que fora recentemente fechada pela Anatel por não estar devidamente legalizada, pudesse voltar a funcionar legalmente.

O grupo pretendia, ainda, transformar o Café com Hip Hop em um evento itinerante, levando-o para a periferia de Juiz de Fora como forma de valorizar e mostrar a realidade dos bairros mais carentes como o “alto do Dom Bosco e becos da Vila Olavo Costa”. Para justificar a necessidade de deslocamento do evento para a periferia, Miranda citou uma matéria publicada pelo jornal *Tribuna de Minas*, que chegou inclusive a virar tema de audiência pública na Câmara Municipal³⁰, que classificou o local onde ele vive como “Faixa de Gaza”, fazendo um paralelo entre as ocorrências policiais registradas na região e os conflitos no Oriente Médio. Ele reclamou que as iniciativas de socialização promovidas pelos jovens da comunidade e as apresentações do grupo de dança de rua do qual ele faz parte não são noticiados pela imprensa, o que, segundo ele, pode dar uma idéia de que são apenas marginais os moradores daquela região.

Na opinião de Miranda um passo importante para que situações como esta não aconteçam é a imediata diferenciação dos grupos de funkeiros (ou “aqueles de cabelo amarelo”, como ele classificou os rapazes que fazem parte do movimento funk, com uma produção musical direcionada, grande parte das vezes, ao entretenimento e com referências românticas) e os Rappers (jovens ligados ao movimento Hip Hop, com

³⁰ ANEXO 03.

produção musical voltada para letras de protesto em cima de “bases” eletrônicas previamente programadas).

Se a origem cultural é a mesma – a música negra americana – a forma com que foram reelaborados no Brasil produziu peculiaridades que distinguem o Funk do Hip Hop: o ritmo, as letras, as festas e rituais apresentam diferenças significativas, principalmente para os jovens que fazem parte do movimento Hip Hop, e as propostas e os significados atribuídos pelos jovens que deles participam. Rappers e funkeiros fazem questão de se afirmarem com estilos distintos, apesar da tendência existente em confundi-los. Esse esforço para demarcar uma identidade é ainda maior à medida que os adeptos apresentem grande número de semelhanças: jovens, pobres, em sua grande maioria negros, moradores da periferia da cidade, muitas vezes vizinhos (DAYRELL, 2005).

Enquanto explicava aos presentes as principais diferenças entre os dois movimentos, não demorou para que os rapazes citassem a importância do grupo paulistano de Hip Hop Racionais MC's no processo de conscientização de jovens. Os presentes à reunião explicaram o que classificam como “transe” no qual os jovens entram quando ouvem uma música do grupo “Vou colocar só o instrumental de uma música dos Racionais e todos vão cantar como se fosse um hino: de olhos fechados, sem errar a letra. É como se fosse uma religião. Todos vão cantar, vocês vão ver”, garante Negro Bússola, antecipando o que aconteceria no dia seguinte.

A expectativa para o evento era muito grande: os organizadores esperavam cerca de 600 participantes. Entre os presentes, na apresentação do dia seguinte, estariam representantes de segmentos musicais seculares e religiosos. Como destaque no segmento religioso foram citados o coral Happy Singles (da Igreja Filadelfia situada no bairro Manoel Honório) que, apesar de não fazer parte do movimento Hip Hop, havia preparado uma música especial para apresentação; a pregação do Pastor Renato (da Casa da Bênção) que falaria “alguns minutos” sobre a importância da vivência religiosa; a

apresentação do grupo *Gospel Dance* da cidade vizinha de Mar de Espanha e do Mestre de Cerimônias *WF* de Juiz de Fora. A participação do Ministério Galera de Cristo ficaria restrita a apresentações de dança durante a performance dos DJ's. Terminamos a reunião, marcando de nos encontrar às 17h30 do dia seguinte, uma hora e meia antes do início do evento, já no local para acertar os últimos detalhes.

6.1 “Jovens” de todas as idades

Dia 27 de julho, sexta-feira, o evento está marcado para as 19h. Como previsto, chego ao local às 17h30 para conferir as primeiras movimentações e realizar entrevistas antes do início das apresentações. Já há uma dezena de jovens, devidamente caracterizados como integrantes da cultura Hip Hop, espalhados pelos cantos do Centro Cultural Bernardo Mascarenhas (espaço concedido pela prefeitura de Juiz de Fora para realização do evento). Encontro na entrada do Centro Cultural, os estagiários da Faculdade de Comunicação responsáveis por documentar a festa.

Os organizadores correm de um lado para outro, acertando os últimos detalhes: ainda faltam galões de suco para chegar (no evento não é permitida venda ou consumo de bebida alcoólica: apesar de acontecer de forma sutil, o controle tem eficácia), e pães para serem distribuídos aos participantes que trabalham na organização. Começa a montagem da aparelhagem de som.



Ilustração 23: DJ se prepara para tocar durante o Café com Hip Hop

Figura 23: Dj em ação, arquivo da pesquisadora, Juiz de Fora. Autoria:

Dan Relicelli. Foto tirada durante Café com Hip Hop em 27/08/2007

São fios, microfones, botões e caixas, mas este não parece ser um problema para os jovens

presentes que lidam com destreza com toda esta aparelhagem. Na entrada da sala onde acontecem

as apresentações foram colocadas telas de aproximadamente 5m x 3m para que sejam feitas

grafitagens durante o evento.

Dentro da sala onde acontecerão as apresentações, a pick up do DJ está em local

de destaque em frente ao palco, também de frente para uma pequena arquibancada onde

já começa a se sentar o público que chega. Na mesa de som, cds e aparelhagens

modernas dividem espaço com vinis de nomes históricos da Black Music Nacional e

Internacional como James Brown e Toni Tornado.

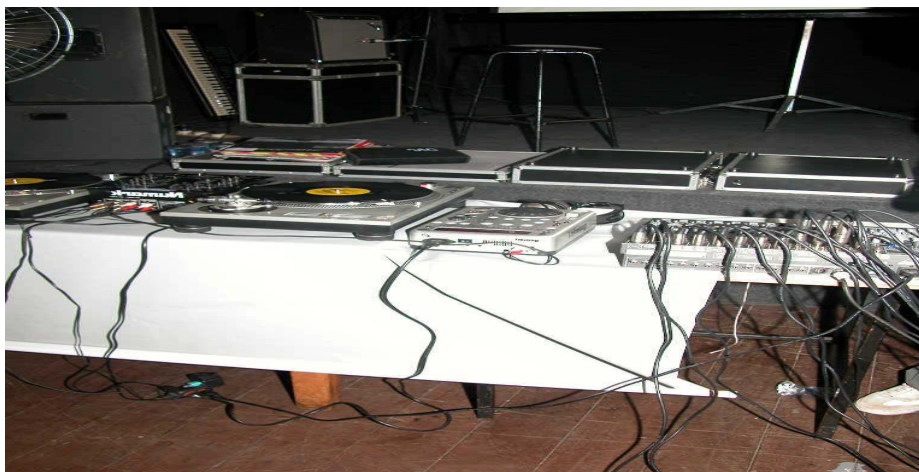


Ilustração 24: Os Djs contam com que o há de mais moderno em aparelhagem eletrônica.

***Figura 24: Mesa do Dj, arquivo da pesquisadora, Juiz de Fora.
Autoria: Dan Beligolli; Foto tirada durante Café com Hip Hop em
27/08/2007***

Vemos que estes rapazes estão capacitados para manusear os equipamentos e o que há de mais novo em termos de tecnologia. E, esta capacitação é, para a grande maioria deles, que têm baixa escolaridade e por isto mesmo só conseguem empregos com baixa remuneração e prestígio social (lavadores de carros, office-boys, vigias e ajudantes na construção civil são algumas das ocupações dos garotos entrevistados), a chance de serem “admirados” e assumirem a posição central nos eventos dos quais participam.

... a passagem de consumidores do gênero musical rap para a condição de produtores musicais, com a formação dos grupos, significou para todos um processo de envolvimento gradativo, no qual alguns fatores explicam por que o rap tem encontrado um solo fértil entre os jovens das camadas populares. Um fator está relacionado ao lugar social ocupado por esses jovens e ao capital cultural a quem tem acesso, que se expressa no lugar onde moram, na turma de amigos que possuem e no lazer que desfrutam. Outro fator é as exigências econômicas necessárias para a produção e a reprodução do estilo musical (DAYRELL, 2005, p. 95).

Além do reconhecimento social, a capacitação para trabalhar com os equipamentos de som, também proporciona a estes jovens a chance de atuarem como DJ's e locutores em Rádios Comunitárias e piratas que crescem de maneira significativa nas periferias das cidades. Nestes locais de trabalho encontram o que buscam de maneira incansável: a chance de serem ouvidos. Lá, com sua eventual deficiência de vocabulário, baixa escolaridade, mesmo que registrem passagens pela polícia, problemas familiares, sendo negros e pobres, terão a chance de expressar sua opinião e serem reconhecidos em sua comunidade. "O rap, por intermédio dos shows, é um meio de articularem uma auto-imagem positiva, uma forma de se afirmarem como 'alguém' numa sociedade que massifica e os transforma em anônimos." (DAYRELL, 2005, p. 107).

Os microfones das Rádios Comunitárias e Piratas funcionam como espaço de construção de uma identidade fragmentada e fragilizada pela constante invisibilização dos veículos de comunicação de massa, do qual inclusive são críticos afiados. Tendo despontado na mídia porque notados em sua realidade, expõem problemas como delinqüência, ócio, violência e irresponsabilidades, estes jovens das classes populares são os mais atingidos pelos efeitos da degradação social (ALVIM; PAIM, 2000).

Para os entrevistados, muitos dos problemas enfrentados hoje pela juventude, negra e pobre é fruto da falta de informação e constante "massacre" da auto-estima que se repete a cada dia nos comerciais, novelas e filmes em que o ideal de beleza e de profissionais bem-sucedidos não se assemelha em nada ao deles. A ausência ou distorções da imagem dos negros nos meios de comunicação é uma forma de violência extremamente dolorosa, cruel e prejudicial, pois sem referenciais positivos, o negro, enquanto grupo racial, simplesmente deixa de existir. Não é por acaso que são poucos os negros que se reconhecem como negros no Brasil (QUINTÃO, 2001). A todo momento ressaltam que se sentem órfãos de ídolos e modelos aos quais seguir e destacam que a situação dos moradores da periferia seria muito melhor se pudessem ter acesso aos

veículos de comunicação e de fato dizerem quem são. Ao divulgarem a imagem estereotipada de jovens suburbanos como ameaçadores e envolvidos em crimes, os meios de comunicação conduzem à representação do público sobre os jovens das classes populares. Mesmo tendo consciência de que não se pode atribuir exclusivamente à mídia a responsabilidade pelo modo como estas notícias são encaminhadas, já que o público estabelece com elas um consumo voraz, é no campo da mídia que elas se tornam espetaculares (ALVIM; PAIM, 2000).

Já que a concessão de um canal de TV é praticamente impensável para os grupos populares, que os jornais e revistas não atingem a população analfabeta ou pouco acostumada à leitura, a saída encontrada por eles é a abertura de Rádios (que eles chamam de comunitárias, pelo papel que desempenham nas comunidades nas quais estão inseridas, e que a Anatel – Agência Nacional de Telecomunicações – órgão responsável pela concessão de canais de radiodifusão, classifica como piratas, por estarem funcionando sem autorização para tal) e o Rap, instrumento de denúncia, formação e informação de grande parcela destes jovens.

Um exemplo de Rappers que atuam com o claro intuito de informar estes jovens e os conscientizar da situação em que vivem é o Racionais MC's, grupo que se tornou referência para artistas tanto do circuito leigo quanto evangélico. São conhecidos por todos eles o respeito, reconhecimento no cenário musical e a histórias de que os membros do grupo, com destaque para Mano Brown, o mais popular dos Racionais, não fazem concessões para grandes emissoras de televisão ou programas dominicais de audiência estrondosa. Só falam quando querem e com quem querem, postura que desperta nos jovens "sem voz" da periferia a chance de se imaginar negociando com o "sistema".

A noção de “sistema”, que é muito utilizada por eles, possui uma multiplicidade de sentidos. Pode referir-se ao sistema repressivo, principalmente à polícia, mas também é utilizada no sentido das camadas dominantes, ou na sociedade em geral, principalmente quando criticam os preconceitos e estereótipos que sofrem como favelados. A “arma” aqui pode ser vista como o domínio da palavra, por meio da qual podem difundir uma leitura própria da realidade, diferente das versões dominantes, que só “iludem a população”. “Repar” é um instrumento de luta” (DAYRELL, 2005. p. 106).

No entanto, a grande contradição desta relação mídia x Racionais se dá justamente através destes mesmos veículos de comunicação nos quais foi criada a “áurea” de inacessíveis a qual devem grande parte do respeito com que são tratados no cenário do Rap Nacional.

Mesmo sem participar dos aclamados programas de auditório ou posarem para capas de revistas, eles conseguem reunir centenas de milhares de jovens em seus shows, sem contar o fato de que “o CD *Sobrevivendo no Inferno* vendeu 200 mil cópias em duas semanas. Em 15 dias passou a ocupar lugar de destaque nas lojas de todos os shoppings do país” (NOVAES, 1999). E estes jovens não estão armados apenas com boa-vontade. As letras trazem a informação de que, na opinião do grupo, a juventude negra e pobre precisa para viver melhor.

As letras deixam claro que há circulação de informações. Eles usam estatísticas, falam do IBGE, falam de livros, são assediados por grupos políticos que falam de Marx, têm uma página na internet, fazem parte de uma rede mundial de manos, fazem suas viagens internacionais. (NOVAES, 1999, p. 85)

E apesar de não se apresentarem como pertencendo a uma religião específica, as letras de suas músicas estão impregnadas de referências à Bíblia e às normas de conduta que poderiam redimir seus ouvintes. Ao som dos Racionais, em um canto do salão, os dançarinos, que em breve começarão sua apresentação, fazem exercícios de

aquecimento sob olhares atentos dos presentes. A arquibancada tem apenas seis degraus de aproximadamente 10 metros de largura, mas já começa a ser ocupada pelos estudantes que estão participando do evento pela primeira vez e pelos mais ansiosos que chegaram com uma hora de antecedência. Apesar do clima “festivo”, o ambiente não lembra um baile ou uma boate, pois o local onde ele ocorre é uma sala onde acontecem exposições de filmes e peças de teatro em um Centro Cultural. No local não há canhões de luz, espelhos ou fumaça. O que favorece, acredito, uma postura mais “contida” dos presentes.

Antes de chegar à sala onde acontecerão as apresentações de música e dança, muitos jovens passam para visitar a exposição dos grafiteiros Oco e Ileso (de Juiz de Fora) e Reis (do Rio de Janeiro) em homenagem ao recém-falecido Jagal (um dos pioneiros do Hip Hop na cidade).

Na exposição é possível conferir, dentre outros trabalhos, quadros nos quais o elemento principal é a lata de spray, ferramenta fundamental de trabalho e identificação dos grafiteiros. Há exposição de grafitagens em quadros, cadeiras, camisas, paredes e até sapatos. Inusitado, mas confesso, na minha avaliação, pouco provocativo (não sei se a idéia era esta) e também pouco impactante (impressão reforçada pelo comportamento dos visitantes que não se detiveram por muito tempo diante das obras ou teceram comentários realmente significativos sobre o que estavam vendo).



Ilustração 25: Objetos grafitados expostos durante a exposição no Centro Cultural Bernardo Mascarenhas.

Figura 25: Exposição de grafiteagem, arquivo da pesquisadora, Juiz de Fora. Autoria: Dan Beligolli; Foto tirada durante Café com Hip Hop em



Ilustração 26: Cadeiras, quadros, paredes... tudo serve de base para o grafite

***Figura 26: Exposição de grafiteagem2, arquivo da pesquisadora, Juiz de Fora.
Autoria: Dan Beligolli; Foto tirada durante Café com Hip Hop em 27/08/2007***

De volta ao local onde acontecerão as apresentações musicais, começo a encontrar “rostos conhecidos”. Jovens que havia entrevistado, durante meu trabalho como jornalista, sobre oficinas de dança e projetos sociais da prefeitura, desenvolvidos na periferia da cidade. Os trabalhos começam a aparecer nas telas de grafite e encontro a jovem, que se apresentou como Dandara no dia anterior. Ela pergunta sobre meu interesse no evento, explico um pouco sobre a pesquisa e ela se apresenta como mais uma representante do movimento Hip Hop Gospel. Conta-me que chegou há poucos meses do Rio de Janeiro, mas que já está se familiarizando com o movimento em Juiz de Fora.

Durante nossa conversa, mais e mais jovens vão chegando. É impossível não notar que mais de 90% deles usam bonés e quase 100% estão calçados com tênis de marcas famosas, que parecem estar sendo usados pela primeira vez, tamanha a brancura e

cuidado com que são visivelmente tratados. A questão estética é para eles motivo de atenção e dedicação especial, alguns se preocupando em “fazerem cara de mau” e mostrarem que “não estão ali para brincadeira”:

Existem dois modelos estéticos que expressam valores diferenciados. Um deles reforça um despojamento e uma afirmação da aparência “marginal”, marcando um distanciamento da proposta do uso do estilo como está dada pela cultura de consumo. Assemelhar-se com a marginalidade é uma forma de lidar com os preconceitos de que são alvos como jovens, negros e pobres, afirmando positivamente, pela negação, o lugar social do qual provêm. (DAYRELL, 2005 p. 115)

Ao passo que outros – que nos pareceu a minoria – “compraram” a idéia de se vestir como um rapper e desfrutar do status que representa fazer parte deste grupo. Para muitos, o fato de se diferenciarem de seus vizinhos funkeiros já é motivo de sobra para aderirem ao estilo rapper de ser. Desta forma, os grupos se tornaram um veio de participação política e de expressão de valores e de perspectivas de futuro. O gosto musical demonstra a adesão a um certo conjunto de referências culturais assim como as gírias, formas de vestir e de se comportar, as letras das músicas que cantam demarcam identidades. Certas escolhas fazem com que se juntem em turmas e/ou galeras (NOVAES, 1999, p. 74).



Ilustração 27: Bailarino se exercita antes da apresentação

Figura 27: Aquecimento, arquivo da pesquisadora, Juiz de Fora. Autoria: Dan Beligolli; Foto tirada durante Café com Hip Hop em 27/08/2007

No Café com Hip Hop, verificamos que os jovens são em sua grande maioria negros, vindos das mais diferentes regiões da cidade, que assume neste momento uma geografia própria. As “quebradas” são divididas, tendo como base as relações, amistosas ou não, entre os grupos que lá vivem. Quando dizem “o grupo da nossa área” podem estar se referindo a moradores da Região Leste, Sul e Norte da cidade, ao mesmo tempo.

Com relação às denominações dadas aos espaços geográficos pelos grupos juvenis em Juiz de Fora, o estudo “Os círculos dos jovens urbanos” (MAGNANI 2005), fez distinções, classificando como *pedaço* “o espaço intermediário entre o privado e o público”. É neste local que se desenvolve uma socialidade básica, mais ampla do que a vivida no ambiente familiar (dentro de casa), mas, ao mesmo tempo, mais forte e expressiva do que aquelas relações impostas pela sociedade. Há ainda a *mancha*, onde “se acolhe um número maior e mais diversificado de usuários” e oferece a estes uma possibilidade de encontro. Não se sabe ao certo quem vai comparecer, mas é possível ter uma idéia do gosto e comportamento de seus freqüentadores. E há por fim o *trajeto* – “fluxos recorrentes no espaço mais abrangente da cidade e no interior das manchas

urbanas”. Nesta denominação se encaixam os percursos feitos pelos jovens para chegar até o trabalho e locais onde há a imposição da necessidade de deslocamentos por regiões distantes e não contíguas. (MAGNANI, 2005)

A ordem é ficar, afirmar identidades e buscar novos adeptos nas diferentes periferias geográficas e sociais. Os rappers têm uma localização territorial forte e isto traz laços com a comunidade. É a cultura do bairro encerrando grande poder de transformação para a própria comunidade. Lá eles fundam “posses”, demarcando o território no qual irão se reunir, informar e se comunicar com outras posses. (NOVAES, 2003). Crianças, adolescentes, jovens e mães chegam igualmente vestidos e animados para o evento. Percebo que, como já havia reparado em outras oportunidades e inclusive lido sobre o assunto, o mundo do Hip Hop é um universo majoritariamente masculino. São os rapazes os mais falantes, vistosos e claramente as figuras mais importantes do evento.

Na entrada do salão onde acontecem as apresentações um dos estudantes de jornalismo se posiciona para fotografar os presentes, vejo que todos aceitam com prazer serem fotografados e fazem poses como as que vemos nos encartes de cd’s de hip hop. Quem não está de boné usa alguma toca na cabeça e a postura altiva e de grande auto-estima dos presentes é impossível não ser notada.

Ao contrário do que acontece no dia-a-dia, quando esbarramos com estes jovens nos sinais de trânsito e elevadores, eles não abaixam as cabeças e as expressões da negritude (com fortes influências norte-americanas) são ressaltadas em bijuterias, penteados e no modo de falar, vestir e dançar. Os homens, em sua maioria, usam grossas correntes e alguns anéis. Já as meninas optaram por valorizar o visual com penteados afro com tranças e boinas.



Ilustração 28: A preocupação com a estética é clara entre os presentes.

***Figura 28: Estilo Rapper, arquivo da pesquisadora, Juiz de Fora.
Autoria: Dan Beligolli; Foto tirada durante Café com Hip Hop em***

O que se percebe é que nas festas e nos points as pessoas usam roupas que estão sintonizadas com a moda jovem sem se esquecer, no entanto, de acrescentar uma mensagem religiosa “mostrando que são quase iguais a qualquer um”. O objetivo é desconstruir a velha imagem do crente sem deixar de afirmar a autoridade da Bíblia e certos comportamentos emblemáticos de uma moralidade mínima que lhes conferem a identidade evangélica (ALMEIDA; RUMSTAIN, 2003).



Ilustração 29: A pose pronta é característica marcante dos frequentadores.

Figura 29: Garotada, arquivo da pesquisadora, Juiz de Fora. Autoria: Dan Beligolli; Foto tirada durante Café com Hip Hop em 27/08/2007



Ilustração 30: As crianças também participam dançando.

Figura 30: Dança das Crianças, arquivo da pesquisadora, Juiz de Fora. Autoria: Dan Beligolli; Foto tirada durante Café com Hip Hop em 27/08/2007



Ilustração 31: O visual inspirado na cultura norte-americana é visível dos pés à cabeça

Figura 31: Influência norte-americana, arquivo da pesquisadora, Juiz de Fora. Autoria: Dan Beligolli; Foto tirada durante Café com Hip

Em meio a este corre-corre de início de evento, chega Negro Bússola, de boina branca e com uma dezena de vinis debaixo do braço, preocupado com o andamento do evento, que tem hora certa para terminar: 23h30. Ele é saudado pelos presentes e não demora muito para assumir seu lugar no palco, onde, como MC (Mestre de Cerimônia), dá início “oficial” ao Café com Hip Hop. Noto a presença de muitas crianças que foram assistir aos pais, mães e irmãos dançarem. Elas olham tudo com admiração e participam ativamente do evento.

Alguns jovens começam a pintar telas de azul para serem reaproveitadas em grafiteagem, enquanto grupinhos de bate-papo se formam na entrada do salão principal. Neste momento a arquibancada já está praticamente lotada. Apesar da constante referência à cultura negra, seja na música, estética ou manifestações artísticas, observo que quase a metade dos jovens presentes seriam classificados como “brancos” ou no mínimo “pardos” por grande parte das pessoas.

Aproveito uma folga do DJ Rafael (que esteve presente à reunião do dia anterior) para compreender se ele, branco, se sentia de alguma forma discriminado ou diferente

dos demais em um evento como aquele. Ele garante não perceber nenhuma diferença de tratamento em relação aos rappers negros. Rafael é um dos integrantes do Ministério Galera de Cristo e conta que se aproximou da religião por causa do Hip Hop, “Eu levava meu primo mais novo para as aulas de Hip Hop na Igreja. Sempre ia interessado na dança, nunca na Igreja. Sempre tive vontade de aprender a dançar e através dela fui conhecendo a palavra de Deus. E uma coisa que aprendi é que dançar o Hip Hop Gospel na Igreja não é pecado quando a intenção é louvar a Deus e não encher seu próprio ego”, garante.

Logo após se converter e passar a freqüentar a Igreja de Deus no Brasil, situada no bairro Ipiranga (periferia da zona Sul de Juiz de Fora), ele começou a dar aulas de dança de rua às crianças e adolescentes que freqüentavam a Igreja. Em sua avaliação, esta é uma das melhores formas de aproximar estes jovens de uma vida cristã. Destaca as situações de risco pelas quais passam principalmente os jovens do sexo masculino moradores da periferia e o crescimento no número daqueles que buscam alternativas para mudar de vida.

Voltando o olhar para o evento, percebo que os rapazes são maioria entre os jovens que estão de pé posicionados próximo ao palco e participam ativamente, seja com palavras de ordem ou gestos de aprovação ao discurso proferido por Negro Bússola, destacando a importância daquela noite para o movimento Hip Hop. Um grupo formado por jovens brancas e visivelmente de maior poder aquisitivo que a maioria dos presentes é chamada para se apresentar. Fico sabendo que elas fazem parte do coral gospel da Igreja Filadélfia situada no bairro Mariano Procópio, região relativamente mais nobre da cidade. Os presentes se silenciam por alguns minutos e assistem atentos à apresentação.



Ilustração 32: A banda que acompanha o coral faz parte do grupo de louvor da Igreja.

Figura 32: Banda da Igreja Filadelfia, arquivo da pesquisadora, Juiz de Fora. Autoria: Dan Beligolli; Foto tirada durante Café com Hip Hop em 27/08/2007



Ilustração 33: Apresentação do Coral da Igreja Filadelfia

***Figura 33: Coro da Filadelfia, arquivo da pesquisadora, Juiz de Fora.
Autoria: Dan Beligolli; Foto tirada durante Café com Hip Hop em***

Converso com mais alguns participantes e percebo o interesse dos presentes pelo trabalho que estou desenvolvendo. Muitos param para “assistir” às entrevistas e aproveitam para posar para fotos e acompanhar o trabalho dos grafiteiros. Outros vindo direto do trabalho e chegam com mochilas e sacolas. Pelo menos umas trinta crianças com idade inferior a 12 anos na primeira fila assistindo às apresentações comprovam o caráter familiar do evento. Após a apresentação do coral, é a vez do grupo de dança formado prioritariamente por garotas com idades variando entre 12 e 17 anos. Elas tiram os moletons e podemos ver algumas barrigas à mostra com umbigos devidamente paramentados com piercings. Todas estão com tênis de marca e calças de moletom ou tactel. Também a grande maioria usa bonés e se esforça para manter a sincronia dos passos de dança.



Ilustração 34: Os jovens se aglomeram nas arquibancadas para assistir as apresentações de dança.

Figura 34: Arquibancada, arquivo da pesquisadora, Juiz de Fora. Autoria: Dan Beligolli; Foto tirada durante Café com Hip Hop em 27/08/2007



Ilustração 35: Outros preferem ficar de pé, junto ao palco, para acompanhar as apresentações.

Figura 35: Coral2, arquivo da pesquisadora, Juiz de Fora. Autoria: Dan Beligolli; Foto tirada durante Café com Hip Hop em 27/08/2007

Apesar de algumas coreografias abusarem um pouco mais da sensualidade, a dança é muito mais “comportada” do que costumamos ver nas apresentações de Hip Hop. Há um pequeno grupo de rapazes que se apresenta junto a elas, também devidamente

paramentados com suas luvas de pano, tocas coloridas e faixas nos cabelos. No meio delas, duas meninas de aproximadamente 10 anos dançam com desenvoltura de gente grande.

Noto que alguns rapazes estão usando camisetas da CUFA (Central Única das Favelas) e me lembro que um dos próximos projetos dos organizadores do Café com Hip Hop é promover em Juiz de Fora um campeonato de Basquete de Rua, aos moldes dos que acontecem nas favelas cariocas. Mais uma forte influência da cultura negra norte-americana. Mais duas duplas de Mc's se apresentam e o evento se encerra. Os jovens vão saindo em pequenos grupos, comentando o que viram, sentiram e se programando para a próxima edição do evento. Muitos trocam telefones, e-mails e endereços e prometem se encontrar novamente para trocar experiências. É hora de voltar à rotina.

O dia-a-dia altera-se já para o preparo da festa, e o tempo imediato posterior à festa não deixa de implicar a retomada do ritmo normal da vida. Pode-se dizer que toda boa festa deixa sempre uma "ressaca", não necessariamente ressaca manifesta em dor ou sofrimento, mas ressaca como impacto recente do acontecido (RIVERA, 2005, p. 23).

7 CONCLUSÃO

O interesse em conhecer mais sobre o Hip Hop Gospel e o trabalho desenvolvido pelo Ministério Galera de Cristo não é de hoje. Esta história começou em 1999 quando, ao fazer um trabalho para a faculdade de Jornalismo sobre a história do bairro Santa Efigênia, passei em frente a uma igreja evangélica e percebi, ao contrário do que esperava, a batida do Hip Hop e do Funk. Não me contive e parei para ouvir, sem saber que o rapaz que lavava carros do outro lado da rua, era o responsável por tudo aquilo.

Ao notar meu interesse por aquela “novidade”, ele me convidou para um café em sua casa, que ficava logo em frente, e para falar mais sobre o grupo do qual era o líder: Ministério Galera de Cristo. Foi meu primeiro contato com Negro Bússola. Subi para o café receosa – confesso –, mas a tensão foi substituída por alívio quando a mãe dele, uma senhora de sorriso largo, me recebeu e começou a falar sobre as mudanças que a conversão religiosa estava operando na vida do filho.

O Ministério tinha menos de um ano e, na opinião dela, já estava dando bons frutos. Negro Bússola contou sobre a evangelização que fazia nas portas dos bailes funks, na tentativa de resgatar jovens drogados, alcoolizados e envolvidos em prostituição. A eles era feito o convite para participar de um culto diferente: só com funk e Hip Hop, no qual podiam dançar e comparecer vestidos como quisessem. A novidade me interessou, mas esbarrou nos limites de compreensão, tempo e bagagem cultural de uma jovem de 18 anos que estava no início da faculdade de Jornalismo e não tinha a dimensão da importância e complexidade do fenômeno que acabara de conhecer.

Após formada, já no mercado de trabalho, acabamos nos encontrando novamente enquanto fazia uma matéria sobre a “posse” de Hip Hop Zumbi dos Palmares, que oferecia oficinas de dança gratuitamente para crianças carentes. Bússola me reconheceu e, não demorou muito, para que as lembranças e o grande interesse que senti no

momento em que tomei conhecimento do trabalho do Ministério Galera de Cristo, há quatro anos, voltassem a tomar conta de mim. Agora já havia um jornal onde publicar minhas matérias, tempo e vontade para escrever sobre o trabalho que desenvolviam. No entanto, não foi nada fácil convencer a chefia de redação que este assunto poderia render uma boa matéria: afinal, não era uma notícia bombástica para a primeira página, pois nenhum dos garotos entrevistados havia morrido, matado ou estava envolvido no tráfico de drogas; matérias nas quais eles costumam figurar como personagens principais e ganham, facilmente, espaço nos veículos de comunicação de massa.

Apesar de muito insistir, ouvi que, se realmente quisesse escrever sobre o grupo e o trabalho que ele realiza, o fizesse fora do horário do expediente, pois havia naquela semana muitas pautas importantes para serem cobertas. Vale destacar algumas delas: lançamento da pedra fundamental de uma unidade básica de saúde em um bairro da Zona Norte da cidade, que nunca saiu do papel; feira de animais de estimação; conflitos entre policiais e camelôs no centro da cidade e a celeuma sobre o trânsito irregular de táxis no Parque Halfeld, centro da cidade. Mesmo percebendo que não havia por parte de meus superiores qualquer incentivo para que a matéria fosse escrita, mantive meu desejo inicial e durante as madrugadas, após ter apurado as informações no horário de almoço, consegui produzir uma matéria, que ocupava a página inteira de jornal, contando a história deste movimento.

Sob a manchete “Jovens buscam cultura e religião para mudar a realidade da periferia – Grupos trabalham na construção da identidade e no fortalecimento da auto-estima”³¹, lá estavam depoimentos, histórias de vida destruídas muito cedo e testemunhos da importância do movimento Hip Hop Gospel na construção da cidadania do jovens entrevistados. As fotos foram, gentilmente, cedidas pelos entrevistados, já que não foi disponibilizado fotógrafo para produção do material. A foto maior, para um box de meia

³¹ ANEXO 11 Matéria do Jornal Tribuna de Minas

página com Negro Bússola, que tinha como manchete “Enfrentei preconceito duplo, por ser negro e por ser evangélico”, só foi possível porque o entrevistado se disponibilizou a ir até a redação para tirar a foto.

Matéria escrita, corrigida, editada. Só faltava ser publicada, porém, após mais de uma semana pronta e entregue, a matéria continuava “na gaveta” à espera de publicação. E foi sem chamada na capa, após atritos entre editores, que a matéria foi publicada cerca de 15 dias após ter ficado pronta, na página 04 do dia 04 de setembro de 2005. Apesar do esforço feito para garantir visibilidade ao grupo, mais uma vez a opacidade à qual são submetidos cotidianamente, prevaleceu.

Foi o suficiente para que percebesse que se, de fato, me interessava um estudo crítico, aprofundado e verdadeiro do fenômeno Hip Hop Gospel, não seria como jornalista, durante o processo de produção diária de notícias que teria chances de realizá-lo. A alternativa: voltar às salas de aula, cursar o Mestrado em Ciências Sociais, ler o que havia sido escrito sobre o tema, aprender mais sobre neopentecostalismo, as “juventudes” e suas facetas – os elementos nos quais se baseiam a cultura Hip Hop – e ouvir, com atenção e sem preocupação em não ultrapassar o limite de linhas com os quais trabalhamos no jornalismo diário, a versão destes jovens para o fenômeno no qual estavam inseridos e do qual eram protagonistas.

Mas, ao término de dois anos de pesquisa, realização de mais de uma dezena de entrevistas, mais de duas centenas de registros fotográficos, muita bibliografia sobre o assunto e pelos menos seis horas de registro audiovisual, percebo que ainda falta muito para ser visto, dito e discutido sobre o fenômeno do Hip Hop Gospel.

Após esta caminhada já foi possível perceber que, ao contrário do que imaginava de início, não há qualquer constrangimento por parte dos jovens com os quais conversei, em fazer parte de uma igreja que faz referências negativas constantes a elementos da cultura afro-brasileira, como os orixás e cultos religiosos. Apesar de serem negros e de

muitos deles terem histórico familiar de pertencimento à umbanda ou ao candomblé, a referência africana, ao contrário do que imaginava, não lhes diz respeito.

A noção de pertencimento e etnicidade está geograficamente relacionada aos Estados Unidos. É de lá que eles vêm. É com os norte-americanos, evangélicos, cantores de coros gospel, orgulhosos de sua negritude, que querem ser comparados. A África não lhes diz respeito e, por isto, qualquer referência negativa a ela e sua cultura, também não os ofende; conforme visto nos estudos de Lívio Sansone (SANSONE, 2002). A identidade negra é criada e redefinida através de uma troca de símbolos e idéias entre a África, o Novo Mundo e a diáspora negra na Europa. Este processo de valorização da cultura transnacional acabou fazendo com que, o que antes era reconhecido oficialmente como “cultura negra” acabasse perdendo seu valor e desta forma permitisse novas interpretações do que significa ter uma origem africana e, mais do que isto, do sentido do que é ser negro. Conforme visto nos estudos de Márcia Pinheiro (PINHEIRO, 2003), o fato de pensar-se negro e evangélico não está necessariamente ligado à busca de sinais ligados às expressões religiosas de informação africana. Uma outra rota, que passa pelos Estados Unidos, foi formada pela relação entre diáspora-escravidão e protestantismo.

Nesta etapa da pesquisa já é possível compreender os possíveis motivos que levam grande parte dos jovens a trocarem seus nomes de batismo por alcunhas como Ice DJ, KL Jay, Black, Brown e tantos outros, na língua que valorizam e berço onde surgiram seus maiores referências como Martin Luther King ou Malcolm X. Nas camisas, bonés e nas bocas, o lema de igualdade racial e orgulho de pertencimento à raça negra, disseminado no norte do continente, permanece vivo nos guetos, favelas e periferias das cidades brasileiras.

Através do Hip Hop, já antes da conversão ao Evangelho, tinham a chance de “vomitar” os preconceitos aos quais são diariamente submetidos: a falta de estrutura nas quais vivem, sem emprego digno, com baixa escolaridade e falta de condições mínimas

para exercitar a vontade de crescer, se expressar, existir e ganhar visibilidade. A tomada de consciência torna muitos deles raivosos, mas outros, no entanto, se tornam pregadores. Com o Evangelho na ponta da língua, versam, cantam, rodopiam pelo chão e grafitam em paredes, para mostrar à sociedade que outra realidade é possível.

É justamente através da vivência religiosa, como evangélicos, que eles têm conseguido construir sua identidade. Em templos, que não precisam ser necessariamente de uma igreja específica, vimos que jovens da Casa da Bênção e da Igreja de Deus no Brasil, por exemplo, freqüentam os cultos uns dos outros sem qualquer constrangimento ou mal-estar.

Prova disto é a formação do Ministério Galera de Cristo, em Juiz de Fora, e do Provérbio X, em Brasília, que contam com jovens vindos das mais diversas denominações evangélicas. Este é um fator que flexibiliza um dos preconceitos que, vez ou outra, recai sob estas igrejas: o da intolerância, pelo menos em relação ao mundo radical do Rap e do Hip Hop.

Muitas vezes, durante este trabalho, ouvimos referências ao que seria o “caráter intolerante” do protestantismo, e destaco em especial uma fala do jornalista José Nêumane Pinto, editorialista do *Jornal da Tarde*, comentarista da rádio *Jovem Pan* e do SBT, que, ao entrevistar o líder dos Racionais MC’s Mano Brown, questionou ao cantor como se dava a relação entre o movimento Hip Hop e os evangélicos, tendo em vista o caráter intolerante dos religiosos. A resposta de Brown foi direta. Disse admirar e gostar das igrejas evangélicas, apesar de ter nascido no candomblé. Disse ainda que o grande “acerto” dos evangélicos é o fato de colocar Deus sobre todas as coisas e que os cultos destas igrejas são uma porta aberta para os que precisam de paz e tranqüilidade. A opinião de Brown apresenta a possibilidade, ao contrário do que pode parecer à primeira vista, de que a relação entre os representantes do movimento Hip Hop e evangélicos não é, necessariamente um terreno infértil para a produção musical e os resgates espirituais.

Mas, se há semelhanças que aproximam estes dois grupos, como a condenação ao uso de drogas e bebidas alcoólicas e valorização de uma vida regrada e norteada por rígidas condutas éticas, as diferenças entre eles também saltam aos olhos. Os antigos fiéis tiveram de passar a se acostumar com um “irmão” vestido com bermudas largas, cabelo black power, correntes e anéis, além – claro – dos indefectíveis tênis coloridos. Estava clara a existência de uma transformação acontecida na concepção ética. O pentecostalismo abandonou as exigências comportamentais rigorosas e adotou um estilo mais leve, que permite a cada indivíduo a responsabilidade – e o direito – de equilibrar seus desejos com um mínimo de disciplina. Desta forma, o fiel pentecostal se apresenta capaz de utilizar a religião como meio de autonomização e individualização, rompendo as antigas amarras que reduzia as diferenças existentes entre eles.

Ao conversar com os pastores da nova geração como Isaías Jr., vocalista do Provérbio X , e com o pastor José Berto, representante do tempo em que os costumes eram outros, ficou evidenciada a importância da postura do líder religioso para facilitar esta aproximação. O fato de não valorizar os questionamentos e negativas por parte dos fiéis à presença ou não destes jovens durante os cultos e dar a eles liberdade para cantar, dançar e usar seu “dialeto” para louvar ao Senhor, faz com que muitos deles terminem por levar famílias inteiras para os cultos. Afinal, conforme visto por Paulo Rivera (RIVERA, 2005), o culto pentecostal tem muitas semelhanças com a festa justamente pelo caráter espontâneo de ambos e pela redução das normas que impõem a rigidez corporal. Nos dois momentos há forte apelo aos sentidos que assumem lugar de destaque nas celebrações. Ao contrário do protestantismo, o pentecostalismo oferece maior possibilidade de manifestações corporais durante o culto.

O fato de oferecer uma parede na igreja para que os grafiteiros possam usar seus talentos como forma de oração, além de garantir que estes jovens, por se sentirem

aceitos, continuem a freqüentar o templo, ainda fazem com que muitos outros, atraídos pela possibilidade de experimentar a vida religiosa sem precisar abrir mão de sua identidade, passem a freqüentar as reuniões e desta forma aumentarem e fortalecerem o corpo daquela denominação religiosa.

De um lado estão jovens, negros, pobres, suburbanos, pertencentes ao movimento Hip Hop, conhecido por sua pouca visibilidade nos veículos de comunicação de massa e nas rádios comerciais; de outro, templos e pastores dispostos a oferecer a eles, que estão ávidos por conseguir, a possibilidade de enfim existirem, sem que seja preciso se “travestir” do que não são.

A estes jovens que já estão excluídos em muitas instâncias não é pedido que abram mão de seus valores estéticos, gostos musicais, turma de amigos e da linguagem com a qual se expressam e se reconhecem como iguais, o conhecido “dialeto da periferia”. No lugar disto, reforçam muitos dos valores difundidos pelo próprio movimento Hip Hop, como manter distância das drogas e do álcool, e a valorização da auto-estima e da informação. A ênfase na informação é, inclusive, uma das características mais marcantes do Hip Hop, já que, segundo os jovens, há desconfiança com relação às informações veiculadas pela mídia, que representa, um instrumento de manutenção do “sistema”.

No entanto, não há como negar que o pentecostalismo proporciona transformações nos fiéis não só através das experiências religiosas vivenciadas por eles, mas também pela capacidade que elas têm de restaurar no indivíduo a auto-estima e a dignidade. Conforme visto nos estudos de Cecilia Loreto Mariz (MARIZ, 1996), o processo de conversão passa, muitas vezes, por fornecer aos fiéis ferramentas que os ajudem a se adaptar melhor às transformações ocorridas nas sociedades modernas. Através da ênfase dada no uso adequado da palavra, no estudo e leitura da Bíblia, a religião coloca muitos jovens em contato com um novo mundo de possibilidades.

A estes jovens que já estão acostumados a não desfrutar de tanto, são poucas as exigências e o grau de cobrança inicial é menor do aquele a que são submetidos os antigos féis. Interessa aos pastores que eles voltem na semana seguinte e, mais do que isto, que tragam outros jovens com eles.

E não são só os pastores que ganham com isto. O mercado gospel também se fortalece cada vez que um grupo, como o Ministério Galera de Cristo, se prepara para gravar um cd. Os sites, jornais, rádios e gravadoras estão de olho neste novo filão de mercado que, ao longo dos últimos anos, vem se mostrando um importante ramo de negócios. Constatação que vem levantando a suspeita de que muitas “conversões” sejam motivadas na verdade pela vontade de permanecer na mídia – no caso de cantores e cantoras que já estão caindo no ostracismo – e a possibilidade de já se lançarem para um público em constante crescimento e com disposição para valorizar os artistas religiosos, no caso de novos cantores, que estão se aventurando no ramo. Há espaço para divulgação inclusive no meio secular, por exemplo, em concursos musicais, como o Show de Talentos da TV Alterosa (retransmissora do SBT) na Zona da Mata, do qual saíram vencedores³², além da oportunidade de mostrarem seu trabalho, também conseguiram recursos para arcar com os gastos iniciais do primeiro CD do grupo.

Ao longo das minhas pesquisas, vi que, embora a mídia tradicional não mude significativamente a forma como retrata os jovens, negros, pobres, moradores da periferia; após a conversão religiosa, eles passam a contar com outros veículos, de grande força e penetração, como as rádios evangélicas³³, TV’s, revistas e jornais, que os tornam verdadeiros ídolos, capazes de ditar moda e servir de modelo positivo para outros jovens como eles.

Através desta relação muitos conseguem, então, construir sua auto-imagem e, a partir dela, aumentar a auto-estima e dar novo significado ao fato de serem negros,

³² Ver anexo 12.

³³ Ver anexo 13.

pobres e evangélicos. Ao longo deste trabalho, pude perceber, com forte colaboração dos estudos do Pastor Marcos Davi de Oliveira (OLIVEIRA, M., 2004), que a aproximação existente entre o universo dos rappers negros com o das igrejas pentecostais tinha fortes razões para existir, pois a história dos negros que vieram para o Brasil está fortemente ligada à religiosidade que enfatizava a dança, os ritmos, o batuque e a sensualidade. Esta postura é recriminada pelas primeiras igrejas protestantes históricas, mas incentivadas pelas igrejas pentecostais que propõem mais liberdade durante os cultos como forma de demonstrar manifestação do Espírito Santo.

O que há é a presença de uma igreja em movimento, que se adapta às mudanças do mundo. Por isto, é possível ver em igrejas pentecostais classificadas como pertencentes à segunda onda, como a Igreja de Deus no Brasil, fiéis assumindo comportamentos típicos dos incentivados pelas igrejas neopentecostais. Há um constante trânsito, propiciado pela vivência pessoal dos fiéis que fazem parte das mais diversas denominações religiosas. O que não faz, no entanto, conforme já demonstrado pela antropóloga Leila Amaral (AMARAL, 2003), com que haja o desaparecimento da religião, mas sim o surgimento de comportamentos e religiosidades não institucionais que se encontram em toda parte e estão em correspondência com a lógica do consumo moderno, onde a principal mercadoria a ser produzida é a identidade.

8. BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Ronaldo; RUMSTAIN, Ariana. O gospel como sociabilidade religiosa. In: Encontro Anual da RAM - Reunião de Antropologia do Mercosul. **Anais...** Florianópolis, 2003.

ALVIM, Rosilene; PAIM, Eugênia. Os jovens suburbanos e a mídia: conceito e preconceitos. In: ALVIM, Rosilene; GOUVEIA, Patrícia (Org.). **Juventude anos 90: conceitos, imagens, contextos.** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.

AMARAL, Leila. Deus é pop: sobre a radicalidade do trânsito religioso na cultura popular de consumo. In: SIEPIERSKI, Paulo D.; GIL, Benedito M. (Org.). **Religião no Brasil: enfoques, dinâmicas e abordagens.** São Paulo: Paulinas, 2003.

ANDERSEN, Benedict. **Nação e consciência nacional** [Trad. L. Lourenço de Oliveira] São Paulo: Ática, 1989.

BALBINO, Jéssica; MOTTA, Anita. **Hip Hop: a cultura marginal.** Rio de Janeiro: (Produção e edição independentes), 2006.

BITTENCOURT FILHO, José. **Matriz religiosa: religiosidade e mudança social.**

Petrópolis: Vozes, 2003.

CAMPOS, Leonildo Silveira; GUTIÉRREZ Benjamin F. **Na força do Espírito**; os pentecostais na América Latina: um desafio às Igrejas históricas. São Paulo: AIPRAL, 1996.

CAMURÇA, Marcelo Ayres; TAVARES, Fátima Regina Gomes. Juventudes e religião no Brasil: uma revisão bibliográfica. **Numen**, Juiz de Fora, v. 7, n.1 p. 11-46, 2004.

CECCHETTO, Fátima. As galeras Funk cariocas: entre o lúdico e o violento. In: VIANNA, Hermano (Org.). **Galeras cariocas: territórios de conflitos e de encontros culturais** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003. p. 93-116.

CUNHA, Olívia Maria Gomes. Fazendo a 'coisa certa': reggae, rastas e pentecostais em Salvador. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, n. 23, 1993.

DAYRELL. Juarez Tarcísio **A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude em Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. 2. ed. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 2001.

FONSECA, Alexandre Brasil. **Evangélicos e mídia no Brasil**. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2003

FONSECA, Alexandre Brasil. **Evangélicos e mídia no Brasil**. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 1997. (Dissertação de Mestrado)

FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto et al. **Nem anjos nem demônios – interpretações sociológicas do pentecostalismo**. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 67-162.

GOMES, Nilma Lino. **Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte**. São Paulo: USP, 2002 (Tese

de Doutorado).

KEHL, M. R. A Juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. **Juventude e sociedade**. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2004.

LOPES, A. C. The Transgression of the Racialized Subject in the Language of Brazilian Hip-Hop. In: Annual ILASSA Student Conference, XXVII, **Anais...** Austin (Latin American network information center), 2007.

MAFRA, Clara. **Os evangélicos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

MAGNANI, J. Guilherme C. Os circuitos dos jovens urbanos. **Tempo Social: Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 173-205, nov. 2005.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1999.

MARIZ, Cecília Loreto. Pentecostalismo e a luta contra a pobreza no Brasil. In: GUTIÉRREZ, Benjamin F.; CAMPOS, Leonildo Silveira. **Na força do Espírito**; os pentecostais na América Latina, um desafio às igrejas históricas. São Paulo, AIPRAL, 1996. p. 169-189.

MONTARDO, Sandra Portella. Estudo dos blogs a partir da netnografia: possibilidades e limitações. **Novas Tecnologias CINTED-UFRGS na Educação**, Porto Alegre; v. 4, n. 2, dez. 2006.

NASCIMENTO, Rogério Ferreira. Os pentecostais em Juiz de Fora: da obscuridade ao poder. In: TAVARES, Fátima Regina Gomes; CAMURÇA, Marcelo Ayres. **Minas das Devoções**; diversidade religiosa em Juiz de Fora. Juiz de Fora: UFJF/PPCIR, 2003.

NOVAES, Regina Reyes. Errantes do novo milênio: salmos e versículos bíblicos no espaço público. In: BIRMAN, Patrícia (Org.). **Religião e espaço público**. Brasília/São Paulo: CNPQ/PRONEX/Attar Editorial, 2003. p. 25-39.

-----. Juventudes, percepções e comportamento: a religião faz diferença? In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Martoni (Org.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Editora Fundação Perseu, 2005.

-----. Ouvir para crer: os racionais e a fé na palavra. **Religião e sociedade**, Rio de Janeiro, v. 20, p. 65-92, 1999.

NOVAES, Regina Reyes; MAFRA, Clara Cristina Jost. Juventude: Conflito e Solidariedade. **Comunicações do ISER**, Rio de Janeiro, n. 50, 1998.

OLIVEIRA, Marco David de. **A religião mais negra do Brasil**. São Paulo: Mundo Cristão, 2004.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Identidade étnica, identificação e manipulação. In: ---. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Pioneira, 1976.

PAULA, Robson de. **Somos cantores de Deus. Dilemas na formação profissional de três cantores em um processo de industrialização da música evangélica no Brasil**. Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais (PPCIS/UERJ), 2007.

PIERUCCI, Antônio Carlos. Ciências Sociais e religião: A religião como ruptura. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Org.). **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 17-34.

PINHEIRO, Márcia Leitão. **Na 'pista' da fé: música, festa e outros encontros culturais entre os evangélicos do Rio de Janeiro** Rio de Janeiro: IFCS-UFRJ, 2006. (Tese de Doutorado).

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

QUINTÃO, Antônia Aparecida. A imagem das mulheres negras na televisão brasileira. In: CARRANÇA, F; BORGES, R. S. (Org.). **Espelho infiel – o negro no jornalismo brasileiro**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo e Sindicato dos Jornalistas do Estado de São Paulo, 2001.

RICCI, M. **Glossolalia e organização do sistema simbólico pentecostal**. Araraquara, SP: Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, 2006. (Dissertação de Mestrado).

RIVERA, Paulo Barrera. Festa, corpo e culto no pentecostalismo: Notas para uma antropologia do corpo no protestantismo latino-americano. **Numen: revista de estudos e pesquisa da religião. Universidade Federal de Juiz de Fora**. Juiz de Fora, v. 8, n. 2, 2º sem. 2005.

SANSONE, Lívio. Da África ao afro: uso e abuso da África entre os intelectuais e na cultura popular brasileira durante o século XX. **Estudos Afro-Ásia**, Salvador, n. 27, p. 249-269, 2002.

SOUTO, Jane. Os outros lados do Funk carioca. In: VIANA, Hermano (Org.). **Galeras / cariocas: territórios de conflitos e de encontros culturais**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

SOUZA, Alexandre Carneiro de. **Pentecostalismo: de onde vem, para onde vai?** Um desafio às leituras contemporâneas da religiosidade brasileira. Viçosa, MG: Ultimato, 2004.

SOUZA, Jurandir de. A construção da Identidade a partir da dança e da religião. In: ---. **Os Urbanitas, Revista de Antropologia Urbana**, v. 1, jul. 2004. (Disponível na internet no URL; www.osurbanitas.org).

SOUZA, Marcos Alvito Pereira de. **As cores de Acari: uma favela carioca**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

VALLADARES, Licia. Os dez mandamentos da observação participante. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 22, n. 63, fev. 2007.

ABRAMOVAY, Mirian et al. **Gangues, galeras, chegados e rappers: juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília**. Rio de Janeiro, Garamond, 2002.

ARAÚJO, Carla. As marcas da violência na constituição da identidade de jovens de periferia. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 27, n. 1, p.141-160, 2001.

BABBIE, Earl. **Métodos de pesquisas de Survey**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

BOURDIEU, P. A juventude é apenas uma palavra. In: ---. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRYMAN, Alan, **Social research methods**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. Religiosidade moderna e esclarecida entre os universitários de Juiz de Fora - MG. **Debates do NER**, n. 2, p. 37-64, 2001.

CARRANÇA, Flávio; BORGES, Rosane da Silva. **Espelho Infiel: o negro no jornalismo brasileiro** (Sindicato dos Jornalistas do Estado de São Paulo). São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.

DAYRELL, Juarez. O rap e o funk na socialização da juventude. **Educação e Pesquisa**, Belo Horizonte, v. 28, n. 1, p. 117-136, jan./jun. 2002.

DIÓGENES, Glória. **Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e movimento hip hop**. São Paulo, Annablume, 1998.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1965. 2 v.

FORACCHI, Marialice M. **A juventude na sociedade brasileira**. São Paulo: Pioneira, 1972.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.

----- Do ponto de vista dos nativos: a natureza do entendimento antropológico. In: ---. **O saber local**. Petrópolis: Vozes, 1998.

-----. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: ---. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

HAMLIN, Cynthia Lins. Realismo Crítico: um programa de pesquisa para as Ciências Sociais. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 43, n. 2, p. 373-398, 2000.

JARDILINO, José Rubens L. Sedução e conversão religiosa num contexto de globalização. **Revista Nures**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-11, 2005.

LEACH, E. **Sistemas políticos da Alta Birmânia**. São Paulo: Edusp, 1995.

LECCARDI, Carmen. Por um novo significado do futuro: mutação. social, jovens e tempo. **Tempo Social: revista de sociologia da-USP**, São Paulo, v. 17, n. 2, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de S. et al. **Fala galera: juventude, violência e cidadania**. Rio de Janeiro, Garamond, 1999.

NOVAES, Regina Reyes; MELLO, Cecília Campello A. Jovens do Rio: circuitos, crenças e acessos. **Comunicações do ISER**, Rio de Janeiro, n. 57, 2002.

-----. Juventude e religião: marcos geracionais e novas modalidades sincréticas. In: SANCHIS, Pierre (Org.). **Fiéis & cidadãos. Percursos de sincretismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001. p. 181-207.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever. In: ---. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: UNESP, 1998.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. **Muitas palavras: a discussão recente sobre a juventude nas Ciências Sociais** [on-line]. In: NAU-Núcleo de Antropologia Urbana da USP. Disponível em: <http://www.n-a-u.org/muitaspalavras.html>. Acesso em: 11 jan. 2008.

PINHEIRO, Márcia Leitão. O sagrado e o lazer: o rap, o charme entre os evangélicos (Mimeo) GT 6: Fronteiras do Sagrado: mutações na interface religião e sociedade. In: Encontro Anual da RAM - Reunião de Antropologia do Mercosul. **Anais...** Florianópolis,

2003.

PIRES, J. M. **Culturas juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1993.

SCHWARCZ, Lilia K. Moritz. Questão racial e etnicidade. In: MICELI, Sérgio (Org.). **O que ler na Ciência Social Brasileira**. São Paulo: Editora Sumaré, 1999.

SIQUEIRA, D., **As novas religiosidades no Ocidente: Brasília, cidade mística**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.

SIQUEIRA, D.; LIMA, Ricardo B. (Org.). **Sociologia das adesões. Novas religiosidades e a busca místico-esotérica na capital do Brasil**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

SPOSITO, Marília P. Estudos sobre juventude e educação. **Revista Brasileira de Educação. Juventude e Contemporaneidade**, n. 5-6, 1997. (Número especial)

STEIL, Carlos; ALVES, Daniel; HERRERA, Sonia. Religião e política entre os alunos de Ciências Sociais. **Debates do NER**, n. 2, p. 9-35, 2001.

TAVARES, Fátima Regina Gomes; CAMURÇA, Marcelo Ayres. Juventudes e religião / Brasil: uma revisão bibliográfica. **Numen: revista de estudos e pesquisa da religião**, v. 7, n. 1, p.11-46, 2004.

VELHO, Gilberto. Trajetória individual e campo de possibilidades. In: ---. **Projeto e metamorfose**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

VIANNA, Hermano. **Galeras cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

ANEXOS

Anexo 01 – Cartaz Festa Gospel em Belo Horizonte

GUETO Gospel
PROJETO CIDADANIA
O point do Hip Hop
IMPERDÍVEL
Hip Hop
Diretamente da Nigéria - África
MR. Jack
Boxing & Rapper
Nigéria - África

Dia 02 de Agosto de 2007
quinta-feira as 19.30 hs.
Av do Contorno, 7492
Bairro de Lourdes - BH - MG.

FEDERAIS DE CRISTO
Missionários do Rap
Racismo Suplico
STTIMO SELO
MR. Jack
MR. Jack
Boxing & Rapper
Nigéria - África

Apoio
Realização

Comunidade Cristã da Zona Sul
www.cczs.org.br
(31) 3278-3084
Conexão Hip Hop Gospel
DJ Flavinho
107,9 fm
Entrada Franca
(31) 3333-8231 / 9647-0832
(31) 9143-2373
www.setimoselo.com.br

Ilustração 3:

Texto 1: Ilustração 1: Cartaz de divulgação de festa gospel em Belo Horizonte com participação especial de MR. Jack da Nigéria e entrada franca.

02. FOLDER DE FONOVISITA

A PRIMEIRA IMPRESSÃO É A QUE FICA!

Todos querem ser tratados como alguém especial e não como mais um ou apenas um número. Em uma Igreja Celular, o novo convertido não é mais um na multidão, é um. Todos são cuidados amados e acompanhados. O início da caminhada cristã é muito difícil e exige um discipulado eficaz, uma mão amiga, alguém para repartir as lutas.

Esta é a preocupação da Equipe de Consolidação. Não podemos perder ninguém, precisamos reter o fruto. Ganhar e não perder. Fechar as portas dos fundos da igreja.

Cada passo por mais simples que seja é importante na Consolidação. E, a Fonovisita é algo fundamental. É basicamente o primeiro contato após a conversão e por isso deve ser bem feita, pois a primeira impressão é a que fica!

Esta etapa é muito importante, por isso é necessário um bom preparo. Veja algumas dicas sobre este primeiro contato.

O Telefonema:

O telefonema é uma “visita” telefônica, por isso deve ser feito com eficiência, *enfocando sempre a necessidade do novo convertido*. Isto não significa que abriremos mão do contato pessoal. Homem liga para homem, mulher liga para mulher. Isto é regra básica.

Como preparar a chamada:

Em oração.

3. Procurar lugar e hora apropriados
4. Planejar o tempo. Não demore na ligação.

Como realizar a chamada:

Identifique-se. Diga que é integrante da igreja, da Equipe de Consolidação;

Seja agradável e amistoso. O telefone amplifica todos os sentidos. Portanto, se você está zangado, deprimido ou feliz, todos estes estados poderão ser captados pela pessoa do outro lado da linha;

Comece a conversação. Inicie com uma conversação amena, branda, diga-lhe que esteve orando por sua necessidade e que você deseja saber como vai a situação;

Chame pelo nome. Não existe palavra mais gostosa nos nossos ouvidos do que nosso nome. O novo convertido se sente importante quando dizemos seu nome, assimila que estamos tendo muita atenção a ele;

Seja breve. Pessoas que falam demais são sinônimo de chatos. Por isso faça um resumo dos assuntos que pretende falar pelo telefone;

Nunca confiar na memória. Tenha sempre à mão papel e caneta para as suas anotações;

Marque a hora da visita. Combine o lugar, dia e hora para a visita. Apresente alternativa (sua casa, uma lanchonete etc, nunca na igreja);

Ore por ele(a). Sempre termine orando pela pessoa e convidando para o próximo culto;

UM VERDADEIRO DISCÍPULADOR SE IMPORTA

Linha Direta com o Novo Convertido
IGREJA DE DEUS NO BRASIL
Um lugar onde Cristo Espera por você

ANEXO 03 – TEXTO DO SITE DA CÂMARA MUNICIPAL DE JUIZ DE FORA

Câmara vai convocar nova audiência para discutir violência na Zona Norte

A vereadora Rose França (PTB) apresentou nova representação solicitando outra Audiência Pública para discutir a grave situação da falta de policiamento e do tráfico de drogas na Praça Jeremias Garcia, em Benfica. "Como nenhuma autoridade competente das polícias Militar e Civil compareceu à reunião, e apenas duas representantes da AMAC vieram, desta vez, serei mais objetiva e farei uma convocação, onde não pode haver falta," afirmou Rose França.

Compareceram as jornalistas da Tribuna de Minas que realizaram uma reportagem denunciando o problema, Sabrina Santos e Ana Cláudia Barros, que foram homenageadas com uma Moção de Aplauso do Legislativo. A Prefeitura enviou a chefe do Departamento da Criança e do Adolescente da AMAC, Cláudia Duque e a advogada da instituição, Flávia Doviso. A Secretária de Governo e Articulação Institucional, Maria Aparecida Soares (Nininha), justificou sua ausência afirmando estar avaliando os estragos e prejuízos provocados pelas intensas chuvas na cidade.

Mesmo sem a presença de representantes das polícias militar e civil os vereadores discutiram o tema com a população. Rose França exibiu um vídeo mostrando várias matérias com casos graves e cada vez mais constantes de violência em Juiz de Fora. Ela comentou que, na maioria das vezes, por trás dos crimes, sejam eles assaltos, roubos ou homicídios, está o uso e tráfico de drogas. "Os moradores estão acuados dentro de suas próprias casas, e são obrigados pelos criminosos a se calarem diante do que presenciam na região", disse. Suas denúncias foram confirmadas pelo depoimento de pessoas da comunidade que usaram a palavra durante a audiência.

Um dos presentes, que se identificou na hora, mas preferiu ter o nome preservado, confirmou que as diversas gangues espalham o terror na zona norte, "inclusive a divisa dos bairro Milho Branco com Jardim Natal, é conhecida como "Faixa de Gaza", fazendo alusão àquela parte do Oriente Médio, pelas constantes disputas de pontos de drogas. "Se não abrirmos os olhos naquele lugar vai morrer um por dia," afirmou a moradora.

O vereador José Emanuel (PMN) chamou atenção para um problema grave que vem acontecendo nos hospitais da cidade. "Muitas vezes fica claro, como eu mesmo já presenciei, que a morte de adolescentes é causada por overdose de alguma droga, e, no atestado de óbito, a causa da morte aparece como insuficiência respiratória ou cardíaca. Isso prejudica muito o trabalho da polícia que fica sem esse tipo de parâmetro para medir a criminalidade na cidade," afirmou. Eduardo Novy (PTB) defendeu a polícia afirmando que eles não têm ajuda do Estado e precisam ficar à mercê dos municípios.

O vereador Flávio Cheker (PT), questionou a demora no lançamento do CAPS anti-drogas pela PJF, afirmando que a verba para a sua construção já foi liberada pelo Estado. As repórteres homenageadas lamentaram que o tema não tenha sido discutido com a profundidade que merecia, pela ausência das autoridades convidadas.

Texto elaborado pela Coordenadoria de Comunicação Social

Disponível no site www.camara.mg.gov.br em 01/02/08

ANEXO 04- DIVULGAÇÃO DA APRESENTAÇÃO DO PROVÉRPIO X EM JF



Ilustração 6: Ilustração 1: Divulgação de evento de Hip Hop na Catedral da Bênção em Juiz de Fora

TÍTULO I DENOMINAÇÃO, FINS, SEDE, FORO E DURAÇÃO

Capítulo I Denominação

Artigo 1º

IGREJA DE DEUS NO BRASIL, doravante denominada neste Estatuto como IDB, é uma entidade religiosa, de caráter educacional, cultural, beneficente, filantrópica e assistencial, fundada em 19 de agosto de 1886 nos Estados Unidos da América do Norte e no Brasil em 7 de setembro de 1952, na cidade de Morretes, Estado do Paraná, com Estatuto devidamente registrado no 1º Registro de Títulos e Documentos e de Pessoas Jurídicas de Brasília, Distrito Federal, sob o nº 420, livro .A. nº 1 e sob o nº 1 de Pessoas Jurídicas, inscrita no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas sob o número 00.559.203/0001-12, conforme o Título II do capítulo I, artigo 5, alíneas VI, VII e VIII da Constituição da República Federativa do Brasil e pelo CCB, aprovado pela lei nº 10.406 de 10/01/2002.

Capítulo II Fins

Artigo 2º

A IDB não tem fins lucrativos. Sua finalidade é a evangelização através dos meios de comunicação social, podendo abrir e fechar igrejas locais e Regiões Administrativas, criar e manter gráficas, editoras de livros e revistas, gravadoras e distribuidoras de discos, cassetes, filmes e outros; enfim, valer-se dos meios de comunicação que melhor permitam o cumprimento de suas finalidades em todo o território nacional. Dedicar-se-á, também, às obras de promoção humana, social, cultural e educacional.

Capítulo III Sedes

Artigo 3º

A IDB tem a sua sede administrativa nacional na cidade de Brasília, DF, à Av. W-3 Norte, SRTN, Edif. Brasília Rádio Center, Sala 3.098, CEP 70.084-970 e sedes administrativas em suas respectivas regiões.

Parágrafo Único - As sedes poderão ser transferidas por deliberação dos respectivos Conselhos Executivos.

Capítulo IV Foro

Artigo 4º

Fica eleito o foro da Comarca de Brasília, DF, para dirimir eventuais dúvidas ou litígios sobre quaisquer assuntos relacionados com a IDB.

Parágrafo Único No caso de transferência da sede para outra Comarca, fica eleito o foro desta para dirimir eventuais dúvidas ou litígios sobre quaisquer assuntos relacionados com a IDB.

Capítulo V Duração

Artigo 5º

A duração da IDB é por tempo indeterminado.

TÍTULO II DA ORGANIZAÇÃO E GOVERNO

Capítulo I Organização

Artigo 6º

A IDB é constituída por pessoas de ambos os sexos, crentes em Nosso Senhor Jesus Cristo como Salvador pessoal e nas Escrituras Sagradas do Velho e Novo Testamentos como regra de fé e prática, sendo regida eclesiasticamente pelos "Ensinos, Disciplina e Governo da Igreja de Deus", doravante designado como EDGID, conforme são aprovados pela Assembléia Nacional da IDB e administrativamente pelo presente Estatuto, pelo Regulamento Geral da IDB e pela legislação brasileira.

Capítulo II Governo

Artigo 7º

A IDB é governada pela Assembléia Nacional e administrada pelo Conselho Executivo Nacional; no âmbito regional, é governada pela Assembléia Regional, sendo dirigida e administrada por um Conselho Executivo Regional; no âmbito local, é governada pela Assembléia Local, sendo administrada pela Diretoria Local.

TÍTULO III MEMBROS DA IGREJA DE DEUS

Capítulo I Das admissões, Direitos e Deveres

Artigo 8º

São membros da IDB, pessoas de ambos os sexos, que aceitaram o Nosso Senhor Jesus Cristo como Salvador pessoal e que aceitaram os ensinamentos e regras de governo da IDB, conforme apresentados pelo EDGID, e que foram formalmente batizados por imersão, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, sendo

recebidos em comunhão.

§ 1.º A recepção dos membros maiores e menores de idade se formaliza por recomendação da diretoria local e aprovação da Assembléia Local.

§ 2.º A promoção do membro às categorias que se referem os incisos I, II e III do art. 9º se dará por processo de exame ministerial, conforme previsto no EDGID e deliberações do Conselho Executivo Nacional.

Artigo 9º

Os membros de que fala o artigo anterior são divididos em categorias, a saber:

I- Ministro Ordenado;

II- Ministro Licenciado;

III- Ministro Exortador;

IV- Membro maior de idade;

V- Membro menor de idade.

Parágrafo Único Os membros a que se refere o item V deste artigo, não votam e não são votados nas assembléias da IDB.

Direitos do Membro

Artigo 10

São direitos do membro:

§ 1º Votar e ser votado para cargos na igreja a que estejam vinculados, ressalvado o disposto no parágrafo único do art. 9.º deste Estatuto.

§ 2º Tomar parte nas assembléias gerais ordinárias e extraordinárias, conforme disposto nos artigos 22 e 23 deste Estatuto.

§ 3º Participarem dos sacramentos da igreja.

§ 4º Concorrer a eleição para qualquer cargo administrativo da igreja, desde que atenda plenamente aos pré-requisitos do EDGID e Regulamento Geral.

Deveres do Membro

Artigo 11

São deveres dos membros:

§ 1º Cumprir o Estatuto Social, o Regulamento Geral, o EDGID e as decisões dos órgãos administrativos da IDB.

§ 2º Prestar ajuda e colaboração à IDB, sempre gratuitamente.

§ 3º Comparecer às Assembléias quando convocado na forma estatutária.

§ 4º Zelar pelo patrimônio moral, espiritual e material da IDB.

§ 5º Prestigiar a instituição e propagar o Evangelho de Jesus Cristo no poder do Espírito Santo e princípios da IDB.

§ 6º Contribuir gratuitamente com o seu trabalho e dedicação para a consecução das finalidades espirituais e sociais, incumbindo-se dos cargos, ofícios e ministérios que lhe forem atribuídos, sem direito a salários ou remunerações de qualquer espécie ou natureza, a nenhum título ou pretexto.

Capítulo II Do Desligamento dos Membros das categorias I, II e III - Ministros

Artigo 12

O desligamento do membro das categorias I, II, e III se dará, garantida a oportunidade de ampla defesa, por justa causa, por determinação do Conselho Executivo Regional a que esteja sujeito, por deliberação da maioria de seus membros presentes, encaminhada à diretoria da Igreja local onde mantenha sua membrença, conforme os motivos adiante citados:

I- Todas as elencadas nos incisos I e II do art. 13;

II- Apropriação indébita em relação a valores que administra ou aos quais tenha acesso, seja por sua qualificação ministerial ou por quaisquer outras causas.

§ 1º Em qualquer das situações, o acusado deverá ser comunicado da abertura de processo de desligamento, com antecedência mínima de 10 (dez) dias, dando-lhe ampla oportunidade de defesa, que poderá se fazer por quaisquer meios de provas.

§ 2º Cabe recurso das decisões que resultarem em desligamento de membro à autoridade imediatamente superior a que presidiu a reunião que deliberou o desligamento, no prazo de 30 (trinta) dias e em caso de manutenção da decisão, à Assembléia Nacional.

§ 3º Outros motivos considerados graves, omissos neste Estatuto, serão resolvidos em Assembléia Nacional.

§ 4º Nenhum direito patrimonial, econômico ou financeiro terá o membro excluído da IDB, tais como participação em seus bens ou devoluções de ofertas, dízimos ou qualquer outra contribuição que tenha feito à IDB, voluntariamente.

Capítulo III - Dos Desligamentos dos Membros das categorias IV e V - Membros Maiores e Menores de idade

Artigo 13

O desligamento dos membros das categorias IV e V, se dará por justa causa considerando o que se segue:

- I- Faltas passíveis de desligamento pela diretoria local, por deliberação da maioria dos membros presentes, com simples comunicação à Assembléia Local. Esta reunião será presidida pelo Supervisor Distrital ou Regional ou pelo Pastor Titular, mediante autorização para tal, dada por um dos primeiros:
- A. Prática de roubo ou furto;
 - B. Prática de bigamia, poliandria;
 - C. Prática de homossexualismo;
 - D. Prática de pedofilia;
 - E. Prática de estupro ou incesto;
 - F. Prática de homicídio;
 - G. Reincidências em práticas passíveis de desligamento;
 - H. Alcoolismo e tabagismo;
 - I. Uso, cultivo ou tráfico de entorpecentes;
 - J. Crimes punidos com detenção ou reclusão, nos termos do Código Penal Brasileiro, em que o membro tenha sido julgado culpado, com sentença transitada em julgado, e após consideração e deliberação pelo órgão competente da IDB;
 - K. Solicitação espontânea de desligamento.

II- Faltas passíveis de recomendação de desligamento pela diretoria local e decisão pela Assembléia Local, por deliberação da maioria dos membros presentes:

- A. Abandono da igreja sem qualquer comunicação, por um período igual ou superior a seis meses ininterruptos;
- B. Deixar de dar bom testemunho público, comprometendo a ética cristã e ensinos da IDB, conforme apresentados pelo EDGID;
- C. O não cumprimento dos deveres contidos neste Estatuto e nos Ensinos da IDB, conforme apresentados pelo EDGID;
- D. Atos de violência, agressão física ou verbal contra quaisquer pessoas ou entidades;
- E. Práticas imorais, pornográficas, de adultério e fornicação;
- F. Não cumprimento de responsabilidades financeiras, dentro ou fora da IDB.

§ 1º Em qualquer das situações constantes nos incisos I e II, o acusado deverá ser comunicado da abertura de processo de desligamento, com antecedência mínima de 10 (dez) dias, dando-lhe ampla oportunidade de defesa, que poderá se fazer por quaisquer meios de provas.

§ 2º Cabe recurso das decisões que resultarem em desligamento de membros à autoridade imediatamente superior a que presidiu a reunião que deliberou o desligamento, no prazo de 30 (trinta) dias, e em caso de manutenção da decisão, à Assembléia Geral.

§ 3º Outros motivos considerados graves, omissos neste Estatuto, serão resolvidos em Assembléia Nacional.

§ 4º Nenhum direito patrimonial, econômico ou financeiro terá o membro excluído da igreja, tais como participação em seus bens ou devoluções de ofertas, dízimos ou qualquer outra contribuição que tenha feito à IDB, voluntariamente.

Das Suspensões

Artigo 14

A juízo da Diretoria da Igreja Local, nos casos relacionados no artigo 13, o membro das categorias IV ou V, poderá ser suspenso por tempo determinado, de seus direitos de membro, nos termos por esta diretoria definidos.

Parágrafo Único - Tratando-se de membro da categoria I, II ou III, a suspensão deverá ser determinada pelo Supervisor Regional, de acordo com o EDGID e Regulamento da IDB.

Artigo 15

O membro não responde, sequer subsidiariamente, pelos encargos e obrigações da IDB.

TÍTULO IV DOS MINISTROS DA IGREJA DE DEUS NO BRASIL

Capítulo I Conceito

Artigo 16

São Ministros da IDB os membros por ela credenciados como Ministros Exortador,

Licenciado e Ordenado, ou qualquer outro título ministerial, que venha substituí-los.

Capítulo II Direitos e Deveres

Artigo 17

São direitos dos Ministros da IDB:

- a) Pregar, publicar, ensinar e defender o Evangelho de Jesus Cristo;
- b) Mediante nomeação, pastorear uma igreja local ou exercer funções específicas, sempre que houver necessidade;
- c) Sugerir ao Conselho Executivo Nacional alterações no Estatuto Social, no Regulamento Geral da IDB e no EDGID.

Artigo 18

São deveres dos Ministros da IDB:

- a) Conhecer e praticar a Declaração de Fé, os Ensinos Teológicos e práticos da Igreja;
- b) Atender às convocações de seus superiores;
- c) Cumprir e fazer cumprir o Estatuto, o Regulamento da IDB, as diretrizes das Assembléias Nacional e Regional, Conselho Executivo Nacional, Conselho Executivo Regional, o EDGID e a Legislação Brasileira.

Parágrafo Único Outros direitos e deveres são regulamentados pelo Regulamento Geral da IDB.

Capítulo III Do Pagamento de Prebendas aos Ministros

Artigo 19

É vedada a remuneração, de qualquer espécie, aos Ministros da IDB.

Parágrafo Único Os critérios de auxílio subsistência aos Ministros da IDB são representados por prebendas e regulados pelo Conselho Executivo Nacional.

Artigo 20

O Ministro que, por qualquer motivo, deixe o exercício das funções ministeriais, venha a ser desligado nos termos do artigo 12 deste Estatuto, ou venha a desligar-se da IDB, não terá direito a salário, indenização, compensações de qualquer espécie ou natureza, inclusive exigências concernentes a recolhimentos previdenciários.

Artigo 21

O Ministro, no exercício de suas funções, responderá nas esferas competentes, inclusive com seu patrimônio pessoal, por seus atos exercidos à revelia deste Estatuto, do Regulamento Geral, do EDGID e da Legislação Brasileira, que venham resultar em danos materiais ou morais à IDB e/ou a terceiros.

TÍTULO V DA ADMINISTRAÇÃO NACIONAL

Capítulo I Da Assembléia Nacional

Seção I Da Constituição

Artigo 22

A Assembléia Nacional é assim constituída:

I- Pelos membros das categorias I, II e III;

II- Pelas categorias IV e V, mediante delegação, na proporção de 2% (dois por cento) da soma dos membros destas duas categorias, de cada igreja local, eleitos em assembléia local para este fim específico.

§ 1º Toda igreja, com menos de 50 membros, será representada na Assembléia Nacional por um delegado, da categoria IV.

§ 2º Na Assembléia Nacional, só poderão concorrer a cargos eletivos do Conselho Executivo Nacional os membros das categorias I e II.

§ 3º Para as funções de Superintendente e Secretários-Tesoureiros Nacional só serão elegíveis membros da categoria I.

§ 4º Os demais critérios serão estabelecidos pelo Regulamento Geral da IDB

Artigo 23

A Assembléia Nacional reúne-se ordinariamente uma vez a cada 2 (dois) anos e extraordinariamente, sempre que for convocada pelo Superintendente.

Artigo 24

A Assembléia Nacional é convocada com antecedência de, no mínimo, trinta dias, através de Circular Nacional, Publicações em informativos da IDB e edital publicado no Diário Oficial da União.

Artigo 25

A Assembléia Nacional se instala, funciona e delibera com o mínimo de dois terços de seus integrantes em primeira convocação; em segunda e última

convocação, trinta minutos após, com qualquer número, deliberando por maioria simples dos presentes, salvo nos casos especiais prescritos no Artigo 59, parágrafo único, do Código Civil Brasileiro.

Parágrafo Único A Assembléia Nacional deliberará conforme agenda previamente discutida e aprovada pelo Concílio Geral, nos termos dos artigos 29 e 30.

Artigo 26

O Superintendente dirigirá e presidirá os trabalhos da Assembléia Nacional.

Artigo 27

Fica assegurado ao Presidente da Assembléia o voto de desempate.

Seção II Da Competência

Artigo 28

Compete à Assembléia Nacional, considerada a competência do Concílio Geral:

- a) Homologar a eleição do Superintendente, do 1º e do 2º Secretário-Tesoureiro Nacional e do Conselho Fiscal Nacional;
- b) Deliberar, conforme recomendação do Concílio Geral, sobre a abertura ou fechamento de Regiões Administrativas;
- c) Aprovar a reformulação total ou parcial do Estatuto Social e do Regulamento Geral da IDB
- d) Homologar sobre a dissolução ou extinção da IDB;
- e) Homologar sobre o relatório financeiro e estatístico anual do Conselho Executivo Nacional, conforme recomendação do Concílio Geral;
- f) Homologar o programa nacional elaborado pelo Conselho Executivo Nacional, conforme recomendação do Concílio Geral;
- g) Homologar o parecer e recomendações do Conselho Fiscal Nacional, conforme recomendação do Concílio Geral.

Capítulo II Do Concílio Geral

Artigo 29

O Concílio Geral é constituído pelos membros das categorias I e II.

Artigo 30

Compete ao Concílio Geral a discussão de todos os assuntos propostos para a Agenda da Assembléia Nacional, deliberando, para posterior homologação pela Assembléia Nacional.

Artigo 31

O Concílio Geral reúne-se em períodos antecedentes e/ou durante o funcionamento das Assembléias Nacionais, ordinárias e extraordinárias.

Parágrafo Único A convocação do Concílio Geral será feita pelo Superintendente, que a presidirá, e se dará concomitantemente com a convocação à Assembléia Nacional.

Capítulo III Do Conselho Executivo Nacional

Seção I Da Constituição

Artigo 32

O Conselho Executivo Nacional é assim constituído:

- a) Superintendente;
- b) 1º e 2º Secretário-Tesoureiro Nacional;
- c) Conselheiros Nacionais.

Artigo 33

São Conselheiros Nacionais os Supervisores Regionais, os Representantes dos Territórios e mais um membros das categorias I ou II eleitos em Assembléias Regionais.

§ 1º A IDB não remunera os membros do Conselho Executivo Nacional pelo exercício de seus cargos ou funções, a nenhum título ou pretexto.

§ 2º É expressamente vedado aos membros do Conselho Executivo Nacional prestar aval ou endossos em favor de terceiros em nome da IDB.

§ 3º As eleições para os cargos de Superintendente, 1º e 2º Secretário-Tesoureiro Nacional serão regulamentadas e disciplinadas no Regulamento Geral da IDB.

Seção II Do Mandato

Artigo 34

Os membros do Conselho Executivo Nacional são eleitos para um mandato de dois anos, sendo permitida a reeleição, não podendo um membro deste Conselho ultrapassar quatro mandatos consecutivos no mesmo cargo.

Parágrafo Único Os mandatos dos membros do Conselho Executivo Nacional iniciam-se em 1º de setembro do ano em que forem eleitos, terminando dois anos após, no dia 31 de agosto.

Seção III Da Competência

Artigo 35

Compete ao Conselho Executivo Nacional:

- a) Cumprir e fazer cumprir o presente Estatuto, Regulamento Geral da IDB, as decisões da Assembléia Nacional, o EDGID e a legislação brasileira;
- b) Sugerir à Assembléia Nacional quanto a conveniência e oportunidade da criação de Regiões Administrativas;
- c) Deliberar sobre a criação de territórios administrativos, homologando o nome do representante indicado pelo Supervisor Regional e Superintendente
- d) Determinar as diretrizes administrativas, econômicas e financeiras a serem observadas pela Administração Nacional, Regional, Territorial, Distrital e Local;
- e) Deliberar sobre a compra, venda, alienação, hipoteca, doação e permuta de bens imóveis destinados ao uso da administração nacional;
- f) Coordenar e disciplinar as atividades religiosas da IDB;
- g) Decidir sobre assuntos de interesse social;
- h) Indicar nomes para eleição ou nomeação nos órgãos, departamentos, comitês e comissões nacionais;
- i) Propor ao Concílio Geral a reforma total ou parcial do Estatuto Social e do Regulamento Geral.

Seção IV Da Competência Específica dos Órgãos do Conselho Executivo

Sub-Seção I Da Competência do Superintendente

Artigo 36

O Superintendente é um Ministro Ordenado, eleito pelo Concílio Geral e homologado pela Assembléia Nacional.

Artigo 37

Compete ao Superintendente:

- a) Cumprir e fazer cumprir o Estatuto, Regulamento Geral da IDB, as diretrizes da Assembléia Nacional, Conselho Executivo Nacional, o EDGID e a legislação brasileira;
- b) Representar a Igreja ativa e passivamente em juízo ou fora dele, junto às representações federais, estaduais e municipais, autarquias, empresas públicas, entidades de economia mista e perante qualquer órgão administrativo, público ou particular e nas relações com terceiros;
- c) Comprar, vender, confessar, firmar compromissos, receber e dar quitação, conforme critérios e limites determinados pelo Conselho Executivo Nacional;
- d) Nomear e destituir os Diretores dos Departamentos, comitês e comissões nacionais;
- e) Constituir procuradores e advogados, conferindo-lhes poderes que julgar necessários, inclusive especiais de transigir, desistir, confessar, firmar compromisso, receber, dar quitações e substabelecer com ou sem reserva de poderes, nos limites de sua competência;
- f) Convocar e presidir as reuniões do Conselho Executivo Nacional, Concílio Geral e Assembléia Nacional;
- g) Abrir, movimentar e encerrar contas bancárias em conjunto ou separadamente com o 1º Secretário-Tesoureiro Nacional;
- h) Dirigir a execução dos programas e atividades sociais;
- i) Supervisionar a administração e as finanças sociais da IDB;
- j) Direito de veto nas decisões dos Concílios Geral e Regional, Assembléias Nacional, Regional e Local, Conselho Executivo Nacional, Regional e Diretorias Locais das igrejas, Órgãos e instituições da IDB, contrárias ao Estatuto, Regulamento Geral da IDB, EDGID e à legislação brasileira;
- k) Ouvir, em situações especiais, os membros do Conselho Executivo Nacional, através de correspondência oficial registrada, nas atribuições a ele conferidas.

Parágrafo Único Os atos causais translativos e ou constitutivos de direitos reais sobre imóveis de administração nacional dependerão de aprovação do Conselho Executivo Nacional, nos termos da alínea C deste artigo.

Sub-Seção II Da Competência dos Secretários-Tesoueiros e Conselheiros Nacionais

Artigo 38

Compete ao 1º Secretário-Tesoureiro Nacional:

- a) Organizar, manter e supervisionar os serviços próprios e peculiares da

Secretaria em relação à Assembléia Nacional, ao Concílio Geral e ao Conselho Executivo Nacional;

- b) Gerir recursos financeiros sob a orientação, coordenação e determinação do Superintendente;
- c) Cuidar da administração ordinária da IDB, de comum acordo com o Superintendente;
- d) Abrir, movimentar e encerrar contas bancárias em conjunto com o Superintendente;
- e) Substituir interinamente o Superintendente em suas ausências ou impedimentos.

Artigo 39

Compete ao 2º Secretário-Tesoureiro Nacional:

- a) Auxiliar o 1º Secretário-Tesoureiro Nacional no desempenho de suas funções;
- b) Substituir o 1º Secretário-Tesoureiro Nacional em suas ausências ou impedimentos.

Artigo 40

Compete aos Conselheiros Nacionais:

- a) Cuidar dos interesses da IDB e do ministério nos assuntos de competência do Conselho Executivo Nacional;
- b) Exercer funções específicas conforme designação do Superintendente.

Capítulo IV Da eleição, impedimento e ausência do Conselheiro Nacional

Artigo 41

Os Conselheiros Nacionais serão eleitos em Concílios Regionais, com homologação das Assembléias Regionais, nos termos do artigo 54 deste Estatuto.

Artigo 42

Considera-se impedimentos:

- a) Desligamento do membro da IDB;
- b) Outros motivos que venham impossibilitar o exercício de suas funções.

Artigo 43

Considera-se ausência:

Viagens ao exterior com duração superior a trinta dias e qualquer impossibilidade do exercício momentâneo, causal ou pessoal, previamente justificado, por escrito, pelo ausente.

TÍTULO VI DA ADMINISTRAÇÃO REGIONAL

Capítulo I Conceito de Região Administrativa

Artigo 44

Por Região Administrativa entende-se uma divisão eclesiástica dentro da administração nacional, com uma sede administrativa, sob a coordenação de um Supervisor Regional, com atividades administrativas conforme este Estatuto, Regulamento Geral da IDB e o EDGID.

Parágrafo Único Cada Região Administrativa tem o seu número de CNPJ filial, mediante inscrição junto ao órgão competente.

Capítulo II Da Assembléia Regional

Sessão I Da Constituição

Artigo 45

A Assembléia Regional é assim constituída:

I- Pelos membros das categorias I, II e III, de que trata o art. 9º da Região Administrativa;

II- Pelas categorias IV e V, de que trata o art. 9º mediante delegação, na proporção de 2% (dois por cento) da soma dos membros destas duas categorias, de cada igreja local e filiada, existente na Região Administrativa, eleitos em assembléia local para este fim específico.

§ 1º Toda igreja, com menos de 50 membros, será representada na Assembléia Regional por um delegado, da categoria IV.

§ 2º Na Assembléia Regional só poderão concorrer a cargos eletivos do Conselho Executivo Regional os membros das categorias I e II, exceto o cargo de Supervisor Regional para o qual concorrerão apenas os membros da categoria I.

§ 3º Os demais critérios serão estabelecidos pelo Regulamento Geral da IDB.

Artigo 46

A Assembléia Regional reúne-se ordinariamente uma vez a cada 2 (dois) anos e, extraordinariamente sempre que for convocada pelo Supervisor Regional.

Artigo 47

O Superintendente poderá, a qualquer momento, convocar extraordinariamente a Assembléia Regional, a qual presidirá.

Artigo 48

A Assembléia Regional é convocada com antecedência mínima de 30 (trinta) dias, através de Circular Regional e Boletins Informativos Regionais do Supervisor Regional.

Artigo 49

A Assembléia Regional se instala, funciona e delibera com o mínimo de dois terços de seus integrantes em primeira convocação; em segunda e última convocação, trinta minutos após, com qualquer número, deliberando por maioria simples dos presentes, salvo nos casos especiais prescritos no Artigo 59, parágrafo único, do Código Civil Brasileiro.

Parágrafo único A Assembléia Regional deliberará conforme agenda previamente discutida e aprovada pelo Concílio Regional, nos termos dos artigos 53 e 54 deste Estatuto.

Artigo 50

A Assembléia Regional será presidida pelo Supervisor Regional e em sua ausência pelo Superintendente.

Artigo 51

Fica assegurado àquele que presidir a Assembléia Regional o voto de desempate.

Seção II Da Competência

Artigo 52

Compete à Assembléia Regional, considerada a competência do Concílio Regional:

- a) Cumprir e fazer cumprir o Estatuto, o Regulamento Geral, da IDB as decisões da Assembléia Nacional, do Conselho Executivo Nacional, o EDGID e a legislação brasileira;
- b) Homologar deliberações de eleição e destituição, empossar os membros do Conselho Executivo Regional e Conselho Fiscal Regional;
- c) Homologar a eleição do Conselheiro Nacional, que juntamente com o Supervisor Regional representarão a Região no Conselho Executivo Nacional;
- d) Homologar o programa anual regional elaborado pelo Conselho Executivo Regional, conforme recomendação do Concílio Regional;
- e) Homologar a aprovação do relatório financeiro e estatístico anual do Conselho Executivo Regional, conforme recomendação do Concílio Regional;
- f) Homologar o parecer e recomendações do Conselho Fiscal Regional, conforme recomendação do Concílio Regional.

Capítulo III Do Concílio Regional

Artigo 53

O Concílio Regional é constituído pelos membros das categorias I e II.

Artigo 54

Compete ao Concílio Regional a discussão de todos os assuntos propostos para a Agenda da Assembléia Regional, deliberando, para posterior homologação pela Assembléia Regional.

Artigo 55

O Concílio Regional reúne-se em períodos antecedentes e/ou durante o funcionamento das Assembléias Regionais, ordinárias e extraordinárias.
Parágrafo Único A convocação do Concílio Regional será feita pelo Supervisor Regional, que a presidirá, e se dará concomitantemente com a convocação à Assembléia Regional.

Capítulo IV Da Supervisão Regional

Seção I Da Constituição

Artigo 56º

A IDB será dirigida e administrada em nível Regional pelo Conselho Executivo Regional, assim constituído:

- a) Supervisor Regional;
- b) 1º e 2º Secretário-Tesoureiro Regional
- c) Conselheiros Regionais.

Seção II Do Mandato

Artigo 57

O Conselho Executivo Regional será eleito para um mandato de dois anos, sendo permitida a reeleição, não podendo um membro deste Conselho ultrapassar

quatro mandatos consecutivos no mesmo cargo.

Parágrafo Único Os mandatos dos membros do Conselho Executivo Regional iniciam-se em 1º de Setembro do ano em que forem eleitos, terminando dois anos após, no dia 31 de agosto.

Seção III Da Competência

Artigo 58

Compete ao Conselho Executivo Regional:

- a) Cumprir e fazer cumprir o Estatuto, o Regulamento Geral da IDB as decisões da Assembléia Nacional, do Conselho Executivo Nacional, da Assembléia Regional, o EDGID e a legislação brasileira;
- b) Deliberar sobre a compra, venda, alienação, hipoteca, doação e permuta de bens imóveis para uso da administração regional e Igrejas Locais;
- c) Coordenar e disciplinar todas as atividades religiosas regionais, observadas as diretrizes nacionais;
- d) Propor ao Conselho Executivo Nacional a criação de Territórios Administrativos;
- e) Tratar de assuntos de interesse social.

Parágrafo Único É expressamente vedado aos membros do Conselho Executivo Regional prestar aval ou endossos em favor de terceiros, em nome da IDB.

Seção IV Das Competências Específicas

Sub-Seção I Da Competência do Supervisor Regional

Artigo 59

O Supervisor Regional é um Ministro Ordenado, eleito pela Assembléia Regional.

Artigo 60

Compete ao Supervisor Regional:

- a) Cumprir e fazer cumprir o Estatuto, Regulamento Geral da IDB as diretrizes da Assembléia Nacional, do Conselho Executivo Nacional, da Assembléia Regional, o EDGID e a legislação brasileira;
- b) Representar a Região Administração ativa e passivamente, em juízo e fora dele, junto às repartições federais, estaduais e municipais, autarquias, empresas públicas, entidades de economia mista e perante órgão administrativo, público ou particular e nas relações com terceiros;
- c) Comprar e vender, conforme critérios e limites determinados pelo Conselho Executivo Regional; confessar, firmar compromissos, receber, dar quitações;
- d) Constituir procuradores e advogados, conferindo-lhes poderes que julgar necessários, inclusive especiais de transigir, desistir, confessar, firmar compromissos, receber, dar quitações e substabelecer com ou sem reserva de poderes, nos limites de sua competência;
- e) Convocar e presidir as reuniões do Conselho Executivo Regional, do Concílio Regional e da Assembléia Regional;
- f) Abrir, movimentar e encerrar contas bancárias em conjunto ou separadamente com o 1º Secretário-Tesoureiro Regional;
- g) Dar ou revogar procurações específicas aos pastores titulares, diretores ou presidentes de órgãos e ou departamentos da sua região administrativa para abrir, movimentar e encerrar contas bancárias em nome da IDB;
- h) Dirigir, orientar e supervisionar os trabalhos dos supervisores distritais, pastores titulares, igrejas locais e demais ministros, na execução dos programas e atividades sociais da IDB, na sua região administrativa;
- i) Nomear e destituir os Pastores Titulares, Co-pastores, Supervisores de Distrito, Diretores dos Departamentos, Comitês e outros órgãos regionais;
- j) Direito de veto nas decisões do Concílio Regional, das Assembléias Regional e Locais, do Conselho Executivo Regional, das Diretorias Locais, dos órgãos e instituições da IDB na sua Região, contrárias ao Estatuto Social, ao Regulamento Geral, da IDB ao EDGID e à legislação brasileira.

Parágrafo Único Os atos causais translativos e os constitutivos de direitos reais sobre imóveis dependerão de aprovação do Conselho Executivo Regional, nos termos da alínea c, deste artigo.

Sub-Seção II Da Competência dos Secretários-Tesoueiros e Conselheiros Regionais

Artigo 61

Compete ao 1º Secretário-Tesoureiro Regional:

- a) Organizar, manter e supervisionar os serviços próprios e peculiares da

Secretaria, em relação à Assembléia Regional, ao Concílio Regional e ao Conselho Executivo Regional;

- b) Gerir recursos financeiros sob a orientação, coordenação e determinação do Supervisor Regional;
- c) Cuidar da administração ordinária da IDB, de comum acordo com o Supervisor Regional;
- d) Abrir, movimentar e encerrar contas bancárias em conjunto com o Supervisor Regional;
- e) Substituir interinamente o Supervisor Regional em suas ausências ou impedimentos.

Artigo 62

Compete ao 2º Secretário-Tesoureiro Regional:

- a) Auxiliar o 1º Secretário-Tesoureiro Regional no desempenho de suas funções;
- b) Substituir o 1º Secretário-Tesoureiro Regional em suas ausências ou impedimentos.

Artigo 63

Compete aos Conselheiros Regionais:

- a) Cuidar dos interesses da IDB e do ministério nos assuntos de competência do Conselho Executivo Regional;
- b) Exercer funções específicas conforme designação do Supervisor Regional.

Seção V Da eleição, impedimento e ausência do Conselheiro Regional

Artigo 64

Os Conselheiros Regionais são eleitos dentre os membros das categorias I e II, pelo Concílio Regional, e homologação pela Assembléia Regional.

Artigo 65

O número, forma de eleição, direitos e deveres dos Conselheiros do Conselho Executivo Regional estão determinados pelo EDGID e Regulamento Geral da IDB.

Artigo 66

Considera-se impedimentos:

- a) Desligamento do membros da IDB;
- b) Outros motivos que venham impossibilitar o exercício de suas funções.

Artigo 67

Considera-se ausência:

Viagens ao exterior com duração superior a trinta dias, e qualquer impossibilidade do exercício momentâneo, causal ou pessoal, previamente justificado, por escrito, pelo ausente.

TÍTULO VII DA ADMINISTRAÇÃO DISTRITAL

Capítulo I Conceito de Distrito

Artigo 68

Por Distrito, entende-se uma divisão eclesiástica dentro da administração regional, sob a coordenação de um Supervisor Distrital com atividade administrativa, conforme o EDGID e Regulamento Geral da IDB.

Capítulo II Da Nomeação do Supervisor Distrital

Artigo 69

O Supervisor Distrital é um Ministro Ordenado ou Licenciado, nomeado pelo Supervisor Regional, após ouvir os Ministros do Distrito, sendo seu mandato de dois anos, podendo ser nomeado indefinidamente.

Parágrafo Único O mandato do Supervisor Distrital terminará sempre que for substituído o Supervisor Regional, ou a qualquer tempo, sempre que o Supervisor Regional julgar necessário.

Seção Única Da Competência Específica do Supervisor Distrital

Artigo 70

Compete ao Supervisor Distrital:

- a) Cumprir e fazer cumprir o presente Estatuto, o Regulamento Geral da IDB as Diretrizes da Assembléia Nacional Regional, dos Conselhos Executivos Nacional e Regional, o EDGID e a legislação brasileira;
- b) Cuidar da administração do Distrito entregue à sua autoridade;
- c) Elaborar, juntamente com o pastor titular, a lista dos candidatos à diretoria local;
- d) Nomear e destituir os diretores distritais de departamentos, ouvindo o Pastor Titular e os diretores regionais;

- e) Presidir as reuniões trimestrais nas Igrejas Locais de seu distrito;
- f) Direito de veto nas decisões da Assembléia Local e Diretoria Local contrária ao Estatuto, Regulamento Geral da IDB ao EDGID, às decisões superiores e à legislação brasileira.

TÍTULO VIII DAS IGREJAS LOCAIS

Capítulo I Conceito de Igreja Local

Artigo 71

Por Igreja Local entende-se a unidade básica da administração regional, com comprovada idoneidade espiritual, administrativa e financeira, com número mínimo de trinta membros, sob a direção de um Pastor Titular, sob a orientação dos Supervisores Distrital e Regional e Conselho Executivo Regional, em conformidade com o Estatuto, o Regulamento Geral da IDB as diretrizes das Assembléias Nacional e Regional, dos Conselhos Executivos Nacional e Regional, o EDGID e a legislação brasileira.

Parágrafo Único Cada Igreja Local organizada deverá ter o número de CNPJ filial, mediante inscrição junto ao órgão competente.

Capítulo II Da Assembléia Local

Artigo 72

A Assembléia local da Igreja filiada, é constituída pelos membros locais, de acordo com o Estatuto, o Regulamento Geral da IDB e o EDGID.

Artigo 73

A Assembléia Local reúne-se ordinariamente a cada três meses e extraordinariamente sempre que, convocada pelo Supervisor Distrital, Regional ou Superintendente, ou Pastor Titular autorizado por um dos seus superiores.

Parágrafo Único As Assembléias ordinárias ou extraordinárias da Igreja Local, só poderão ser presididas pelo Pastor Titular, com autorização formal do Supervisor Distrital.

Artigo 74

A Assembléia Local se instala, funciona e delibera validamente com o mínimo de dois terços dos membros da Igreja Local em primeira convocação; em segunda e última convocação, trinta minutos depois, com qualquer número, deliberando por maioria simples dos presentes, salvo nos casos especiais prescritos no Artigo 59, inciso II, e parágrafo único, do Código Civil Brasileiro.

Artigo 75

Cabe a quem preside, o voto de desempate nas Assembléias Locais.

Parágrafo Único Ao sugerir, defender ou contrariar uma proposta, o Presidente deverá entregar a presidência ao substituto legal, devendo retornar somente após votada a proposta em questão.

Seção Única Da Competência da Assembléia Local

Artigo 76

Compete à Assembléia Local:

- a) Cumprir o Estatuto, o Regulamento Geral da IDB as decisões das Assembléias Nacional e Regional, dos Conselhos Executivos Nacional e Regional, o EDGID e a legislação brasileira;
- b) Eleger e destituir os membros da Diretoria Local, exceto o Pastor Titular e Co-Pastor nomeados pelo Supervisor Regional;
- c) Aprovar os relatórios gerais da Igreja Local;
- d) Tratar dos assuntos disciplinares dos membros da Igreja local, que lhes forem apresentados pela Diretoria Local;
- e) Aprovar o Orçamento Anual, proposto pela Diretoria Local.

Capítulo III Da Nomeação do Pastor Titular

Artigo 77

O Pastor Titular é nomeado pelo Supervisor Regional, de acordo com o que determina o Regulamento Geral da IDB sendo seu mandato de dois anos podendo ser nomeado sucessivamente

Parágrafo Único O Supervisor Regional fará, a cada dois anos, ou a qualquer momento a seu critério, avaliação do trabalho e atuação do Pastor Titular.

Capítulo IV Da Administração Local

Artigo 78

A Igreja Local será dirigida e administrada por uma Diretoria Local, que será assim constituída:

- a) Pastor Titular;
- b) 1º Secretário-Tesoureiro Local.

c) 2º Secretário-Tesoureiro Local.

d) Conselheiros Locais.

§ 1º O Co-Pastor, na Igreja Local que o tiver, desde que regularmente nomeado, terá lugar na composição da Diretoria Local.

§ 2º O modo de eleição, os membros elegíveis e outros aspectos relacionados à Diretoria Local atenderão ao prescrito no EDGID e Regulamento Geral da IDB

§ 3º É expressamente vedado aos membros da Diretoria Local prestar aval ou endossos em favor de terceiros em nome da IDB.

Seção I Da Eleição e Mandato da Diretoria Local

Artigo 79

A Diretoria Local, exceto o Pastor Titular, é eleita pela Assembléia Local, para um mandato de dois anos, podendo ser reeleita.

Seção II Da Competência da Diretoria Local

Artigo 80

Compete à Diretoria Local:

- a) Gerir todos os negócios e interesses administrativos, financeiros e espirituais da Igreja Local sob a orientação e coordenação do Pastor Titular;
- b) Elaborar o plano de ação anual, considerando as diretrizes superiores.

Sub-Seção I Da Competência Específica dos Órgãos da Diretoria Local

Artigo 81

Compete ao Pastor Titular:

- a) Cumprir e fazer cumprir o Estatuto, o Regulamento Geral da IDB as decisões superiores, o EDGID e a legislação brasileira;
- b) Cuidar juntamente com sua Diretoria Local da administração da Igreja Local entregue à sua autoridade;
- c) Nomear e destituir os Presidentes dos Departamentos, Comitês e outros órgãos da Igreja Local;
- d) Representar, por procuração do Supervisor Regional, a Igreja Local, ativa e passivamente, em juízo e fora dele, junto às repartições federais e municipais, autarquias, empresas públicas, entidades de economia mista e perante qualquer órgão administrativo, público ou particular e nas relações com terceiros;
- e) Dirigir a execução dos programas e atividades sociais;
- f) Presidir as reuniões da Diretoria Local;
- g) Abrir, movimentar e encerrar, com procuração específica do Supervisor Regional, contas bancárias em conjunto ou separadamente com o 1º Secretário-Tesoureiro Local em nome da IDB;
- h) Tratar de assuntos de interesse da Igreja Local;
- i) Comprar e vender, conforme critérios e limites determinados pela Assembléia Local;
- j) Convocar e presidir, com autorização do Supervisor Distrital, as reuniões da Assembléia Local;
- k) Orientar e supervisionar o trabalho dos departamentos locais, na execução dos programas e atividades sociais da Igreja Local;
- l) Direito de veto nas decisões da Assembléia Local e Diretoria Local, contrárias ao Regulamento Geral da IDB às decisões superiores, ao EDGID e à legislação brasileira.

Parágrafo Único É vedada ao Pastor Titular, sem autorização expressa por escrito do Conselho Executivo Regional, a compra, venda e a alienação de imóveis em nome da IDB.

Sub-Seção II Das Ausências ou Impedimentos do Pastor Titular

Artigo 82

Nas ausências ou impedimentos do Pastor Titular, havendo co-pastor este assumirá interinamente cabendo ao Supervisor Regional efetivá-lo ou nomear um outro substituto

Sub-Seção III - Da competência dos Secretários-Tesoureiros e Conselheiros Locais.

Artigo 83

Compete ao 1º Secretário-Tesoureiro Local:

- a) Organizar e manter em ordem todos os serviços de secretaria e arquivo da Igreja Local;
- b) Secretariar as reuniões da Diretoria Local
- c) Gerir as finanças da Igreja Local de conformidade com as orientações e determinações do Pastor Titular;

- d) Abrir, movimentar e encerrar, com procuração específica do Supervisor Regional, contas bancárias em conjunto com o Pastor Titular, em nome da IDB;
- e) Remeter ao Supervisor Regional Local o Relatório Estatístico e Financeiro mensal.

Artigo 84

Compete ao 2º Secretário-Tesoureiro Local:

- a) Colaborar com o 1º Secretário-Tesoureiro Local no desempenho de suas funções;
- b) Substituir o 1º Secretário-Tesoureiro em suas ausências ou impedimentos.

Artigo 85

Compete aos Conselheiros Locais:

- a) Cuidar dos interesses da Igreja Local e dos membros nos assuntos de competência da Diretoria Local;
- b) Exercer funções específicas conforme designação do Pastor Titular;
- c) Cumprir o que estabelece o EDGID.

TÍTULO IX DO BALANÇO PATRIMONIAL E DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS DA IDB

Capítulo Único Balanço Patrimonial e Demonstrações Contábeis

Artigo 86

Anualmente, em 31 de dezembro, será levantado e encerrado o Balanço Patrimonial da IDB, nas administrações nacional, regionais e locais, acompanhado das respectivas demonstrações contábeis.

TÍTULO X DOS RECURSOS ECONÔMICO-FINANCEIROS DA IDB

Capítulo Único Recursos Econômico-Financeiros

Artigo 87

Os Recursos Econômico-Financeiros serão provenientes:

- a) De suas atividades de comunicação social e cultural;
- b) De donativos de pessoas físicas e jurídicas;
- c) De dízimos e ofertas voluntárias dos fiéis;
- d) De eventuais rendimentos de seus bens.

Artigo 88

A totalidade dos Recursos Econômico-Financeiros previstos no artigo anterior será integralmente aplicada na consecução de suas finalidades.

TÍTULO XI DO PATRIMÔNIO SOCIAL DA IDB

Capítulo Único Patrimônio Social

Artigo 89

O Patrimônio Social da IDB é constituído por todos os bens móveis e imóveis de sua propriedade, adquiridos por compra, doação, legado ou qualquer outra forma mansa e pacífica, e por todos os direitos reais e pessoais que possua ou venha a possuir.

§ 1º Todos os bens móveis e imóveis adquiridos pela Igreja Local, deverão ter seus registros em nome da IDB

§ 2º É vedado à Diretoria da Igreja Local, vender, doar e permutar qualquer imóvel da IDB.

TÍTULO XII DA DISSOLUÇÃO OU EXTINÇÃO DA IDB

Capítulo Único Dissolução ou Extinção

Artigo 90

A dissolução ou extinção da IDB só poderá ser deliberada em Assembléia Nacional, especificamente convocada pelo Superintendente, para tal finalidade, com votos de dois terços de seus integrantes, nos termos do parágrafo único do art. 59 do Código Civil Brasileiro, e após aprovação de todas as Assembléias Regionais.

Parágrafo Único A dissolução ou extinção da IDB só será proposta quando esta não mais puder levar a efeito as finalidades expressas neste Estatuto Social.

Artigo 91

Em caso de dissolução, depois de pagos todos os compromissos, os bens da IDB reverterão em benefício de outra congênere, ou então, a Assembléia Nacional decidirá quanto ao destino de seus bens, após solvidos todos os compromissos.

TÍTULO XIII DOS CONSELHOS FISCAIS

Capítulo I Conselho Fiscal Nacional

Artigo 92

O Conselho Fiscal Nacional é constituído por cinco membros eleitos pela Assembléia Nacional, de entre os membros das categorias I e II, sendo os três

seguintes mais votados, seus suplentes.

§ 1º O membro eleito com maior número de votos, será o Presidente.

§ 2º O mandato do Conselho Fiscal Nacional será coincidente com o mandato do Conselho Executivo Nacional.

§ 3º Em caso de vacância o mandato será assumido pelo respectivo suplente, até o seu término.

Artigo 93

Compete ao Conselho Fiscal Nacional:

- a) Examinar os livros de escrituração da IDB e seus respectivos órgãos e departamentos nacionais;
- b) Examinar o balancete anual apresentado pelo 1º Secretário-Tesoureiro Nacional opinando a respeito;
- c) Apreciar os balanços e inventários que acompanham o relatório anual do Conselho Executivo Nacional;
- d) Encaminhar, por escrito, parecer à Assembléia Nacional.

Parágrafo Único Os critérios técnicos para atuação do Conselho Fiscal Nacional obedecem a legislação em vigor e o Regimento Interno dos Conselhos Fiscais da IDB.

Artigo 94

O Conselho Fiscal Nacional poderá solicitar assessoramento de técnicos e peritos para aprovação das peças contábeis.

Artigo 95

O Conselho Fiscal Nacional reúne-se anualmente ordinariamente no primeiro semestre do ano civil.

Capítulo II Conselho Fiscal Regional

Artigo 96

O Conselho Fiscal Regional é constituído por cinco membros eleitos pela Assembléia Regional, dentre os membros das categorias I e II, sendo os três seguintes mais votados, seus suplentes.

§ 1º O membro eleito com maior número de votos, será o Presidente.

§ 2º O mandato do Conselho Fiscal Regional será coincidente com o mandato do Conselho Executivo Regional.

§ 3º Em caso de vacância o mandato será assumido pelo respectivo suplente, até o seu término.

Artigo 97

Compete ao Conselho Fiscal Regional:

- a) Examinar os livros de escrituração da IDB Regional e seus respectivos órgãos e departamentos regionais;
- b) Examinar o balancete anual apresentado pelo 1º Secretário-Tesoureiro Regional opinando a respeito;
- c) Apreciar os balanços e inventários que acompanham o relatório anual do Conselho Executivo Regional;
- d) Encaminhar, por escrito, parecer à Assembléia Regional.

Parágrafo Único Os critérios técnicos para atuação do Conselho Fiscal Regional, obedecem a legislação em vigor e o Regimento Interno dos Conselhos Fiscais da IDB.

Artigo 98

Os Conselhos Fiscais Regionais poderão solicitar assessoramento de técnicos e peritos para aprovação das peças contábeis.

Artigo 99

Os Conselhos Fiscais Regionais reúnem-se anualmente ordinariamente no primeiro semestre do ano civil.

Capítulo III Conselho Fiscal Local

Artigo 100

O Conselho Fiscal Local é constituído, no mínimo, por três membros eleitos pela Assembléia Local, sendo os três seguintes mais votados, seus suplentes.

§ 1º O membro eleito com maior número de votos, será o Presidente.

§ 2º O mandato do Conselho Fiscal Local será coincidente com o mandato da Diretoria Local.

§ 3º Em caso de vacância o mandato será assumido pelo respectivo suplente, até o seu término.

Artigo 101

Compete ao Conselho Fiscal Local:

- a) Examinar os livros de escrituração da IDB Local e seus respectivos órgãos e departamentos locais;
- b) Examinar o balancete anual apresentado pelo 1º Secretário-Tesoureiro Local opinando a respeito;
- c) Apreçar os balanços e inventários que acompanham o relatório anual da Diretoria Local;
- d) Encaminhar, por escrito, parecer à Assembléia Local.

Artigo 102

Os Conselhos Fiscais Locais poderão solicitar assessoramento de técnicos e peritos para aprovação das peças contábeis.

Artigo 103

Os Conselhos Fiscais Locais reúnem-se de acordo com o Regimento Interno dos Conselhos Fiscais da IDB.

TÍTULO XIV DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Artigo 104

A Igreja não remunera os membros do Conselho Executivo Nacional, Conselho Executivo Regional e demais órgãos, pelo exercício de seus cargos ou funções, a nenhum título ou pretexto.

Artigo 105

Este Estatuto Social poderá ser reformulado total ou parcialmente, por proposta do Conselho Executivo Nacional, deliberação do Concílio Geral e homologação em Assembléia Nacional convocada para tal fim pelo Superintendente, exigindo-se que a aprovação seja de dois terços dos presentes à reunião.

Parágrafo Único - A Assembléia Nacional é convocada, para o fim acima, com antecedência

de trinta dias, através de Carta Circular, Publicações Nacionais e Edital no Diário Oficial da União.

Artigo 106

Dentro de suas especialidades e possibilidades a IDB poderá firmar convênios ou contratos com outras instituições congêneres ou afins, para a assistência educacional, cultural, artística, religiosa, assistencial, beneficente, filantrópica e de promoção humana.

Artigo 107

Os direitos e deveres dos Oficiais nacionais, regionais e locais não previstos neste Estatuto Social, serão regidos pelo Regulamento Geral da IDB e pelo EDGID.

Artigo 108

Os critérios de julgamento e decisão sobre as relações familiares serão os definidos pelo EDGID, pelo Regulamento Geral da IDB e pela Bíblia, corretamente interpretada.

Artigo 109

Os casos omissos serão resolvidos pelo Conselho Executivo Nacional, cabendo recurso à Assembléia Nacional, considerada a competência do Concílio Geral.

Artigo 110

O presente ESTATUTO SOCIAL entrará em vigor em 1º de janeiro de 2004,

revogado o Estatuto anterior e todas as suas alterações.



Ilustração 7: Ilustração 1: Cartaz de Divulgação do Café com Hip Hop com apoio de patrocinadores, incluindo a prefeitura de Juiz de Fora

ANEXO 07 – CARTAZ NOSSA MÚSICA



Ilustração 8: Ilustração 1: Cartaz de evento Terças Musicais, promovido pela Prefeitura de Juiz de Fora, divulgando eventos de Hip Hop. Dentre eles a apresentação do Ministério Galera de Cristo

ANEXO 08 – CARTAZ CAFÉ COM HIP HOP

Segunda Edição

CAFE COM HIP HOP

Grupos: + 1.

Expressão e Arte
Rew
Cultura de Rua
FOX
JB. B Boys
Jc e Projeto +
Império Cristão
Eddy Alves

Dj's.
TIAGO
BILLY MAX

Participação Especial
RD (Parati - R.J)

Apoio :

Juiz de Fora
SECRETARIA DE POLITICA SOCIAL FVNALFA
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA MASCARENHAS

LOCAL: Centro Cultural Bernardo Mascaranha
Data: 30/03/07 Horário: 19:00 Hs.

Arte - Zcomunicação (032)88121433

Ilustração 9: Ilustração 1: Cartaz produzido pelos próprios integrantes do movimento Hip Hop para divulgar o Café com Hip Hop

ANEXO 09 – JAQUETA USADA PELOS MEMBROS DO MINISTÉRIO GALERA DE CRISTO



Ilustração 4: Ilustração 1: A estética, principalmente valorizada nas vestimentas, é presença constante entre os membros do movimento Hip Hop: seja ele Gospel ou não.

001/07 Desvios (romance)
Darlan de Oliveira Gusmão Lula
Literatura / Romance
Valor Contemplado: R\$ 5.890,00

002/07 Comunidade Amparada
Antônio Januário Tavares Júnior
Música / Gospel
Valor Contemplado: R\$ 14.162,00

075/07 Café com Hip-Hop
Rafael Toti
Outras / Hip Hop
Valor Contemplado: R\$ 8.953,28

076/07 2 (não pares)
Carolina de Oliveira Barreto
Literatura / Poesia
Valor Contemplado: R\$ 6.677,20

077/07 Livro Vivo - Negras Memórias da Princesa de Minas
Gilmara Santos Mariosa
Patrimônio / Memória Social e Urbana
Valor Contemplado: R\$ 13.172,36

079/07 Kika canta Minas
Christiane Corrêa Tristão
Música / Popular
Valor Contemplado: R\$ 20.000,00

080/07 Poesia em foco - leitura transformadora
Cátia Aparecida Lopes Nazareth
Literatura / Poesia
Valor Contemplado: R\$ 4.374,46

090/07 Histórias do tempo de lá - Vol. II - Livro "Girassóis"
Itamar Dias Ferreira
Literatura / Relatos
Valor Contemplado: R\$ 6.876,00

[A lista completa dos projetos contemplados está disponível no site da Prefeitura de Juiz de Fora \(www.pjf.mg.gov.br\)](http://www.pjf.mg.gov.br)

ANEXO 11 – MATÉRIA TRIBUNA DE MINAS

Gabo do andaime Pedreiro morre eletrocutado na Andradas

O pedreiro Altair de Souza, 36 anos, morreu eletrocutado após terminar um serviço de recolocação de pastilhas no prédio de número 995, na Avenida dos Andradas. O acidente ocorreu por volta das 15h quando o cabo de aço do andaime móvel em que ele estava encostou em fios da rede elétrica. Segundo testemunhas, houve um grande clarão e estroando no momento do incidente.

De acordo com o síndico do prédio, João Luiz Dias Moreira, 42, o pedreiro iniciou o trabalho às 14h e contou com a ajuda de um auxiliar, que ainda não havia sido identificado pela polícia. "Ele não chegou a cair do andaime. Quando ocorreu o choque ele já estava no chão, recolhendo os equipamentos", disse o síndico. A vítima prestava serviços como autônomo para o condomínio. Até o fechamento da edição o corpo encontrava-se no local, aguardando a chegada da perícia. Ele seria encaminhado para o Instituto Médico Legal (IML) para que as causas da morte fossem apuradas.

Etc...

NAS GRANJAS BETHÂNIA Lobo-guará é encontrado em porão de casa

As queimadas, frequentes nos últimos dias, estão colocando em risco animais em extinção que vivem na região. Ontem, mais um lobo-guará foi encontrado, desta vez nas Granjas Bethânia.

Contraponto à violência

Jovens buscam cultura e religião para mudar realidade da periferia

Grupos trabalham na construção da identidade e no fortalecimento da auto-estima

TÂMARA LIS

REPORTER

"S e a ferida nasceu na comunidade é preciso que também existe o analgésico." As palavras são de um dos rapazes que, vivendo em bairros frequentes nas páginas policiais, busca na valorização da cultura local formas de afastar os jovens da marginalização e da criminalidade. O rapper MV (Mensageiro da Verdade) Bill esteve no mês passado em Juiz de Fora participando da terceira edição do evento Agosto Negro e fez questão de destacar a existência de muitos "Mensageiros da Verdade" na cidade, divulgando seus trabalhos.

Um desses jovens, Wáldir de Freitas Nascimento, 24 anos, o Eré, morador do Bairro São Benedito, chegou a passar por instituições de recuperação de menores em 1994, pouco depois de seu primeiro contato com as drogas. "Quando fiz 11 anos, ganhei de presente uma pistola e 1kg de cocaína para vender". Eré conta ter decidido dar no rumo à vida após um baile em 7 de setembro de 1998 quando se envolveu em uma briga violenta, com troca de tiros entre galeras rivais. "É mais fácil conseguir arma, drogas e

Angelo Pissou



EXEMPLOS VITORIOSOS:

Os jovens da PZP, Eré (o quarto da esquerda para direita), Zói (atrás de Eré) e CLP (o primeiro, abaixo, da esquerda para a direita), viajam para conhecer a realidade de outras cidades

História de possibilidades

Quando perguntado sobre o efeito desta mudança em sua vida e de toda a família, Eré responde de imediato: "Agora minha mãe dorme". Reflexos semelhantes foram sentidos nas famílias de Alessandro Rodrigues Lima, 23, o Zói, e Carlos dos Palmares, 23, o CLP, também integrantes da PZP. Alessandro conta que, no Bairro São Benedito, onde mora, a realidade é dura. "As crianças

que não ia sobreviver, jurou não voltar mais à vida do crime. E não voltou. Junto com amigos, fundou a Posse de Hip Hop Zumbi dos Palmares (PZP), que conta com 15 integrantes e atua em cinco núcleos, na Vila Esperança II, no Santa Cândia, no Ipiranga, em Santa Cecília e no Vale Verde.

"Os bairros foram selecionados pelo levantamento de áreas de risco, feitas pelo JF nos Trilhos da Paz. Nesses núcleos, traba-

Religião é apoio para mudanças

A Zona Norte de Juiz de Fora, frequentemente lembrada pelos altos índices de violência, também é cenário de reuniões de jovens, que tentam por meio da religião, mudar o quadro vivido pela comunidade.

Um exemplo é o grupo "Missão Divina" que se reúne para promover eventos de oração e reflexão sobre as condições de vida dos jovens. Um dos coordenadores do grupo Cristian Bersan, ressalta que o Missão Divina não está sozinho e que há, pelo menos, dois outros grupos desenvolvendo trabalhos semelhantes na Zona Norte.

Na Zona Sul, a missão é do grupo Galera de Cristo. Segundo seu fundador, Jefferson da Silva Januário, o Negro Bussola, a intenção não é arrebatar féis e sim apresentar outra alternativa de vida para os jovens de periferia.

"Queremos que eles tenham contato com boas condutas; se quiserem se converter será consequência." O Galera de Cristo esteve entre os vencedores da promoção Show de Talentos, da TV Alterosa, com a música "Até quando?", composta por Negro Bussola. A Galera já obteve o primeiro civil

obteve o primeiro civil

ção que vivem na região. Ontem mesmo um lobo-guará foi encontrado, desta vez nas Granjas Bethânia. Segundo o cabo Almir Alvim, da Polícia do Meio Ambiente, o lobo foi localizado por um morador no porão de sua casa. Após a verificação do estado de saúde, foi solto na Remonta, perto da Mata do Krambeck.

ARMA E MUNIÇÃO

Revólver calibre 22 é apreendido com menino de 15 anos

Um revólver calibre 22 e sete cartuchos intactos foram apreendidos, no sábado, na esquina das ruas Batista de Oliveira e Santa Rita, com um adolescente de 15 anos. A arma e a munição foram levadas para a Delegacia de Santa Terezinha, onde foi feito termo circunstancial de ocorrência (TCO) para que ele se apresente, posteriormente, à Justiça da Infância e da Juventude.

MANIFESTAÇÃO NO CENTRO

Passeata reúne crianças em alerta contra drogas

Uma passeata, com o lema "Diga não às drogas, enfrentando os problemas causados por cigarro e álcool, pegou de surpresa quem passava pelo Calgádo da Halfeld na tarde de sábado. O evento, promovido pela Igreja Adventista do Sétimo Dia, reuniu cerca de 250 pessoas, incluindo crianças de 6 a 15 anos, membros da igreja e da sociedade civil.

INSEGURANÇA

Homem armado com revólver assalta loja

A loja Wild Beast, localizada na Rua Batista de Oliveira, no Centro, foi assaltada na sexta-feira, por volta das 19h30. Uma das vendedoras do estabelecimento contou à PM que um homem moreno, trajando calça jeans e camiseta azul, entrou e depois de ameaçá-la de morte com um revólver, roubou R\$ 870 e um óculos de sol. O assaltante fugiu em direção à Rua Santa Rita e não foi localizado.

ros entre galeras rivais. "É mais fácil conseguir arma, drogas e um copo de cachacha, do que um prato de comida ou um litro." Nesse dia, Eré, pensando

risco, feitas pelo JF nos Trilhos da Paz. Nesses núcleos, trabalhamos com os quatro elementos do hip hop: rap, grafite, break e Dj."

Alessandro conta que, no dia 10 de maio, em São Benedito, onde mora, a realidade é dura. "As crianças vêem que os carros e casas de traficantes são os melhores, então, precisamos fazer o contra-

composta por Negro Bússola. A Galera já obteve o registro civil e se prepara para ser reconhecida como ONG.

Luiz Vinício, filho e Reginaldo (Escola Cândido Mota Filho), do Flavinho da Juventude, da Adenilde (Rádio Mega) e tantos outros", exemplifica Eré.

Entrevista: Negro Bússola

'Enfrentei preconceito duplo, por ser negro e por ser evangéico'

perder um amigo, fundou a Galera de Cristo, um grupo de funkbeats que presta assistência aos bairros Vale Verde, Santa Luzia, Bela Aurora, Ipiranga, Santa Efigênia, além de manter contato com frequentadores de bailes funk.

Quando o que se apresenta é uma realidade dura e cheia de impossibilidade, mudar de lado não é fácil. Jefferson da Silva Januário, 30 anos, o Negro Bússola, como é conhecido, é um exemplo disso. Há nove anos, após

- **Tribuna** - Quando surgiu a Galera de Cristo?
- **Negro Bússola** - Há nove anos, quando tentei aliar o hip-hop à religião e trazer meus irmãos ao equilíbrio, distante das drogas. No começo, sofri preconceito por parte dos féis que diziam que eu queria levar o mundo para dentro da Igreja. Mas hoje existem cerca de 60 pessoas na Galera de Cristo.

- **E como os funkbeats receberam esse trabalho?**
- Na verdade, até hoje eles estão de olho tentando pegar um erro meu. Eles são uma estatística e querem que ela seja comprovada. Alguns falavam "ah, você não vai agüentar muito tempo, você vai voltar para as drogas, vai voltar para o roubo, para a criminalidade, seu lugar é aqui". Me preocupei em estudar e me preparar, mas levou tempo. E foi aí que descobri que na periferia há muitas feridas, mas que lá também está o próprio analgésico. Não da forma que age o poder público, que tenta implantar na periferia o balé, que não é a cultura de lá. A periferia tem arte, mas não é óleo e tela, é o grafite.

- **Na sua opinião, o insucesso de muitos programas assistenciais se baseia neste fato, de tentar falar com a comunidade, desprezando a sua linguagem?**
- Como dizem os Racionais MCs, a grã não é coisa de malandro, é o diálogo da periferia. Eu acho que o hip hop mantém viva essa chama e cria uma cultura que, infelizmente, já está sendo sugada por alguns como se suga o suco de uma laranjã.

"A periferia tem arte, mas não é óleo e tela, é o grafite"

vive. Como se cala uma família faminta? Um filho que vê o pai chegado bêbado e fazendo farrã em casa?

- **Faliam exemplos de negros e pessoas da periferia?**
- Muito. Vêja os carzões de combate à exploração sexual infantil por exemplo. Quem são aquelas pessoas? Com quais delas minhas alunas que já tem dois fi-

lhos com o padrasto, ou que são abusadas por outro parente, se identificam? Por que não colocar um MV Bill, Negro Bússola, Adenilde (Rádio Mega), Mc Marcinho, pessoas com as quais esses jovens se identificam e por quem tenham respeito. Falta enxergar o negro. Falta enxergar o pobre.

- **E quando você decidiu abandonar a vida que levava e começar esse trabalho de resgate dos jovens da periferia?**

- Foi quando perdi um amigo, que poderia ser atleta, se destacara, mas que se matou tentando fugir da polícia, morreu em cima de um muro. De repente, do outro lado do muro, seria a transformação da vida dele. Perdi vários amigos, não só na vida criminosa mas também em acidentes, balas perdidas. Hoje agradeço a Deus por cada dia. Porque a gente não sabe o que nos aguarda na esquina.

- **Muitos jovens preferem o crime. Qual é maior dificuldade no resgate desses jovens?**

- A grande dificuldade é a auto-estima. Eu trabalho em uma instituição que, sem motivos, acabou com as aulas de hip hop, que atendia a 70% das crianças inscritas. A auto-estima do menino é lapidada mas, depois, decepada, porque tudo que ele acreditou foi rompido brutalmente. Mas estamos começando as obras da nossa Casa de Cultura do Hip Hop, onde serão desenvolvidas várias atividades, incluindo sala para funcionamento dos Alcoolatras Anônimos. Precisamos de profissionais que queiram nos ajudar.



Antonio Otoni/Quero/216-011-05



Ilustração 5: Negro Bussola é entrevistado após resultado do Show de Talentos da TV Alterosa

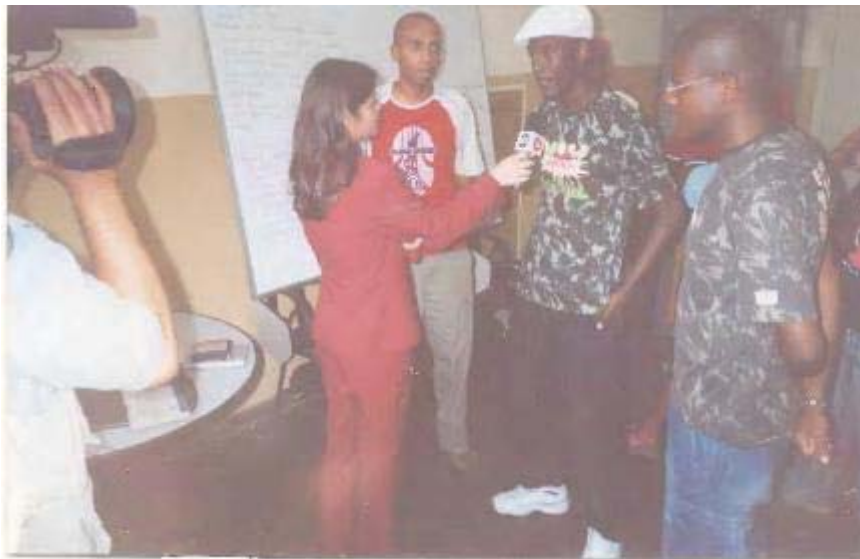


Ilustração 6: Membros do Ministério Galera de Cristo falam sobre o trabalho de evangelização através do Hip Hop



Ilustração 7: Os membros do Ministério Galera de Cristo são entrevistados em rádio evangélica de Juiz de Fora